



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Laure Marie Perez

**COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO ANTIGO MUSEU
DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

Relatório de Estágio do Mestrado em Arqueologia e Território, orientado pela Professora Doutora Raquel Vilaça e coorientado pela Professora Doutora Ana Maria Silva, apresentado ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Outubro de 2022

FACULDADE DE LETRAS

COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO ANTIGO MUSEU DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	Coleções Arqueológicas do antigo Museu do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra
Autora	Laure Marie Perez
Orientadoras	Professora Doutora Raquel Maria da Rosa Vilaça Professora Doutora Ana Maria Gama da Silva
Júri	Presidente: Doutor Ricardo Jorge Costeira da Silva Vogais: 1. Doutor Domingos de Jesus Cruz 2. Doutora Raquel Maria da Rosa Vilaça
Identificação do Curso	2º Ciclo em Arqueologia e Território
Área científica	Arqueologia
Especialidade/Ramo	Arqueologia Proto-história
Data da defesa	10 de outubro de 2022
Classificação do Relatório	18 valores
Classificação do Estágio e Relatório	18 valores

Agradecimentos

No decorrer deste trabalho de investigação foram vários os incentivos e apoios recebidos, sem os quais não teria sido fácil concluir este projeto, considerando que este relatório não resulta unicamente de um esforço individual. A todos que me apoiaram e ajudaram nesta jornada, deixo o meu expresso agradecimento!

À Professora Raquel Vilaça, à minha orientadora neste estágio, pela formação e aprendizagem ao longo do meu percurso académico, pela disponibilidade no esclarecimento de dúvidas, nos conselhos, sugestões e críticas construtivas que me permitiram evoluir ao longo destes anos.

À Professora Ana Maria Silva, minha coorientadora neste estágio, pelo apoio, disponibilidade e esclarecimento de dúvidas, que facilitaram a minha interação e integração com o antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.

Ao Dr. José Luís Madeira, pela dedicação, paciência e apoio que entrega a toda a gente, nas horas de “crises artísticas”.

A todos os outros professores que contribuíram para o meu enriquecimento pessoal e académico.

No que concerne estas, preciso de expressar um agradecimento muito especial. À Denise Silva e ao Bruno Reginaldo, pelas longas conversas de incentivo e auxílio e à grande amizade demonstrada ao longo deste percurso. E ao Pedro Baptista, cuja disponibilidade permanente remete para conselhos, incentivos e sugestões, que ajudaram sem dúvida no meu enriquecimento profissional.

À Madalena Sousa, minha colega, amiga e afilhada de curso, pelo apoio persistente, a ajuda, os conselhos e esta amizade constante.

Aos meus amigos, Carolina, Maria Helena, Adriana, Bruno, Bernardo, Ana Jorge, Pedro, Margot, David, e muitos mais, que de alguma forma contribuíram para que este percurso fosse mais fácil, sobretudo pela transmissão de forças. Obrigada a todos pela amizade, apoio, conhecimento, nesta linda cidade que é Coimbra.

À minha família; aos meus pais pelo apoio incondicional, trocas de ideias, conselhos, disponibilidade e estabilidade que me permitiram prosseguir e dedicar-me a este trabalho. Aos

meus irmãos por todo o carinho, apoio e auxílio que tiveram comigo desde de sempre. Obrigada pela paciência e por tudo.

Aos meus sogros pelo incentivo constante, e a ansiedade de terminar este ciclo com brilho.

E por último, mas não menos importante, ao Sérgio, o melhor de mim, por tudo.

Resumo

“Coleções Arqueológicas do antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra”

Em 1883 é introduzida a cadeira de Antropologia, Paleontologia Humana e Arqueologia Pré-histórica da Faculdade de *Philosophia* Natural da Universidade de Coimbra e com ela é criado o Museu e Laboratório de Antropologia. A partir desse momento, o museu torna-se um repositório de materiais antropológicos e arqueológicos de diversos sítios. Em 1911, com a criação do Museu Nacional Machado de Castro, o Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra é encerrado e parte do seu espólio é transferido para o novo museu, contudo alguns dos artefactos foram transferidos para o Museu e Laboratório de Antropologia.

Atualmente, a reserva do antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, dispõe de materiais arqueológicos que pertenciam ao antigo Museu de Antiguidades do Instituto, materiais recuperados em contexto de escavação e prospeção e outros materiais que se desconhece o seu contexto de recolha. Enquanto o Museu e Laboratório de Antropologia recebia os materiais arqueológicos, que se tenha conhecimento, não foi elaborado um inventário ou catálogo com informações sobre esses materiais que este tinham armazenado ao longo dos anos, logo alguns dos materiais que se encontram depositados na reserva são inéditos para a comunidade científica.

Encarando a falta de um registo metodológico sobre o depósito dos materiais arqueológicos na reserva do antigo Instituto de Antropologia, este relatório visa o rastreamento do percurso destes materiais, desde o sítio de proveniência até serem depositados na reserva. Este trabalho é um contributo nesse sentido, ao mesmo tempo que expressa a importância de um registo rigoroso para a manutenção de dados arqueológicos, pois os materiais sem o registo do seu contexto perdem o seu significado decifrável, transformando-se em meros objetos em vez de documentos históricos. Infelizmente, boa parte das coleções analisadas não têm contexto conhecido, pois resultam de achados muito antigos e, provavelmente, feitos por não arqueólogos. De algumas nem a proveniência foi possível determinar. Mas o balanço que fazemos face ao que se sabia antes e o que se sabe agora permite-nos dizer que valeu a pena.

Palavras-chave: Antigo Instituto de Antropologia; materiais arqueológicos; inventário; Universidade de Coimbra; sítios arqueológicos.

Abstract

“Archaeological Collections of the former Institute of Anthropology of the University of Coimbra”

In 1883, the Chair of Anthropology, Human Paleontology and Prehistoric Archeology was introduced at the Faculty of Natural Philosophia of the University of Coimbra and with it the Museum and Laboratory of Anthropology was created. From that moment on, the museum becomes a repository of anthropological and archaeological materials from different sites. In 1911, with the creation of the Machado de Castro National Museum, the Museum of Antiquities of the Institute of Coimbra is closed and part of its estate is transferred to the new museum, however some of the artefacts were transferred to the Museum and Laboratory of Anthropology.

Currently, the reserve of the former Institute of Anthropology of the University of Coimbra has archaeological materials that belonged to the former Museum of Antiquities of the Institute, materials recovered in the context of excavation and prospecting and other materials whose context of collection is unknown. While the Museum of Anthropology received the archaeological materials, to our knowledge, an inventory or catalog was not prepared with information about these materials that it had stored over the years, so some of the materials that are deposited in the reserve are unpublished. for the scientific community.

Faced with the lack of a methodological record on the deposit of archaeological materials in the reserve of the former Instituto de Antropologia, this report aims to trace the course of these materials, from the place of origin until they are deposited in the reserve. This work is a contribution in that sense, while at the same time it expresses the importance of a rigorous record for the maintenance of archaeological data, as materials without the record of their context lose their decipherable meaning, becoming mere objects instead of historical documents. Unfortunately, most of the collections analyzed have no known context, as they result from very old findings, made, probably, by non-archaeologists. It was not even possible to determine the origin of some. But the balance we make in relation to what was known before and what is known now allows us to say that it was worth it.

Keywords: former Institute of Anthropology; archaeological materials; inventory; University of Coimbra; archaeological sites;

ÍNDICE

Resumo

Abstract

Agradecimentos

1 – Introdução.....	1
2 – Objetivos e metodologia.....	3
3 – Desenvolvimento do estágio: O antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.....	5
3.1- Instituto de Antropologia: Criação, desenvolvimento e fim.....	5
3.2 - O acervo do antigo Instituto de Antropologia.....	6
3.2.1 - Organização do espaço.....	6
3.2.2 -Tempo dedicado no acervo.....	9
3.2.3 - Condições de realização.....	11
4 – A coleção do acervo.....	13
4.1 - Sítios identificados no acervo.....	13
4.2 - Sítios com material arqueológico.....	14
4.2.1 – Alapraia.....	15
4.2.2 – Antigos Cemitérios de Cascais.....	15
4.2.3 – Cabeço da Mina.....	16
4.2.4 – Cabeço do Samouco.....	17
4.2.5 – Campo Maior.....	17
4.2.6 – Casalinho (Vide Figueira da Foz).....	18
4.2.7 – Castro de Nandufe.....	19
4.2.8 – Caverna dos Ramalhais.....	20
4.2.9 – Covão das Chamarras.....	20
4.2.10 – Esmolfe.....	21
4.2.11 – Figueira da Foz.....	23

4.2.11.1 - Antas das vizinhanças de Brenha. Objectos dos arredores de Quiaios, Cabanas, Brenha, Tavarede, Alhadas e Fontela.....	25
4.2.11.2 – Arredores da Cumieira.....	25
4.2.11.3 - Cabeço dos Moinhos.....	26
4.2.11.4 - Fontela.....	26
4.2.11.5 – Megalíticos das Carniçosas.....	26
4.2.11.6 – Vizinhanças de Alhadas.....	27
4.2.12 – Fonte Santa.....	27
4.2.13 – Gruta do Medronhal.....	30
4.2.14 – Gruta do Moniz.....	32
4.2.15 – Maiorca e Gatões.....	35
4.2.16 – Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra.....	34
4.2.17 – Oliveira do Conde.....	34
4.2.18 – Origem desconhecida, contas.....	35
4.2.19 – Origem desconhecida, machado de bronze.....	35
4.2.20 – Origem desconhecida, Oferta de Armando Reis Moura.....	36
4.2.21 – Ota.....	36
4.2.22 – Parada de Gonta.....	37
4.2.23 – Quinta de Nossa Senhora da Luz.....	38
4.2.24 – Trouxemil.....	39
4.2.25 – Várzea do Lírio.....	39
4.2.26 – Vila Nova de São Pedro.....	40
4.3 - Um conjunto de materiais do antigo Instituto de Antropologia: Caverna dos Ramalhais.....	42
4.3.1 – Descrição e comentários das peças.....	43
5 – Notas Finais.....	46
Bibliografia.....	48

Anexos

Anexo I - Cronograma

Anexo II – Percentagem do tipo de materiais arqueológicos presentes no antigo Instituto de Antropologia

Anexo III – Inventário

- 1- Modelo
- 2- Introdução
- 3- Inventário dos sítios identificados na reserva
- 4- Inventário dos sítios com material arqueológico

Anexo IV - Mapa

Anexo V – Tabelas complementares

Anexo VI – Fotografias

- 1- O antigo Instituto de Antropologia: espaço e armazenamento
- 2- Materiais arqueológicos da reserva do antigo Instituto de Antropologia
- 3- Etiquetas

Anexo VII – Caverna dos Ramalhais: desenhos e fotografias

1. Introdução

O presente relatório refere-se ao estágio realizado no edifício Colégio de S. Bento, do Departamento de Ciências da Vida, da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, no âmbito do Mestrado em Arqueologia e Território sob a orientação científica da Professora Doutora Raquel Vilaça e sob a coorientação da Professora Doutora Ana Maria Silva.

Fundado nos finais do século XIX, o Instituto de Antropologia da UC reuniu diversos materiais arqueológicos ao longo da sua atividade. Desprovidos de um inventário sistemático e rigoroso de raiz, a dissolução do Instituto de Antropologia efetivou a perda de um importante manancial informativo, nomeadamente no que toca à origem ou proveniência de alguns materiais, elementos fundamentais para a sua contextualização e estudo. Neste sentido, os trabalhos desenvolvidos no âmbito deste estágio objetivaram a inventariação do espólio depositado no antigo Instituto de Antropologia da UC, em parte inédito. Procuramos recuperar as informações possíveis e valorizar as etapas mais recentes da sua biografia cultural.

O planeamento e organização deste trabalho estruturou-o em 5 capítulos respetivamente subdivididos, sendo o Capítulo 2 dedicado aos nossos objetivos e à metodologia empregue para a realização deste relatório.

Com intuito de entender os trabalhos desenvolvidos e os resultados obtidos ao longo do estágio, consideramos pertinente dividi-lo em três partes distintas. A primeira abrange o Capítulo 3, dedicado aos momentos históricos e temporais mais pertinentes do antigo Instituto de Antropologia, desde a sua fundação até à sua dissolução (cf. subcap. 3.1.). De seguida, ainda compreendido na primeira parte, são abordadas as instalações atuais onde se encontra o espólio arqueológico do antigo Instituto de Antropologia, desde a sua localização no edifício à organização do acervo (cf. subcap. 3.2.1.). É neste espaço onde se concentra o trabalho aqui apresentado, sendo imprescindível ter em consideração as tarefas realizadas, e o tempo dedicado a estas, (cf. subcap. 3.2.2.) bem como as condições para a execução deste estágio (cf. subcap. 3.2.3.).

O que se considera como segunda parte deste relatório, dedica-se inteiramente às informações obtidas no acervo e aos resultados das pesquisas, enquadrados no Capítulo 4. Num primeiro momento é apresentado o total de coleções identificadas no acervo, sejam estas compostos por materiais arqueológicos, antropológicos ou ambos (cf. subcap. 4.1.), salientando alguns traços do enquadramento geográfico e da cronologia destas coleções. Seguiu-se um registo

individual para cada coleção que contém materiais arqueológicos no Subcapítulo 4.2, abordando os aspetos fundamentais a fim de os articular com os nossos objetivos. Realizando esta articulação, procurámos reconstituir a biografia cultural de cada conjunto de materiais arqueológicos.

No Subcapítulo 4.3 está presente o que consideramos a terceira parte deste relatório. Debruçamo-nos sobre alguns dos materiais arqueológicos da Caverna dos Ramalhais (cf. subcap. 4.2.8.), selecionado como caso de estudo. Neste ponto é descrita a amostra de materiais, expondo as condições definidas para a seleção dos materiais estudados, seguindo-se da análise dos atributos tecnológicos, morfológicos e estilísticos. Sendo assim, pretende-se neste ponto apresentar uma análise que recai sobre uma das coleções de materiais arqueológicos do antigo Instituto de Antropologia da UC.

O Capítulo 5 consagra-se às notas finais, onde será dado o nosso ponto de vista sobre a realização deste trabalho, como as nossas conclusões e sugestões.

2. Objetivos e metodologias

Uma investigação científica requer uma linha orientadora focada em objetivos previamente planeados como roga para uma metodologia categórica, que deve ser incondicionalmente compreendida e aplicada em qualquer trabalho científico, nomeadamente quando este tem objetivos intrincados de atingir.

Como não poderia ser diferente, este relatório de estágio tem como pilar objetivos e princípios metodológicos claros. O foco principal parte no entender da presença dos materiais arqueológicos que se encontram no antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, sendo este um processo complexo tendo em conta que estes carecem de um registo integral. Para tal estruturou-se um procedimento metódico e objetivo, baseado em princípios arqueológicos basilares e transdisciplinares, que permitisse reunir condições convenientes para a elaboração deste relatório.

No começo existe o primeiro contacto com o espaço onde estão armazenados os materiais arqueológicos. O início deste projeto, prosseguiu com a realização de um registo fotográfico e um levantamento de todas as informações na reserva, desde o posicionamento das vitrines onde se encontra o espólio armazenado, aos materiais arqueológicos e à documentação escrita que os acompanham. Nesta fase houve alguns constrangimentos relacionados com o registo fotográfico, visto que a sala onde se encontram os materiais é pouco iluminada. Assim sendo, em alguns casos recorreu-se ao uso de luz artificial, o que não é ideal, já que distorce as cores das peças e cria sombras.

Nesta primeira fase, o reconhecimento destes dados permitiu a realização de uma base de dados com toda a informação recolhida sistematizada e catalogada, com base nas informações presentes nas etiquetas que acompanham os materiais, ou nos próprios materiais.

Todavia, admitindo incorreções ou lapsos na correspondência entre as etiquetas e os materiais, procedemos a um exaustivo levantamento bibliográfico e à consulta dos arquivos da biblioteca do Departamento de Ciências da Vida, ações que se revelam fundamentais. Este passo permitiu-nos confirmar diversos dados, por exemplo, nomes de pessoas, enquadramento administrativo, datas, coordenadas e materiais. Em alguns casos, isso permitiu-nos reconstituir a proveniência dos materiais ou a história de como chegaram até ao antigo Instituto de Antropologia. No entanto, os materiais foram recolhidos entre os séculos XIX e XX e em alguns casos sabemos

que não se dirigiram diretamente para a reserva do antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, passando por outras instituições. Acontece que durante a recolha destes até à instalação provisória ou definitiva numa instituição houve muita informação que se perdeu, reduzindo as possibilidades de entender “o porquê, o como e o quando”.

Os resultados das pesquisas realizadas permitiram adscrever o espólio em reserva a um total de 16 estações arqueológicas de 31 coleções com materiais arqueológicos, correspondendo a uma taxa de sucesso de cerca de 51%. Contudo, a fim de sistematizar as informações geográficas recolhidas e possibilitar a visualização destes 16 sítios, foi realizado um mapa do território português, com cartografia de base altimétrica com indicação dos limites administrativos distritais (Fig. 5, p.64). A georreferenciação dos sítios foi feita com base na informação da plataforma Endovélico (DGPC) ou em trabalhos de outros investigadores, tendo em conta que alguns dos sítios não se encontram identificados no primeiro.

O programa utilizado para conceber este mapa foi o *QGIS 3.4.12 Madeira*, um sistema de informação geográfica (SIG) que permite o armazenamento, visualização e análise de dados geográficos, facilitando a representação do território dos sítios arqueológicos identificados na reserva.

Embora em última instância, a impossibilidade da identificação da proveniência de todas as coleções deixe algum constrangimento, este relatório visa também dar a conhecer os materiais arqueológicos armazenados no antigo Instituto de Antropologia à comunidade científica e às instituições, reunindo todos os dados recolhidos durante este estágio na esperança que estes possam cruzar informações com outras investigações e completar lacunas que poderão existir sobre o paradeiro atual destes materiais. Apela-se também ao cuidado que se deve ter com todo o tipo de registo escrito, realçando que os materiais não registam todas as ações humanas, gerando complicações no entender dos contextos das materialidades. Dito isto, sem um registo íntegro, os materiais não revelam a importância que deveriam ter para o desenvolvimento de um objeto de estudo, conseqüentemente tornando-se numa simples curiosidade, com valor mais historiográfico do que científico.

3. Desenvolvimento do estágio: O antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra

3.1. O Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra: criação, desenvolvimento e fim

Em 1772 é criada a Faculdade de *Philisophia* Natural e, em simultâneo, surge o Museu de História Natural de Coimbra que se implementa no Colégio de S. Boaventura (GONÇALVES, 2013, p. 6). Posteriormente, em 1775, o Museu de História Natural é transferido para o piso superior do Colégio de Jesus, o que permitiu a formação de salas dedicadas às três matérias da história natural então reconhecidas: mineralogia, botânica e zoologia (AMARAL *et al.*, 2013, p. 5).

Em 1883 é apresentado à Câmara dos Senhores Deputados um Projecto de Lei que visaria a implementação da cadeira de Antropologia na Faculdade de Filosofia da Universidade, substituindo a cadeira de Agricultura (SANTOS, 2018, p. 54). Em 1885, é Bernardino Machado o primeiro professor desta nova unidade curricular, acumulando por inerência o cargo de diretor do Museu e Laboratório Antropológico (AREIA e ROCHA, 1985, p. 13). Nesse mesmo ano, com os eventos recentes, o Museu de História Natural sofreu alterações, agregando novas secções de matérias diversas, nomeadamente a Antropologia e a Arqueologia Pré-histórica¹.

O Museu e Laboratório Antropológico são estabelecidos no Colégio de S. Boaventura em 1919 (FIGUEIRAS, 1985, p. 63). Porém o espaço cedido não reunia as condições ideais para a exposição do espólio antropológico (GONÇALVES, 2013, p. 7). Em 1949, com a demolição do Colégio de S. Boaventura, o museu seria transferido para o Colégio dos Monges de S. Bento (GONÇALVES, 2013, p. 7). O espaço cedido ao museu foi alvo de obras durante mais de 15 anos, o que impossibilitou a transferência dos materiais de imediato, resultando no armazenamento temporário das coleções no Museu Zoológico (MARTINS, 1985, p. 140). Somente em 1966, após a conclusão das obras no novo espaço e a transferência das coleções para as novas instalações, o Museu e Laboratório Antropológico são inaugurados (GONÇALVES, 2013, p. 7).

O Museu Antropológico da Universidade de Coimbra passou a integrar a Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra em 1991 e, posteriormente, em 2006 juntou-se ao Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (GONÇALVES, 2013, p.7). Em junho de

¹ Hoje a Arqueologia Pré-Histórica faz parte do plano curricular do 1º ciclo em Arqueologia, ministrado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2009 é criado o Departamento de Ciências da Vida que visa agregar várias áreas de ensino e investigação, entre elas a de Antropologia, resultando no fim do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.

Apesar de hoje em dia o Instituto de Antropologia já não estar em funcionamento, os testemunhos da sua passagem continuam presentes. Numa das fachadas do edifício do Departamento de Ciências da Vida, está presente uma inscrição, acima da cantaria de uma das portas de entrada, que expressa a presença do Instituto de Antropologia (Fig. 7, p.70).

3.2. O acervo do antigo Instituto de Antropologia

Os materiais apresentados neste relatório encontram-se depositados no acervo do antigo Museu do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra. Consequentes de uma atividade descontínua e muito diversa em relação à obtenção das peças, resultantes na sua maioria de ofertas, nem sempre existe documentação relativa à sua obtenção ou proveniência inicial. Consequentemente, o que possibilitou recuperar alguma informação sobre este acervo foram as etiquetas que acompanhavam os materiais, embora se tenha de admitir possíveis extravios ou trocas destas e também o mau estado de conservação de algumas destas, não nos possibilita realizar uma transcrição completa, apesar de algumas das etiquetas terem sido substituídas por novas redigidas pela Maria Augusta Rocha². Contudo, são estas o nosso ponto de partida e, em alguns casos, as únicas fontes de informação que nos permitem encontrar uma ligação concreta entre os materiais e as suas origens até ao acervo.

3.2.1. Organização do espaço

Desde da criação da cadeira de Antropologia e o seu museu, muitos foram os materiais que chegaram a formar as coleções deste acervo, por aquisições, doações ou escavações. Sabe-se que em 1806, a Secção de Antropologia do Museu de História Natural da Universidade de Coimbra, já realizava a aquisição de materiais, neste caso de objetos etnográficos vindos do Brasil

² Técnica superior no então Departamento de Antropologia durante as últimas duas décadas do século XX à primeira do século XXI (Informação cedida pela Doutora Ana Maria Silva, a quem agradecemos).

(AMARAL *et al.*, 2013, p. 34) que foram remetidos pelo Real Museu da Ajuda (MARTINS, 1985, p. 117).

Contudo, hoje em dia, a reserva do antigo Instituto de Antropologia está localizada no 2º piso do Colégio de S. Bento, numa sala denominada de “sótão” ou “reserva”. Para aceder à sala dos materiais aqui tratados, é necessário obter previamente uma autorização junto do curador responsável pela reserva. Nesta sala, encontram-se dispostos em 21 vitrines os materiais arqueológicos e antropológicos do antigo Instituto de Antropologia aqui tratados (Fig. 6, p.69).

Quando entramos na sala, podemos observar na parede à nossa esquerda uma vitrine baixa de madeira com 2 portas de vidro que deslizam lateralmente (Fig. 8, p.67). Nessa parede existem 7 vitrines, com intervalos de espaço entre cada duas delas. A parede frontal, quando entramos na sala, é difícil de se ver, pois, no meio da sala, encontram-se armários maciços em madeira contendo a coleção de esqueletos identificados. Porém, nesse lado da sala estão presentes 5 vitrines do mesmo modelo que as referidas anteriormente, possuindo intervalos entre cada uma delas. A parede da direita cria um maior impacto com as suas três primeiras vitrines, - estas são altas e em vidro na totalidade (Fig. 9, p.71) - produzindo um ambiente mais luminoso. Em primeira instância, verifica-se que os materiais armazenados nessas vitrines foram expostos de maneira cuidada e ordenada. De seguida, temos 6 vitrines de madeira que, em comparação com as outras encontram-se desalinhasadas, como se tivessem sido arrastadas.

Nas vitrines em madeira foram colocadas etiquetas com o respetivo número, no canto (Fig. 11, p.72), iniciando a contagem crescente das vitrines a partir da parede do lado esquerdo quando entramos na sala, acabando nas vitrines na parede do lado direito. Tendo em conta que as vitrines altas são inteiramente em vidro não foi afixada nenhuma etiqueta, contudo atribui-se no inventário uma sigla para cada uma delas – “VA1; VA2; ou VA3” – sendo o número inferior alusivo à vitrine da esquerda quando nos posicionamos de frente para esta, e continuando dessa forma por ordem crescente.

Cada vitrine de madeira é composta por 2 prateleiras e a base do móvel, onde estão pousadas caixas, feitas manualmente com cartolina cor-de-laranja (Fig. 13, p.72), que armazenam os materiais arqueológicos e antropológicos e as etiquetas informativas.

No que concerne às vitrines altas, na VA1 existem 4 prateleiras em vidro e a base desta, que percorre as 3 vitrines. À exceção da primeira prateleira a contar de cima para baixo, todas

contêm materiais arqueológicos expostos por cima de um papel ou um tabuleiro notando-se um certo cuidado com a apresentação destes. Na VA2 temos presente 2 prateleiras em vidro. A primeira apresenta material arqueológico e antropológico, mas esta perde o protagonismo em relação à segunda prateleira, sendo esta mais vistosa com a exposição vertical de um esqueleto humano quase completo, pertencendo a uma criança. A VA3 é composta por 3 prateleiras de vidro, à semelhança das outras vitrines de vidro. Observamos que estas não eram exclusivamente para armazenar as coleções, mas também para a exposição das mesmas, tendo em conta a disposição dos materiais arqueológicos e antropológicos. Os rastros de pó sugerem que estes materiais não têm sido retirados para estudo há bastante tempo. Todavia, durante o período de utilização da reserva, houve um certo cuidado em organizar o acervo em caixas, por sítios arqueológicos e, inclusive, transcrevendo algumas das etiquetas antigas devido à sua deterioração.

Após nos focarmos nos materiais que se encontram atualmente na reserva, verificamos que num longo espaço de tempo foram adquiridos de diversas maneiras, conforme já antes referido: doações, aquisições ou recolha. No livro *Memórias e Explorações Arqueológicas*, Volume I, de Santos Rocha (1949), o autor faz uma advertência explicando que alguns dos objetos que se encontram na obra fazem parte da coleção que ofereceu ao Instituto de Coimbra, coleção esta que, em parte, se encontra atualmente na reserva do antigo Instituto de Antropologia. Provavelmente, com o encerramento do Museu de Antiguidades do Instituto e a abertura do Museu Nacional Machado de Castro em 1911 (LEONARDO *et al.*, 2013, p. 215), algumas peças foram transferidas para o antigo Instituto de Antropologia em vez de irem para o novo museu, mas a verdade é que não há documentos escritos que justifiquem a presença dos mesmos na reserva. O mesmo aconteceu com os materiais provenientes de Fonte Santa (cf. subcap. 4.2.12.) que se encontravam no Museu de Antiguidades do Instituto (CAMPOS, 1876, p. 43) e que atualmente se encontram na reserva. Outros materiais foram doados, mas infelizmente em alguns casos os resultados das pesquisas realizadas sobre os doadores e os sítios foram nulos, sendo de momento impossível saber por que motivo, esses materiais se encontram na reserva.

Além das doações de materiais, estes também eram adquiridos pela realização de explorações e prospeções, o que acontece no caso dos materiais dos Antigos Cemitérios de Cascais (cf. subcap. 4.2.2.). Os materiais antropológicos provêm de 4 sepulturas escavadas por uma equipa de antropologia de Coimbra que, posteriormente, terá, eventualmente, depositado o espólio recolhido no antigo Instituto de Antropologia (CARDOSO, 2018, p. 192).

Ao longo deste estudo será clarificado para cada conjunto de materiais, as informações obtidas relativamente à sua proveniência e incorporação no antigo Instituto de Antropologia, bem como os resultados inoperantes no que diz respeito a estas questões.

3.2.2. Tempo dedicado no acervo

Os trabalhos realizados na reserva do antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra tiveram início a 7 de outubro de 2020. Em reuniões prévias com a Doutora Ana Maria Silva (22 de setembro de 2020) e com a então curadora do acervo Dr.^a Sofia Wasterlain (6 de outubro de 2020), foram apresentados os protocolos para acesso e boa utilização da sala do acervo, incluindo em relação ao plano de contingência imposto pela pandemia.

O acesso ao espaço era apenas permitido mediante apresentação de autorização para a requisição das chaves, emitida pela curadora com base nos dias pretendidos para o desenvolvimento dos trabalhos e cumprindo o horário de funcionamento do Departamento de Ciências da Vida (DCV), das 9h-12h30 e das 14h-17h30.

Após obter a autorização para aceder à sala do acervo, foi possível dar início às tarefas necessárias para a realização deste projeto. O primeiro dia na reserva foi dedicado à identificação das vitrines onde está armazenado o espólio arqueológico. Partiu-se pela colocação de etiquetas do canto superior direito de cada uma (cf. subcap. 3.2.1.), e pelo registo fotográfico de algumas das vitrines como elas se encontravam. Posteriormente, realizou-se o registo fotográfico das vitrines restantes e passou-se à fase seguinte que consistia no levantamento de toda a informação que cada vitrine continha: o número de caixas em cada prateleira e o que continha cada caixa (material antropológico, fauna, material arqueológico, etiquetas, entre outros). Nesta fase não se retirou nenhum dos materiais da respetiva caixa. Pretendia-se primeiramente fotografar os materiais como eles tinham sido arrumados nas caixas, devido à eventualidade de se poder perder alguma informação que contivesse cada caixa.

Somente após realizar o registo fotográfico de todas as vitrines, das caixas de cartolina e de executar o levantamento informativo do conteúdo de cada caixa, é que se prosseguiu no manuseamento dos materiais arqueológicos. O que se compreende com isto é que após a realização dos registos necessários, pode-se retirar o espólio das caixas sem ter o constrangimento de perder alguma informação disponível. Nesta fase foi quando se teve um primeiro contacto mais direto

com os materiais. Prosseguiu-se à contagem dos materiais individualmente, isto é, por tipo (cerâmico, lítico ou metálico) e por topónimos, e fotografou-se todos os materiais arqueológicos e as etiquetas, embora as condições de iluminação não fossem as mais apropriadas. As etiquetas foram acondicionadas individualmente em bolsas de plástico com fecho térmico, sendo que em alguns casos, encontram-se bastante fragilizadas.

Naturalmente, estas fases mencionadas não foram realizadas continuamente existindo lapsos temporais entre elas. Durante a realização deste relatório foi necessário, ocasionalmente, voltar à reserva confirmar certas informações. Desde que se iniciaram os trabalhos no acervo do antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra foram dedicadas cerca de 60 horas para a recolha de informação na reserva (Fig. 1, p.57).

Além do tempo dedicado ao acervo, é importante referir o tempo dedicado ao arquivo que hoje em dia se encontra na Biblioteca do Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra. Apesar do arquivo não estar localizado na mesma sala onde se encontra o acervo, este não deixa de ter uma importância significativa para a compreensão do antigo Instituto de Antropologia.

O arquivo é composto por compartimentos metálicos corredeiros, encaixados num móvel, onde conserva uns cartões organizados por ordem alfabética que contêm informações ou referências bibliográficas sobre a pesquisa pretendida e realizada. Esses compartimentos estão divididos em várias secções, por nomes próprios, nome de sítios ou assuntos específicos (por exemplo: Gruta), mas sempre organizados por ordem alfabética e identificado na frente do compartimento a que letra corresponde essa gaveta.

No arquivo da Biblioteca do Departamento de Ciências da Vida foram realizadas pesquisas relativamente às informações recolhidas nas etiquetas (nomes próprios de pessoas e nomes de sítios), que em alguns casos resultaram em novos dados que ajudaram no prosseguimento para o desenvolvimento dos trabalhos. No arquivo foram dedicadas um total de 9 horas (Fig.1, p.57).

Naturalmente que, em paralelo com estas diversas pesquisas, outras de carácter bibliográfico foram desenvolvidas na Biblioteca do Instituto de Arqueologia da FLUC, bem como pesquisas na internet.

3.2.3. Condições de realização do estágio

O antigo Instituto de Antropologia foi adquirindo materiais arqueológicos e antropológicos ao longo dos anos, compondo o acervo que se conhece hoje em dia. Como explicado anteriormente, estes materiais localizam-se numa sala do último piso do colégio de São Bento (cf. subcap. 3.2.1.). É uma sala ampla, com um teto que acompanha a forma da cobertura do edifício e que contém duas clarabóias. Correspondendo a um sótão, existem limitações ao nível de iluminação, uma característica que criou constrangimentos na realização deste estágio, já que dificultou na análise dos materiais e o registo fotográfico do mesmo. A fim de obter fotografias com melhores condições e analisar os materiais, estes foram, pontualmente, transportados da reserva ao laboratório antropológico. Esse laboratório encontra-se bem iluminado e tem acesso a um terraço descoberto, o que permitiu obter uma boa luz natural para as fotografias e análise dos materiais. No entanto, os materiais arqueológicos do acervo não podem ficar guardados neste laboratório, tendo em conta que esta sala é destinada a trabalhos antropológicos e no caso do desaparecimento de alguma peça a responsabilidade seria inteiramente nossa. Por isso, houve a necessidade de criar uma metodologia para retirar os materiais do seu sítio de origem com intuito de, após realizado os trabalhos, armazenar todos os materiais nas suas respetivas caixas e vitrines.

A sala onde se encontram os materiais, como referido anteriormente, é bastante ampla, o que permite que os materiais arqueológicos e antropológicos estejam todos arrumados em vitrines ou móveis com gavetas. As vitrines encontram-se encostadas às paredes e os móveis com gavetas estão arrumadas de maneira organizada no centro da sala, criando corredores entre as vitrines e os móveis. Num desses corredores estão colocadas mesas (Fig. 14, p.73), cada uma com um candeeiro e cadeiras com o propósito dos investigadores e estudantes, que têm acesso à reserva, terem um espaço para trabalhar. Tendo em conta ser necessário pedir a autorização para aceder à reserva junto à curadora (cf. subcap. 3.3.2.), existe uma organização no que concerne a atribuição de uma mesa de trabalho, ou seja, se não houver mesas disponíveis num certo dia na reserva a autorização para aceder a esta será negada. Esta situação nunca nos aconteceu, obtendo sempre a autorização para aceder à reserva a fim de continuar o nosso trabalho, com um espaço disponível para o efeito.

Cada investigador ou estudante tem que ter em sua posse o material necessário para desenvolver os seus trabalhos, mas em caso de lapso pontual ou em alguns casos não ser prático transportar certas ferramentas, a sala da reserva encontra-se equipada com algumas ferramentas que estão ao acesso de todos – craveira, régua, compasso de espessuras, canistréis para o transporte de materiais, luvas, tábua osteométrica e tabuleiros. Além dessas ferramentas, a sala está equipada

com extensões elétricas que percorrem as mesas todas, caso seja necessário carregar um computador, máquina fotográfica ou outros dispositivos elétricos.

Em suma, a sala onde se encontram os materiais arqueológicos do antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra tem boas condições para realização do trabalho proposto, embora a falta de luz constitua um constrangimento significativo ao nível da análise e registo dos materiais arqueológicos.

4. A coleção do antigo Instituto de Antropologia

4.1. Sítio identificados no acervo

O acervo do antigo Instituto de Antropologia é composto por material antropológico e arqueológico, distribuído pelas 21 vitrines que integram a reserva. Os materiais encontram-se geralmente organizados em caixas por sítio e acompanhados de etiquetas, supondo que alguém do antigo Instituto de Antropologia tivesse tido esse cuidado.

As atividades realizadas na reserva consistiram no levantamento de todas as informações apresentadas nas etiquetas. Este procedimento permitiu identificar um total de 35 sítios distintos de onde são provenientes os materiais arqueológicos que se encontram nas vitrines.

Ao sistematizar a informação obtida na reserva e nas pesquisas, foi realizado um inventário com todas as coleções identificadas nas vitrines do antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra (Tabela 1, p.61). Nesse inventário pode-se consultar o nome de cada sítio identificado – tanto o nome identificado na reserva, como a possível correspondência ao nome atualmente atribuído à estação arqueológica -, o enquadramento geográfico, a vitrine onde se encontram os materiais de cada sítio, o tipo de material arqueológico, a sua cronologia, e se contém material antropológico ou não.

Os sítios que foram passíveis de identificação revelam uma larga distribuição geográfica, desde o sítio de Esmolfe (Viseu), a norte, ao Cabeço da Mina (Salvaterra de Magos), a sul. Encontram-se representadas as regiões da Beira Litoral, Ribatejo e Estremadura. Com base nesta distribuição foi possível direcionar a pesquisa bibliográfica e documental aos investigadores que nelas se debruçaram, auxiliando na tentativa de rastrear os materiais em análise. Por outro lado, embora nesta fase estes dados sejam meramente indicativos, o reconhecimento do enquadramento geográfico dos materiais e respetivos sítios na paisagem é fundamental para a compreensão da evolução das sociedades e territórios pretéritos.

Relativamente às cronologias obtidas através dos materiais arqueológicos, verifica-se que estes materiais distribuem-se numa diacronia elevada, estando estes datados da Pré-história antiga, Proto-história, Romano e pós-Romano.

4.2. Sítios com material arqueológico identificados

Na reserva do antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra foram identificadas, a partir das etiquetas, 26 coleções distintas que possuem materiais arqueológicos. No decorrer deste trabalho, foi possível identificar 5 estações arqueológicas adicionais de onde são provenientes materiais arqueológicos (cf. subcap. 4.2.11.). Estas estações arqueológicas não foram possíveis de identificar logo de início, pois as respetivas etiquetas que acompanhavam os materiais indicavam uma diferente proveniência. Sendo assim, no antigo Instituto de Antropologia temos presentes 31 coleções arqueológicas distintas.

Das 31 coleções analisadas, até ao momento, determinou-se o sítio de origem de 16, que se identificaram visualmente num mapa (Fig. 5, p.65). Apesar de saber o lugar de proveniência destes materiais, não foi possível identificar na totalidade o porquê de estes terem sido depositados no antigo Instituto de Antropologia. Assim sendo, na reserva foram reconhecidos um total de 2 aquisições e 10 doações. Além deste conjunto de 16 sítios, verifica-se em alguns casos, que os materiais são acompanhados de etiquetas onde consta o nome da pessoa ou instituição – no caso do Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra (cf. subcap. 4.2.16.) – que doou os materiais em questão. Infelizmente, até este momento, as pesquisas realizadas sobre esses sítios e os doadores não forneceram nenhuma informação construtiva que possibilitasse entender como os materiais ficaram depositados na reserva.

No acervo do antigo Instituto de Antropologia foi contabilizado um total de 766 materiais arqueológicos depositados nas vitrines. Desse conjunto de materiais, 360 correspondem a cerâmicas, 365 a líticos e 41 a peças metálicos (Fig. 2, p.58). Destes, conseguimos determinar a origem de 164 materiais cerâmicos, 203 líticos e 39 artefactos metálicos. A fim de sistematizar esta informação por sítio, foi realizado um segundo inventário (Tabela 2, p.64) somente com os sítios identificados na reserva que possuam materiais arqueológicos. Nesse inventário é possível analisar: a quantidade e tipo de material arqueológicos por sítio, o modo como estes foram obtidos e datas alusivas à aquisição das peças.

De seguida, será apresentado individualmente cada coleção arqueológica identificada na reserva e os resultados das investigações realizadas, sejam estes proeminentes ou não. As coleções serão apresentadas por ordem alfabética, pelos nomes identificados nas etiquetas que acompanhavam os materiais na reserva e não pelo nome que são conhecidas atualmente. No caso das 5 estações identificadas, tendo em conta que todos os materiais provenientes dessas são do

concelho da Figueira da Foz, os materiais serão apresentados no ponto dedicado a esse concelho pelo nome dado às estações arqueológicas por Santos Rocha, uma vez que foi este que doou as peças ao Museu de Antiquidades do Instituto de Coimbra.

4.2.1. Alapraia

A vitrine número 18 guarda os materiais arqueológicos e antropológicos da necrópole de Alapraia, mais especificamente da Gruta II de Alapraia (SILVA, 2019, p. 119). Os materiais aqui presentes correspondem a 18 fragmentos cerâmicos, sendo 1 deles um bordo vidrado, e 3 seixos naturais (Fig. 15, p.74).

O sítio arqueológico de Alapraia situa-se no concelho de Cascais, em plena Costa do Sol (PAÇO, 1955, p. 27) e é composto por quatro grutas artificiais datadas do Neolítico Final (SILVA, 2019, p. 111). Em setembro de 1932 foi descoberta a Gruta II por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay (PAÇO, 1955, p. 29). Nesse mesmo ano ambos dirigiram a primeira campanha de escavação (SILVA, 2019, p. 112), realizando mais duas campanhas em 1934 e 1935 (PAÇO, 1955, p. 29).

Nos meados dos anos 50 do século XX, o Professor Xavier da Cunha deslocou-se até Lisboa, mais uma equipa do antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, a fim de recolher material antropológico de Alapraia que fosse possível estudar (PAÇO, 1955, p.82). Até ao momento não foi encontrada nenhuma referência ao material arqueológico aqui referido, o que pode sugerir a possibilidade de estes terem vindo em conjunto com o material antropológico ou posteriormente. O conjunto antropológico aqui presente foi estudado e posteriormente publicado em 2019 pela Doutora Ana Maria Silva (SILVA, 2019).

4.2.2. Antigos Cemitérios de Cascais

Na reserva está presente material arqueológico e antropológico vindo dos Antigos Cemitérios de Cascais. O material arqueológico está repartido em 3 vitrines distintas. Temos presente 8 fragmentos cerâmicos, entre eles 2 bordos e 3 fundos, 1 vaso quase completo e materiais de construção (Fig. 16, p.75). Em 1970, a Dr.^a Maria Augusta Rocha realizou um estudo centrado nos materiais antropológicos que se encontravam no “Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra (...) provenientes de velhos cemitérios próximos de Cascais” (ROCHA, 1970, p. 157).

Posteriormente, averiguou-se que os materiais pertenciam ao sítio arqueológico de Alcoitão (MEIRA, 2015, p. 19).

A necrópole de Alcoitão foi descoberta por volta de 1886 por Francisco de Paula e Oliveira (CARDOSO, 2018, p. 192) e a maioria dos materiais recolhidos nessa altura encontravam-se, em 1934, no Museu da Comissão dos Trabalhos Geológicos (ZEISS, 1934, p. 190). Em 1937, foram escavadas 4 sepulturas por uma equipa de antropologia de Coimbra que exumou os ossos e os transportou em “caixas de madeira para transporte de sabão” (CARDOSO, 2018, p. 192). Não existe a referência escrita destes materiais arqueológicos terem vindo juntamente com os materiais antropológicos, mas equaciona-se essa possibilidade.

4.2.3. Cabeço da Mina

A coleção arqueológica proveniente do sítio Cabeço da Mina encontra-se na vitrine número 16, e é composta por 9 materiais líticos, entre eles 1 biface e 1 machado de pedra polida (Fig. 17, p.76), portanto, material em termos cronológicos muito diferenciados. Na etiqueta que acompanha os materiais, está escrita a referência do sítio, “Cabeço da Mina. Muge” (Fig. 52, p.107).

O Cabeço da Mina situa-se na atual freguesia de Glória do Ribatejo e Granho (CORREIA, 1940, p. 118), em Salvaterra de Magos. Porém, até 29 de agosto de 1966 a localidade de Glória integrava a freguesia de Muge (CANEIRA, 2019, p. 4). Como é indicado na etiqueta anteriormente referida, estes materiais seriam provenientes de Muge, o que possibilita supor que os materiais terão chegado a Coimbra antes da criação da freguesia da Glória, em 1966. Permanecendo nas questões do enquadramento administrativo é importante assinalar a existência de um outro sítio arqueológico com o mesmo topónimo, Cabeço da Mina, igualmente conhecido como Fonte da Mina, em Alcácer do Sal (UMBELINO *et al.*, 2017, p. 50), enquadrando-se nos concheiros mesolíticos do Sado (SANTOS, 1968, p. 183), requerendo precaução para não confundir ambos os sítios.

Assim sendo, a estação arqueológica do Cabeço da Mina localiza-se na mesma região dos conhecidos Concheiros de Muge, que foram descobertos em 1863 por Carlos Ribeiro (SANTOS, 1972, p. 28). Contudo, só nos meados dos anos 30, é que este sítio arqueológico é descoberto por Hipólito Cabaço (PEREIRA, 1970, p. 197). Hipólito realizou a recolha de alguns materiais arqueológicos (RAPOSO, 2015, p. 53), que foram enviados para o Instituto de Antropologia do Porto (BREUIL e ZBYSZEWSKI, 1943, p. 112). Até agora não conhecemos nenhuma indicação do envio dos materiais para Coimbra.

4.2.4. Cabeço do Samouco

Na reserva temos presente na vitrine número 7 materiais arqueológicos do sítio Cabeço do Samouco. Estes materiais possuem etiquetas individuais (Fig. 53, p.108) ou etiquetas azuis coladas nos materiais cerâmicos (Fig. 57, p.110). Com a informação obtidas nas etiquetas consegue-se, em primeira instância, identificar que estes materiais são provenientes da freguesia de Turquel, mais precisamente a “5 kil S 57 E da igreja de (Turquel)”, e que a 31 de outubro de 1909 estes materiais foram recolhidos ou registados.

Além das etiquetas, havia um envelope junto com estes materiais onde consta o nome João Gualberto de Barros e Cunha³, com a localização Runa e a data de 23 de setembro de 1909 (Fig. 54, p.107). Foram realizadas algumas pesquisas, que permitiram identificar que João Gualberto de Barros e Cunha era natural de Runa³, Torres Vedras. No entanto, continua a ser-nos desconhecida a localização do sítio arqueológico Cabeço do Samouco.

O conjunto de materiais aqui presente, todos pré-históricos, é constituído por 16 fragmentos cerâmicos, nos quais distinguimos 4 bordos e 1 um bojo com pega, e 1 lasca de sílex (Fig. 18, p.77 e Fig. 19, p.78).

4.2.5. Campo Maior

Os materiais arqueológicos de Campo Maior são compostos por 42 líticos, 11 destes em pedra polida (Fig. 20, p.79 e Fig. 21, p.80) e os restantes em pedra lascada (Fig. 22, p.81). Estes últimos são em quartzo e quartzito. Até ao momento não se sabe o sítio arqueológico de onde são provenientes estes materiais, nem como vieram para Coimbra. Sabemos, através de informação recolhida numa etiqueta (Fig. 58, p.110), que estes materiais estavam numa caixa de papelão do tabuleiro 4, mas essa informação não ajuda ao desenvolvimento deste trabalho pois, não se sabe onde estaria esse tabuleiro 4 ou ao que corresponde.

No conjunto das 11 peças líticas, podemos observar uma etiqueta colada nestes materiais que diz “Campo Maior. Sr. Daniel Fillipe dos Santos” (Fig. 59, p.111). Foram realizadas diversas

³Sócio efetivo do Instituto de Coimbra em 21-12-1982, diretor do Museu e Laboratório Zoológicos e diretor interino do Museu Antropológico in https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/autores/CUNHAjoaogualbertodebarrose.

pesquisas a fim de averiguar o sítio de proveniência dos materiais e o seu possível doador, inclusive no arquivo da biblioteca do Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra, mas os resultados foram nulos⁴. Além dessa etiqueta, alguns destes materiais têm colada uma etiqueta com um número, o que indica que estes poderiam ter sido inventariados.

4.2.6. *Casalinho* (Vide Figueira da Foz)

Na vitrina alta 3, na primeira prateleira, observamos uma folha de papel branca de tamanho A4, com uma inscrição a lápis no canto inferior direito que diz “casalinho”, por cima da qual temos expostos 9 materiais líticos numerados com etiquetas. Logo ao lado direito, encontra-se uma caixa de rolos fotográficos que guarda 38 pequenos fragmentos de materiais líticos, embrulhados em 3 conjuntos distintos de folhas de papel vegetal, marcados com uma tinta preta com o topónimo “casalinho” ou “casa.”. Podemos supor que este último seria uma abreviatura de “Casalinho”. Dentro desta caixa existe um papel onde vemos escrito a azul “WILTON (paleolítico superior) casalinho”. No seu lado direito temos presente outra caixa pequena cor-de-laranja com 17 materiais líticos identificados com etiquetas numeradas, mais dois cartões onde podemos ver escrito à máquina “CASALINHO (Paleolítico Superior)” (Fig. 60, p.111). Temos presente neste conjunto um total de 64 materiais líticos.

O topónimo Casalinho foi pesquisado no Endovélico (DGPC), contudo, os sítios arqueológicos com este nome são datados de época romana, não sendo compatível com o tipo de materiais que temos aqui presentes.

Alguns destes materiais fazem-se acompanhar por uma etiqueta numerada, caso que já tínhamos observado em outros materiais identificados como sendo estes provenientes da Figueira da Foz. No livro de Santos Rocha (1949) “Memórias e explorações arqueológicas: Antiguidades Pré-Históricas do Concelho da Figueira da Foz”, o autor identifica os materiais descritos com 2 números: o de inventário e o da figura onde se encontra a peça em questão desenhada. Portanto, decidiu-se comparar o número da etiqueta dos materiais com o número de inventário atribuído por Santos Rocha (Tabela 3, p.66). Esta comparação resultou na identificação de 19 materiais como

⁴ Os resultados foram nulos a fim de prosseguir com esta investigação, no entanto sabe-se que o Sr. Daniel Filipe dos Santos foi um colecionador de um tipo de flor, registada pelo Herbarium da UC. *In* https://coicatalogue.uc.pt/index.php?t=results_specimen&q=COI00075888&orderby=relevance&orderdirection=ASC&size=10&page=0

sendo provenientes da Figueira da Foz (cf. subcap. 4.2.11.), em vez do Casalinho como indicava a etiqueta. Os sítios identificados são: Arredores da Cumieira, Cabeço dos Moinhos, Fontela e Megalíticos das Carniçosas.

Deste conjunto apenas foi possível relocalizar a origem dos materiais etiquetados. Em contrapartida, em 5 dos materiais numerados e nos restantes com tinta preta não foi possível identificar a sua proveniência.

Com isto, fica em aberto a questão de os materiais que não foram possíveis identificar serem provenientes da Figueira da Foz ou de uma estação arqueológica denominada de “Casalinho”?

Até ao momento, dos 64 materiais líticos somente foi possível identificar a proveniência de 19, ou seja, ficaram 45 materiais líticos (Fig. 23, p.82 e Fig. 24, p.83) por identificar a sua proveniência.

4.2.7. *Castro de Nandufe*

O Castro de Nandufe implanta-se num esporão, a cerca de 309 m de altitude, circundado pelo Rio Dinha, sensivelmente 500 metros a nordeste da povoação de Nandufe, no concelho de Tondela⁵. As primeiras referências ao sítio, relativamente aos vestígios arqueológicos, datam de 1758 relatadas pelo pároco da freguesia (BASTOS, 1758, p. 38), mas foi só em 1929 que se realizaram os primeiros trabalhos arqueológicos pelo Dr. António Almiro Vale (DIOGO, 1986, p. 393), que terá encontrado cerâmica romana e cerca de 24 moedas (PAÇO, 1929, p. 95). Sabe-se que existe espólio desta estação arqueológica no Museu Machado de Castro (ENCARNAÇÃO, 1981, p. 233), mas desconhece-se como foi integrado no acervo do museu.

Na reserva do antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra encontram-se um total de 13 fragmentos cerâmicos e 2 líticos na vitrine número 13 (Fig. 25, p.84), acompanhados com uma etiqueta que identifica o sítio “Castro de Nandufe (Tondela)” (Fig. 61, p.111). No conjunto cerâmico temos presente 2 bordos e 4 fundos, sendo 2 destes de *Terra Sigillata*.

⁵ Informação adquirida no Endovélico, CNS 2653, *in* <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=50506>

4.2.8. *Caverna dos Ramalhais*

Numa caixa de papelão de cor laranja, na vitrine 7 na reserva, existe um conjunto de 65 fragmentos cerâmicos provenientes da Caverna dos Ramalhais, em Alvaiázere, informação presente em 3 etiquetas que acompanham essa caixa (Fig. 62, p.112).

Até este momento, não se encontrou nenhum sítio arqueológico com este nome, nem nenhuma referência da vinda destes materiais para a reserva. Entrou-se em contacto com o Museu Municipal de Alvaiázere, com a esperança de obter alguma pista que nos levasse a uma estação arqueológica que pudesse corresponder ao sítio de providência dos materiais, mas sem sucesso. No entanto foi-nos sugerido que se verificasse o Complexo Megalítico do Rego da Murta, tendo em conta que este se encontra perto da aldeia do Ramalhal e que frequentemente também poderá ser conhecido por “Anta do Ramalhal”. Além das pesquisas realizadas foi também contactada a Doutora Alexandra Figueiredo, responsável pelo estudo da necrópole do Rego da Murta, que igualmente desconhece a existência desta caverna ou gruta. Do mesmo modo, contactou-se o Sr. Sérgio Medeiros⁶ que também desconhece a existência desta.

Infelizmente, não se encontrou nenhuma informação que possa cruzar os materiais que se encontram na reserva com o Complexo Megalítico do Rego da Murta, mantendo-se esta questão em aberto.

Como referimos na Introdução (cf. cap. 1), este relatório também contemple um “caso de estudo” que se debruçou sobre alguns materiais. Escolhemos como caso de estudo este sítio (cf. subcap. 4.3.)

4.2.9. *Covão das Chamarras*

Na vitrine alta 3, pousados sobre um papel branco encontravam-se expostos uns materiais líticos acompanhados de uma etiqueta que explica que estes tinham sido encontrados em Monsanto, concelho de Torres Novas, num sítio denominado de Covão das Chamarras (Fig. 63, p.112). Além da informação sobre a sua proveniência, pela etiqueta sabe-se que os materiais foram oferecidos pelo Sr. José A. Simões Favas a 1 de março de 1910. Consoante as informações obtidas pela etiqueta, foram realizadas diversas pesquisas, bibliográficas, no Endovélico (DGPC) e no

⁶ O Sr. Sérgio Medeiros integra o Grupo Protecção Sicó.

arquivo da biblioteca do DCV. Além destas, contactou-se a Dr.^a Sandra Lourenço⁷, o Doutor Romão Mendes Ramos⁸ e, por um intermediário, a Doutora Filipa Rodrigues⁹, devido aos trabalhos realizados por estes nesta região. Infelizmente, nenhuma destas pesquisas resultaram com novas informações que nos possibilitassem entender o percurso destes materiais.

No que concerne o Sr. José A. Simões Favas, poucas são as informações que se obteve. No catálogo¹⁰ das Coleções Identificadas, intitulado “esqueletos identificados”, está presente um senhor denominado João Simões, pai de José Simões, que terá falecido a 1 de março de 1910. É de realçar que esta informação é no mínimo curiosa, devido às coincidências entre os nomes e a data que se encontra no catálogo e na etiqueta que acompanha os materiais. No *Almanach da Republica* de 1913, verificamos que, na página número 54, existe um anúncio com a seguinte informação: “José Augusto Simões Favas/ Largo de S. João, 6, Largo da Feira, Coimbra. Emprestimos sobre penhores. Compra e vende moveis antigos e usados. Grande deposito de antiguidades”. Este anúncio poderia ser um indicativo que o Sr. José Favas Simões teria obtido os materiais provenientes de Covão das Chamarras pelo intermediário da sua loja e posteriormente, de forma incógnita, oferecido à Universidade de Coimbra. Pelas razões óbvias, estas sugestões são meramente especulativas. O assunto necessitará, talvez, de pesquisa mais aprofundada que não foi possível fazer no âmbito deste estágio.

Os materiais provenientes de Covão das Chamarras são compostos por: 5 lâminas de sílex, 3 pontas de setas e 2 enxós de pedra polida (Fig. 26, p.85). Estes materiais encontram-se em bom estado de conservação.

4.2.10. *Esmolfe*

Numa caixa em cartolina, na vitrine número 16, encontramos um conjunto de materiais líticos composto por: 8 pontas de setas e 4 materiais de pedra polida (Fig. 27, p.86). Dentro dessa caixa existem mais duas caixas de cartão. Uma contém fragmentos de carvão e a outra guarda materiais antropológicos de pequenas dimensões. Os materiais de pedra polida contêm para cada um deles, uma etiqueta pequena que diz “Tab. 1”, seguido de outro número. Infelizmente, não nos

⁷ Direção-Geral do Património Cultural – Extensão de Torres Novas.

⁸ Câmara Municipal de Torres Novas

⁹ UNIARQ

¹⁰ Catálogo sobre as coleções antropológicas recolhidas do cemitério da Conchada, Coimbra.

foi possível entender estas referências, somente podemos especular que os materiais vinham de um tabuleiro antes de se encontrarem nessa caixa de cartolina. Acompanhavam também na caixa outra etiqueta com a indicação “Esmolfe (Penalva do Castelo)” (Fig. 64, p.113), sugerindo que estes materiais seriam provenientes da freguesia de Esmolfe, sendo um bom ponto de partida para iniciar as nossas pesquisas. Começou-se por verificar todos os sítios arqueológicos nesta freguesia identificados no Endovélico, e instintivamente, excluir todos os que a cronologia não correspondesse aos materiais presentes na reserva. Após a exclusão de alguns sítios, os resultados manifestaram 2 potenciais sítios de onde poderiam ser oriundos estes materiais: a Mamoa de Esmolfe e a anta do Penedo Com.

Além das etiquetas referidas anteriormente, na caixa de cartolina estava presente um papel branco, provavelmente uma transcrição, sobre a localização do sítio arqueológico e o nome do Dr. Leite de Vasconcelos: “próximo da povoação de Esmolfe” e que o “Dr. José Leite de Vasconcelos diretor do Museu de Ethnologia Portuguez, recomendamos estas antiguidades” (Fig. 65, p.113). Em primeira instância, conseguiu-se obter um intervalo cronológico da chegada dos materiais no acervo, pois o Dr. Leite de Vasconcelos foi diretor do Museu de Etnologia Portuguesa entre 1893 e 1929 (*O Arqueólogo Português*, 1956, p. 6), ou seja, possivelmente foi durante esse intervalo temporal que os materiais terão chegado ao antigo Instituto de Antropologia. Outra informação relevante a ter em conta é a menção do nome do Dr. Leite de Vasconcelos, fundador da revista *O Arqueólogo Português*, que publicou nesta revista diversos novos achados, doações de materiais, entre outras matérias. Assim, foram analisados diversos artigos publicados pelo Dr. Leite Vasconcelos, obtendo resultados positivos.

Por volta de 1897, o Dr. João Patrício de Albuquerque e Castro ofereceu ao Dr. Leite de Vasconcelos 3 machados de pedra polida, encontrados perto de Esmolfe (VASCONCELOS, 1897, p. 108). Sabe-se que em 1942 esses materiais encontravam-se no Museu Etnológico do Dr. Leite Vasconcelos (ALMEIDA, 1942, p. 236). Não será de excluir que esses machados serem provenientes do mesmo sítio que o espólio da reserva, mas sem certezas.

Em 1916, o preparador e conservador do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, o Sr. António Domingos dos Santos, o administrador do concelho de Penalva do Castelo, Sr. Carlos Marinho da Silva, e o Sr. João Albuquerque examinaram vários materiais arqueológicos vindos de sítios distintos, entres eles da Anta do Penedo Com (VASCONCELOS, 1916, p. 356). Nesse mesmo ano, o Dr. Leite de Vasconcelos publica uma nota relativamente aos novos achados

arqueológicos e os seus materiais (VASCONCELOS, 1916, p. 356), o que possibilitou comparar o espólio de Esmolfe presente na reserva com os materiais enumerados e descritos. Cruzando essas informações, verifica-se que o tipo de material descrito é igual ao espólio da reserva, possibilitando a identificação do sítio de providência dos materiais: a Anta do Penedo Com.

Sem margem de dúvidas quanto a essa descoberta, é de salientar que parte destes materiais foram desenhados por Vera Leisner e publicados na obra póstuma 1998¹¹, confirmando o que já se sabia em relação à providência dos materiais de Esmolfe. Contudo, Leisner apresenta 9 pontas de seta e 5 machados de pedra polida e no acervo estão presentes 8 pontas e 4 machados, sendo que desconhecemos o paradeiro dos materiais em falta. As 9 pontas de seta são posteriormente, em 2021, estudadas pelo arqueólogo João Perpétuo, que afirma que os materiais apresentados por Leite de Vasconcelos e Leisner são efetivamente provenientes do Penedo do Com (PERPÉTUO, 2021, p. 203).

4.2.11. Figueira da Foz

O concelho da Figueira da Foz é alvo de estudo desde 1881 por Santos Rocha, que expôs a importância deste território durante a Pré-história com base nas suas materialidades, facto então ignorado (LOUREIRO, 1910, p. 76).

No antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra estão presentes diversos materiais provenientes do concelho da Figueira da Foz, que foram oferecidos por Santos Rocha ao Instituto de Coimbra (ROCHA, 1949, p. 8), e que posteriormente foram transferidos para o antigo Museu do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, sendo desconhecidas as razões e o momento dessa transferência. Além dos materiais analisados neste ponto, existem outros (Maiorca e Gatões), também do concelho da Figueira da Foz, que foram incluídos num outro ponto (cf. sub. 4.2.15.).

Na sua obra, “Memórias e explorações arqueológicas: Antiguidades Pré-Históricas do Concelho da Figueira da Foz”, Santos Rocha realiza uma descrição de cada estação arqueológica

¹¹ Vera Leisner morre em 1972. Em 1998 é publicada a obra de Leisner por Philine Kalb, que organiza esta obra consoante os arquivos de Georg e Vera Leisner.

identificada, descreve o respetivo espólio arqueológico, enumera as peças individualmente e apresenta desenhos tanto dos materiais, como dos sítios.

Com base nas informações disponíveis, foi possível restituir a origem de vários materiais, embora alguns indiquem localidades que não pertencem ao concelho da Figueira da Foz (cf. subcap. 4.2.17.) ou uma provável estação arqueológica que não foi possível identificar (cf. subcap. 4.2.6.).

Para esses materiais em que a etiqueta informativa indicava outra localidade, o que permitiu identificá-los como sendo provenientes do concelho da Figueira da Foz, foi a sua numeração (Fig. 67, p.113). Em primeira instância não era possível entender ao que se referiam exatamente esses números, mas após analisar os materiais provenientes da Várzea do Lírio (cf. subcap. 4.2.25.) e os materiais identificados pela etiqueta informativa como sendo estes provenientes do concelho da Figueira da Foz, notou-se a similaridade entre as etiquetas numeradas, a nível estético e gráfico. Nessa altura pensou-se em duas possibilidades que pudessem explicar o porquê de as etiquetas numeradas serem iguais: ou os materiais foram inventariados por alguém na reserva, tendo-se perdido o seu registo; ou estes materiais são provenientes do concelho da Figueira da Foz e as etiquetas informativas que os acompanham estão erradas.

Neste sentido, realizou-se o mesmo processo com os materiais identificados como sendo do concelho da Figueira da Foz e os materiais provenientes da Várzea do Lírio, ou seja, realizou-se o levantamento de todos os números que apareciam nas etiquetas dos materiais e comparou-se individualmente com os números atribuídos aos materiais por Santos Rocha na obra referida anteriormente (ROCHA, 1949). Este método possibilitou identificar um total de 27 peças que estavam identificados de maneira incorreta, dando a conhecer a estação arqueológica de onde estes são provenientes. Desses 27 materiais, 8 estavam identificados por uma etiqueta como sendo provenientes de “Oliveira do Conde”, e os restantes acompanhados de uma etiqueta que dizia “Casalinho”. É manifesto que houve expressivas alterações, gerando confusão, à atribuição de determinados materiais que, por motivos desconhecidos, foram erroneamente atribuídos a Casalinho e Oliveira do Conde.

Nos próximos seis pontos, serão apresentadas individualmente as estações arqueológicas de onde são provenientes estes materiais. As estações arqueológicas estão apresentadas por ordem alfabética e com o nome atribuído por Santos Rocha na sua obra, com exceção do primeiro ponto que será apresentando conforme a etiqueta explicativa que acompanhava os materiais.

4.2.11.1. Antas das vizinhanças de Brenha. Objectos dos arredores de Quiaios, Cabanas, Brenha, Tavarede, Alhadas e Fontela.

Estão presentes 19 materiais de pedra polida (Fig. 28, p.87, Fig. 29, p.88 e Fig. 30, p.89) provenientes das antas vizinhas de Brenha. De momento, 6 desses materiais encontram-se no Museu Municipal Santos Rocha (Fig.30, p.89), pois foram emprestados para uma exposição temporária¹² realizada no âmbito das comemorações dos 125 anos desde da fundação do Museu e, inevitavelmente, homenagear o seu criador, Santos Rocha (FERREIRA & VILAÇA, 2021, p.11)

Os materiais líticos estudados encontram-se na VA1, expostos de maneira organizada. Estes materiais fazem-se acompanhar de uma etiqueta azul que nos permitiu identificar o seu sítio de providência. Na etiqueta informativa podemos ver escrito à máquina: “CONCELHO da FIGUEIRA da FOZ/ Antas das vizinhanças de Brenha/ Objectos dos arredores de Quiaios, Cabanas, Brenha, Tavarede, Alhadas e Fontela. Oferta de António Santos Rocha” (Fig. 66, p.114).

Todas estas áreas mencionadas na etiqueta foram exploradas e investigadas pelo Dr. Santos Rocha e, parte desse espólio recolhido, foi oferecido ao antigo Instituto de Coimbra (ROCHA, 1949, p. 8), que posteriormente foi transferido para o antigo Museu do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.

4.2.11.2. Arredores da Cumieira

O conjunto de materiais provenientes dos arredores da Cumieira, entre as povoações de Tavarede, Brenha, Cabanas e Quiaios (ROCHA, 1949, p. 33), é composto por 5 machados de pedra polida e 1 lâmina de sílex (Fig. 31, p.90). Os machados de pedra polida fazem parte do conjunto de materiais de “Oliveira do Conde”, enquanto a lâmina de sílex se enquadra no conjunto do “Casalinho”.

Estes materiais foram encontrados à superfície ou em baixa profundidade devido à lavragem de terras (ROCHA, 1949, p. 33).

¹² Informação oral disponibilizada pela Doutora Ana Maria Silva.

4.2.11.3. *Cabeço dos Moinhos*

Na reserva, em conjunto com os materiais do Casalinho, está presente 1 ponta de seta proveniente de Cabeço dos Moinhos (Fig. 32, p.91). Esta anta situa-se a cerca de 200 metros a sul de Brenha (ROCHA, 1949, p. 14), num ponto de alta altitude com visibilidade sobre a planície da Gândara a norte, o Baixo Mondego a sul e a serra da Boa Viagem, a oeste (CRUZ *et al.*, 2014, p. 11).

4.2.11.4. *Fontela*

Em conjunto com os materiais do Casalinho, temos presente na reserva 2 lâminas de sílex de pequena dimensão (Fig. 33, p.91). Estas 2 lâminas foram recolhidas à superfície, aproximadamente a três quilómetros da cidade da Figueira da Foz, num sítio de lavradio (ROCHA, 1949, p. 38).

4.2.11.5. *Megalíticos das Carniçosas*

Os materiais arqueológicos provenientes dos Megalíticos das Carniçosas correspondem a 1 machado de pedra polida, 7 pontas de setas, 7 lâminas de sílex e 1 lítico (Fig. 34, p.92). O machado de pedra polida está identificado por 1 etiqueta como sendo proveniente de Oliveira do Conde, enquanto os restantes materiais estão acompanhados de uma etiqueta que diz “Casalinho”.

Os Megalíticos das Carniçosas são compostos por dois dólmenes (SANTOS *et al.*, 2002, p.15) localizados na freguesia de Alhadas, na Figueira da Foz. Estes dólmenes foram descobertos em 1886 por Santos Rocha, que de imediato realizou escavações em ambos. Infelizmente, o primeiro dólmen foi vandalizado por vizinhos nos dias seguintes aos inícios dos trabalhos, sendo que deste monumento não resultou nenhum espólio arqueológico ou indícios de inumações (ROCHA, 1949, p. 20). Assim sendo, o segundo dólmen, atualmente conhecido como Dólmen II das Carniçosas (SANTOS *et al.*, 2002, p. 17), é a estação arqueológica de onde são provenientes os materiais arqueológicos que se encontram na reserva. A fim de proteger o dólmen foi construído, em 1900, um muro em seu redor (SANTOS *et al.*, 2002, p. 15). Em 2001, a estrutura pétreia que rodeava o monumento, foi removida (VILAÇA & FERREIRA, 2021, p. 88), durante as intervenções arqueológicas realizadas pela ArqueoHoje, preservando-se apenas as suas fundações (SANTOS *et al.*, 2002, p. 22). A área envolvente encontra-se atualmente cercada com uma vedação de madeira com uma abertura de acesso ao Dólmen II das Carniçosas.

4.2.11.6. *Vizinhanças de Alhadas*

O último conjunto de materiais é composto por 2 machados de pedra polida (Fig. 35, p.93) identificados como sendo de Oliveira do Conde, sendo, todavia, provenientes das vizinhanças de Alhadas. Estes dois machados foram encontrados numa fenda de uma rocha, durante a exploração de uma pedreira (ROCHA, 1949, p. 38).

4.2.12. *Fonte Santa*

A estação arqueológica de Fonte Santa ou Dólmen de Ansião (CARDOSO, 2015, p. 124) localiza-se na freguesia de Ansião, entre Sarzedela e Areosa. Hoje em dia, este sítio arqueológico encontra-se totalmente destruído (SILVA, 2012, p.28).

O dólmen foi achado em 1866, e dentro deste estavam presentes 1 placa de xisto, 6 lâminas de sílex e 1 machado de seixo (CAMPOS, 1876, p. 43). Quando se procedeu à recolha dos materiais, deparou-se que 3 dessas lâminas de sílex encontravam-se fragmentadas (SIMÕES, 1878, p. 48). Estes materiais foram oferecidos a 7 de maio de 1875 pelo Dr. António Augusto da Costa Simões¹³ ao Instituto de Coimbra (CAMPOS, 1876, p. 43). A primeira descrição que se encontrou sobre estes materiais data de 1876, e foi realizada pelo Dr. João Correia Aires de Campos, no catálogo realizado pelo mesmo sobre os materiais arqueológicos existentes no antigo Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra. A 21 de abril de 1958¹⁴ Vera Leisner realiza os desenhos de uns materiais provenientes de Ansião (SILVA, 2012, p. 28).

No antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra estão presentes 7 lâminas de sílex, 2 placas de xisto e 1 possível percutor (Fig. 36, p.94), identificados por uma etiqueta como sendo provenientes de Fonte Santa, Ansião (Fig. 70, p.116). Dos materiais referidos por João Campos (CAMPOS, 1876) no catálogo, foi possível identificar 1 placa de xisto e 6 lâminas de sílex presentes na reserva. Essas 6 lâminas encontram-se numeradas a lápis consoante as numerações realizadas por João Campos, o que subentende que estes materiais já teriam sido identificados previamente como provenientes de Fonte Santa. A placa de xisto, igualmente identificada no catálogo, na zona da cabeça tem duas perfurações alinhadas, os contornos

¹³ Professora da Faculdade de Medicina e reitor da Universidade de Coimbra entre 1892 e 1898. Foi sócio efetivo e honorário do Instituto de Coimbra (FERREIRA, 2015, p. 201).

¹⁴ Os desenhos foram somente publicados em 1998 na obra *póstuma*.

recortados e faixas laterais preenchidas com linhas na diagonal que formam losangos. O corpo da placa é decorado com motivos geométricos, triângulos com vértices para cima e para baixo, preenchidos de igual forma que as faixas laterais. Os únicos registos gráficos encontrados até agora relativamente a esta placa de xisto, foi uma fotografia da placa publicada em 2008 (VILAÇA & CUNHA-RIBEIRO, 2008, p.54) e posteriormente, um desenho realizado por B.L. Ferreira e uma fotografia de Professor Doutor João Luís Cardoso em 2015 (CARDOSO, 2015, p. 39).

Até agora, não foi possível encontrar na reserva o machado de seixo referido por João Campos (CAMPOS, 1876, p. 43). Poder-se-ia supor que este se referia ao possível percutor que se encontra na reserva. No que concerne à lâmina de sílex que não consta no catálogo, esta é acompanhada por duas etiquetas, uma delas refere que este material não foi desenhado por Vera Leisner, e a outra duvida da sua proveniência: “faca donde?” (Fig. 71, p.116). A outra placa de xisto também não é referida em nenhum momento no catálogo.

Como anteriormente referido, em 1958, Leisner realizou uns desenhos relativamente aos materiais de Ansião. Estes desenhos são compostos por 9 lâminas de sílex e 1 placa de xisto, que não é a anteriormente mencionada. Com intuito de entender se os desenhos realizados por Leisner podiam ser dos materiais presentes na reserva, prosseguiu-se com a comparação de ambos. A placa de xisto desenhada por Leisner tem um orifício central no topo e contém decoração geométrica, características iguais à placa de xisto que não consta no catálogo, a única exceção é que a placa hoje em dia encontra-se fraturada no canto inferior esquerdo e na altura em que foi realizado o desenho a peça é apresentada inteira. Sendo assim, podemos afirmar que a placa de xisto que se encontra na reserva foi efetivamente desenhada por Vera Leisner e é proveniente de Ansião. No que concerne às lâminas de sílex, de 7 destas foi possível identificar um total de 5 nos desenhos realizados por Leisner. As lâminas que foram desenhadas, constam no catálogo de Campos, portanto não existem dúvidas consoante a sua proveniência (Tabela 5, p.68).

Em 2012, a Professora Doutora Ana Maria Silva publicou uma investigação¹⁵ sobre os materiais antropológicos e arqueológicos de Ansião que constam no antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra. Nos inícios desta investigação, constava na reserva depositados restos ósseos humanos identificados por etiquetas como sendo provenientes do Dólmen junto à Estrada de Ansião (SILVA, 2012, p. 27). No ano 2000, o Museu Antropológico

¹⁵ In “Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do neolítico final/calcolítico.”, tese de doutoramento.

da Universidade de Coimbra¹⁶ foi contactado pelo Dr. Rodrigues Marques da Câmara Municipal de Ansião com o intuito de obter informações sobre estes materiais para a realização da carta arqueológica do concelho de Ansião (SILVA, 2012, p. 28). Esta troca de informações possibilitou identificar o Dólmen junto à Estrada de Ansião como sendo provavelmente o sítio atual Quinta da Lagoa, localizado a 1,5km a sul de Fonte Santa (SILVA, 2012, p. 28). Os materiais arqueológicos presentes na reserva provenientes desse sítio são compostos por 1 placa de xisto, 1 placa de grés, 1 lâmina de sílex e várias contas de xisto (SILVA, 2012, p. 29). Tendo em conta que Leisner desenhou os materiais provenientes de Ansião, acredita-se que estes desenhos eram compostos pelos materiais de Fonte Santa e do Dólmen junto à Estrada de Ansião (SILVA, 2012, p. 29), portanto, assume-se a possibilidade que a placa de xisto desenhada por Leisner ser proveniente do Dólmen junto à Estrada de Ansião. Em relação aos outros materiais mencionados – placa de grés, lâmina de sílex e contas de xisto¹⁷ – estes não foram encontrados na reserva do antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra. No entanto, na mesma publicação de 2008 (VILAÇA & CUNHA-RIBEIRO, 2008, p.55), onde consta a fotografia da placa de xisto, está presente uma fotografia da placa de grés proveniente das Lagoas, Ansião (VILAÇA e CUNHA-RIBEIRO, 2007, p. 26), sendo o único registo gráfico até ao momento encontrado em relação à placa de grés.

Em suma, temos presentes na reserva materiais provenientes de Fonte Santa e do Dólmen junto à Estrada de Ansião (Quinta da Lagoa). Contudo, ficam questões por resolver que até este momento não nos foi possível solucionar: o paradeiro dos materiais referidos do Dólmen junto à Estrada de Ansião; e a proveniência da lâmina de sílex. Por instantes pensou-se que a lâmina de sílex que não consta no catálogo de João Campos, poderia ser a lâmina referida do Dólmen junto à Estrada de Ansião, mas tendo em conta que a lâmina do dólmen foi desenhada por Leisner em 1958 (SILVA, 2012, p.29) e outra lâmina não consta nos desenhos de Leisner, essa hipótese de momento foi descartada.

¹⁶ O museu só viria a agregar-se o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra em 2006

¹⁷ Na reserva está presente numa caixa da V.A. 3 um conjunto de contas de xistos, privada de etiquetas que informem a sua providência. A questão que remete é: serão estas contas as mencionadas como sendo de Ansião?

4.2.13. Gruta do Medronhal

Na vitrine 11 da reserva do antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra estão presentes materiais arqueológicos acompanhados de etiquetas que indicam que estes seriam provenientes da Gruta do Medronhal.

A Gruta do Medronhal localiza-se na freguesia de Ega, aproximadamente a 3 km de Condeixa-a-Nova (VILAÇA *et al.*, 2022, p.23). Esta gruta foi descoberta em 1944 por mero acaso pelo Sr. José de Jesus Pita, enquanto este explorava pedra para o fabrico de mós; ao movimentar uma laje calcária encontrou a concavidade que dava acesso à gruta (VILAÇA *et al.*, 2022, p.17). Da gruta foram recolhidos ossos humanos e não humanos, objetos metálicos, líticos e cerâmicos.

Em junho de 2006, aproximadamente 62 anos depois do Sr. José Pita ter achado a gruta, deu-se conta que materiais da Gruta do Medronhal encontravam-se armazenados em caixas de cartolina cor-de-laranja numa vitrine do antigo Museu do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra (VILAÇA *et al.*, 2022, p. 19). Os materiais arqueológicos que se encontram na reserva são compostos por 3 cerâmicos, 1 lítico, 1 conta de colar e 37 artefactos em bronze (Fig. 37, p.95). Os materiais antropológicos, estudados pela Professora Doutora Ana Maria Silva, são constituídos por 550 peças ósseas ou dentárias (VILAÇA *et al.*, 2022, p.77) e 493 restos faunísticos, estudados pelo Professora Doutor João Luís Cardoso, entre eles de ovelha e/ou cabra, porco, cão, restos de lince ibérico, equídeo, coelho e boi doméstico (VILAÇA *et al.*, 2022, p. 90).

Como referido no início, estes materiais estavam acompanhados de etiquetas, onde consta o local de providência, “Gruta do Medronhal (Arrifana – Condeixa-a-Nova)” (Fig. 72, p.116), em alguns casos está referido a que peça é destinada essa etiqueta, “1 (uma) mola espiralada de fíbula” (Fig. 75, p.117), e datas alusivas à recolha ou ao achado (Fig. 77, p.119). Portanto, pelas etiquetas (Fig.73, p.116, à Fig. 78, p.120) foi possível reconhecer que as peças foram recolhidas ou achadas entre dezembro de 1944 e 24 de julho de 1945, subentendendo que desde da descoberta da gruta, em 1944 até ao verão de 1945, o depósito dos materiais na reserva não passou de um ato isolado.

No entanto, não se tem conhecimento até ao momento de quem seriam os depositários destes testemunhos. A ideia de o Sr. José Pita ter enviado os materiais da gruta do Medronhal para Coimbra é uma hipótese que não parece ser a mais provável (VILAÇA *et al.*, 2022, p. 30), porém não será descabido que este tenha entregue os materiais a alguém com contactos com a Universidade de Coimbra e que terá atuado como intermediário. Analisando o enquadramento

geográfico, a gruta do Medronhal situa-se perto do sítio arqueológico de Conimbriga, que entre 1922 e 1944 terá sido alvo de intervenções arqueológicas sob a direção do professor Vergílio Correia¹⁸ (VILAÇA *et al.*, 2022, p. 29), e que na altura em que os materiais da gruta foram recolhidos o abrigo de Eira Pedrinha estava a ser escavado sob a responsabilidade do geólogo Carlos Teixeira da Universidade do Porto (VILAÇA *et al.*, 2022, p.30). Devido a estas intervenções arqueológicas, muitos eram os trabalhadores em arqueologia que por estas regiões passavam, colocando-se a hipótese de o Sr. José Pita ter entregue os materiais da gruta a alguém que trabalhava nessas intervenções e que posteriormente os terá feito chegar a Coimbra. Além destas intervenções, A. Santos Conceição refere os materiais da gruta do Medronhal pela primeira vez em 1983 (VILAÇA *et al.*, 2022, p.19) e era conhecedor que em 1931 as ossadas, 1 malga e 2 facas de sílex que tinham aparecido numa gruta da zona de Eira Pedrinha tinham sido depositadas no Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra (VILAÇA *et al.*, 2022, p.30), o que supõe que estas duas estações arqueológicas não eram indiferentes a Conceição Santos e que este poderia ser o responsável pelo depósito dos materiais da gruta do Medronhal. Embora estas sejam as hipóteses mais plausíveis, nenhuma hipótese foi até agora comprovada.

Os materiais arqueológicos e antropológicos da gruta do Medronhal que se encontram na reserva do antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, à exceção dos fragmentos cerâmicos e de um lítico de forma retangular, foram alvos de um estudo criterioso (VILAÇA *et al.*, 2022). Os materiais arqueológicos encontram-se geralmente em bom estado de conservação.

A conta de colar é de cor esbranquiçada com brilho vítreo a gorduroso (VILAÇA *et al.*, 2022, p.35) e pela análise ótica e o apoio das propriedades físicas, deverá corresponder a quartzo com opal (VILAÇA *et al.*, 2022, p.37). No que concerne aos materiais de bronze, estes são compostos por 5 braceletes, 1 fíbula, 2 anéis e 29 argolas e aros.

As grutas não possuem uma cronologia singular, sendo utilizadas durante uma vasta diacronia, portanto as cronologias apresentadas de seguida só demonstram um determinado tempo de ocupação da gruta do Medronhal, ignorando devido à falta de materialidades se houve outro momento de ocupação da gruta. Por um lado, os artefactos metálicos, com base na sua tipologia, remetem para uma cronologia entre finais do séc. IX e o séc. VIII a.C., enquadrados nos períodos do Bronze Final e I Idade do Ferro (VILAÇA *et al.*, 2022, p. 61). Por outro, a datação radiométrica

¹⁸ O professor Vergílio Correia veio a falecer no verão de 1944, portanto exclui-se a hipótese de este ter sido o intermediário dos materiais da gruta do Medronhal com a antigo Instituto de Antropologia.

realizada em amostra de osso humano (VILAÇA *et al.*, 2022, p. 62), aponta que o indivíduo em questão terá falecido entre meados do séc. IX e meados do séc. VIII a.C. (VILAÇA *et al.*, 2022, p.62). Atendendo à concordância entre ambas as datações, não restam dúvidas sobre a cronologia desta fase de ocupação da gruta.

Apesar de até este momento não ser possível saber como foram depositados os materiais arqueológicos e antropológicos na reserva do antigo Instituto de Antropologia, o estudo realizado sobre a Gruta do Medronhal¹⁹ e as suas materialidades permitiram fundamentar o conhecimento sobre este sítio funerário dos períodos do Bronze Final e inícios da Idade do Ferro do território português.

4.2.14. Gruta do Moniz

O espólio encontra-se dividido em 4 vitrines distintas, concentrando-se num número mais elevado na vitrine nº7 onde estão presentes materiais arqueológicos, antropológicos e conchas. O que nos possibilitou identificar a designação deste sítio arqueológico foram as etiquetas individuais que acompanhava os materiais (Fig.79, p.120) e as etiquetas coladas nos materiais: “25-11-909 Gruta do Moniz (Turquel)” (Fig. 82, p.122).

A Gruta do Moniz localiza-se numa zona agrícola de Turquel, concelho de Alcobaça (BETTENCOURT, 1988, p.165). É importante ter em consideração que a toponímia deste sítio também poderá ser conhecida pelo nome de “Buraca do Moniz” ou “Casal Moniz” (BETTENCOURT, 1988, p.165).

A Gruta do Moniz foi descoberta casualmente em dezembro de 1906 ao prosseguir-se para a remoção de umas pedras do local (RIBEIRO, 1908, p.18). Em 1909, Paul Choffat realiza escavações arqueológicas no mesmo sítio, onde encontrou ossos humanos e de animais, grande quantidade de conchas de amêijoia e berbigão, 1 lâmina de sílex, 1 vaso de barro com cerca de 8 cm de altura (BETTENCOURT, 1988, p. 165). Sabe-se que parte do espólio está depositado no Museu Vieira Natividade (BETTENCOURT, 1988, p. 166), mas não há indicações até então de algum espólio ter sido transferido para o antigo Instituto de Antropologia.

¹⁹ Foi realizado um estudo publicado neste ano corrente, pela Doutora Raquel Vilaça, o Doutor João Luís Cardoso, a Doutora Ana Maria Silva e a Mestre Sara Almeida.

Os materiais que compõem o acervo deste sítio arqueológico são na maioria cerâmicos, contanto com um total de 85 fragmentos cerâmicos, 2 materiais metálicos e 36 líticos (Fig. 38, p.95). Nos materiais cerâmicos caracterizam-se 3 bojos com pega, 14 bordos, 4 fundos, 2 asas e os restantes são bojos. Na VA3 podemos ver expostos os materiais metálicos sobre uma folha de papel, nomeadamente uma moeda e uma possível ponta de lança. No que concerne os materiais líticos, não foi possível identificar uma morfologia que indicasse a função destes.

4.2.15. Maiorca e Gatões

Na vitrine 13 da reserva temos numa das caixas de papelão de cor-de-laranja, 6 peças líticas (Fig. 39, p.97) e 2 papéis (Fig. 83, p.122). Cada papel indica uma localidade de onde poderão ser provenientes os materiais: Maiorca ou Gatões, sendo que Gatões situa-se a cerca de 9 km de Maiorca não é de estranhar ambos os topónimos. A problemática aqui presente passa pelo facto destes materiais líticos encontrarem-se todos incluídos na mesma caixa sem haver indicação para cada um deles da sua proveniência. Portanto pensou-se por bem que faria mais sentido tratar estes dois sítios em conjunto em vez de individualmente.

O papel dirigido para os materiais oriundos da freguesia de Maiorca assinala que estes são datados do paleolítico e que poderiam estar relacionados com o “Dr. Soares – Mineralogia”. Para a freguesia de Gatões, temos um papel onde podemos ver escrito “Junto-Gatões (aula prática Dr. Soares)”, o que sugere que estes materiais são provenientes de Gatões e que poderiam ter sido utilizados em contexto de aula pelo Professor Doutor António Ferreira Soares.

O Dr. António Ferreira Soares, que aparece mencionado nos dois papéis, refere-se ao professor catedrático²⁰ reformado do Departamento de Ciências da Terra da Universidade de Coimbra, que realizou expedições geológicas e geográficas no território do Baixo Mondego. Durante esses trabalhos de campo, poderá ter encontrado os materiais que se encontram na caixa e posteriormente depositou-os no antigo Instituto de Antropologia, contudo trata-se só de suposições sendo impossível, até agora, confirmar alguma destas possibilidades.

²⁰ Informação confirmada pela Professora Doutora Raquel Vilaça.

4.2.16. *Museu de antiguidades do Instituto de Coimbra*

Um dos conjuntos de materiais da vitrine 16, são acompanhados de uma etiqueta que refere que estes provêm do antigo Museu de Antiguidades do Instituto a 10 de março de 1923 (Fig. 84, p.123). Comparou-se os materiais referidos nos catálogos, realizados pelo Dr. João Correia Aires de Campos (1876), com os 4 materiais líticos (Fig. 40, p.98) que se encontram na reserva a fim de encontrar alguma correspondência entre estes, mas os resultados foram negativos. Até este momento, não se sabe de onde são provenientes os materiais aqui presentes.

4.2.17. *Oliveira do Conde (vide Figueira da Foz)*

Na Vitrine Alta 2 do antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra estão presentes 12 materiais líticos acompanhados por 3 etiquetas que identificam a sua proveniência de sítio, Oliveira do Conde, perto do Carregal do Sal. Dessas 3 etiquetas notamos que uma delas é a transcrição de outra etiqueta mais antiga – “Oliveira do Conde próximo do Carregal do Sal of(erta) Macedo Ferraz” – sendo que na transcrição foi adicionado no final da etiqueta “12 peças” (Fig. 85, p.124), o que coincide com o número de materiais que temos presente na reserva.

Notamos que alguns destes materiais líticos eram acompanhados com etiquetas de inventário numeradas, iguais aos dos materiais do Casalinho (cf. subcap. 4.2.6.), da Figueira da Foz (cf. subcap. 4.2.11.) e da Várzea do Lírio (cf. subcap. 4.2.25.). Em primeira instância pensou-se que estas etiquetas poderiam ter sido colocadas na reserva sem haver correlação entre estes três conjuntos de materiais. Em todo o caso, decidiu-se confirmar a proveniência destes materiais líticos, não excluindo nenhuma das hipóteses: Oliveira do Conde ou Figueira da Foz?

No livro de Santos Rocha (1949), *Antiguidades Pré-Históricas do Concelho da Figueira da Foz*, o autor realizou um estudo intensivo das estações arqueológicas e dos materiais achados no concelho da Figueira da Foz. Os materiais arqueológicos apresentados neste livro foram analisados, desenhados, medidos e numerados por Santos Rocha. Portanto decidimos comparar os materiais líticos identificados como sendo de Oliveira do Conde, com os materiais publicados por Santos Rocha. Começou-se por comparar o número que aparecia nas etiquetas colocadas nos materiais com o número atribuído aos materiais por Santos Rocha, resultando na identificação de 8 machados de pedra polida como sendo provenientes do concelho da Figueira da Foz. Além da comparação numérica e dos desenhos dos materiais (ROCHA, 1949), realizou-se uma comparação

métrica (Tabela 3, p.66), a fim de interligar mais dados, entre os materiais da reserva e os materiais descritos por Santos Rocha, e não restarem dúvidas em relação à providência destes materiais.

Portanto dos 12 materiais líticos identificados pela etiqueta como sendo oriundos de Oliveira do Conde, 8 deles são na verdade provenientes do concelho da Figueira da Foz (cf. subcap. 4.2.11.). Em relação aos 4 restantes, não foi possível identificá-los como sendo da Figueira da Foz, ou seja, parte-se do princípio de que sejam provenientes de Oliveira do Conde.

O conjunto dos 4 materiais é composto por 3 machados de pedra polida e 1 lítico de pedra polida (Fig. 41, p.99). Dois deles tem uma etiqueta colada que se encontra em mau estado de conservação, mas numa delas ainda conseguimos ler “época pré-histórica nº 19 machado de pedra”. A informação retirada desta etiqueta não nos ajuda a entender a sua proveniência ou quem o trouxe para a reserva, somente percebemos que este poderá ter sido inventariado, embora não existe um registo escrito desse possível inventário.

Realizaram-se diversas pesquisas sobre as estações arqueológicas de Oliveira do Conde, mas até agora não nos foi possível identificar o sítio de proveniência destes materiais.

4.2.18. Origem desconhecida, contas

Na vitrine alta 3 da reserva, está presente numa das prateleiras uma caixa de cartolina de cor-de-laranja, que contém contas e fauna (Fig. 42, p.100). Nessa caixa não existe nenhuma etiqueta, o que nos impossibilita de saber a proveniência destas contas, como quem as doou ou as adquiriu.

4.2.19. Origem desconhecida, machado de bronze

No antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra estava presente na sala prática (sala 1.2) do Departamento de Ciências da Vida, 1 machado de bronze (Fig. 43, p.100). De momento este machado encontra-se na vitrine alta 1, na reserva do antigo Instituto de Antropologia. Não se sabe o sítio de proveniência deste machado nem como apareceu no atual Departamento de Ciências da Vida, nomeadamente naquela sala de aulas. Sabe-se que este continha uma etiqueta devido a um cordel que se encontra na aselha, mas esta foi perdida.

Este machado é caracterizado como sendo um machado de talão de duas argolas, mas de momento só tem uma presente. Talão retangular com um ressalto médio, com faces laterais crescentes do topo ao talão. A argola presente é de secção subcircular implantada no centro da lateral, abrangendo maior parte no talão. O gume é assimétrico apresentando grande desgaste. Existe uma nervura central que termina no botão, apresenta ainda na zona do talão as rebarbas de fundição.

4.2.20. Origem desconhecida, oferta de Armando Reis Moura

Na vitrine número 16 existem 2 materiais líticos (Fig. 44, p.101), cuja única informação disponível é que terão sido oferecidos por Armando Reis Moura a 6 de outubro de 1955, enquanto estudante de Antropologia (Fig. 86, p.124).

4.2.21. Ota

A vitrine número 8 armazena, em caixas de papelão cor-de-laranja, materiais vindos da freguesia de Ota, em Alenquer. Mais de metade do espólio é composto por material antropológico, sendo que neste conjunto só estão presentes 10 fragmentos cerâmicos, nos quais se destacam 1 asa, 1 fundo e 1 bordo, e 2 lâminas de sílex (Fig. 45, p.102). O espólio arqueológico não se encontra num só repositório, estando este disperso por várias caixas.

Os materiais arqueológicos e antropológicos são acompanhados com pequenas etiquetas azuis (Fig. 89, p.126). Tudo indica que essas etiquetas tenham sido realizadas em Coimbra, tendo em conta que são transcrições de uns papéis de cor castanha que também acompanhavam os materiais (Fig. 87 e 88, p.125) e pelo facto de encontrarmos etiquetas iguais em outros conjuntos de materiais de sítios distintos (Por exemplo: Cabeço do Samouco).

Nas etiquetas constam datas entre os dias 16 a 18 de novembro de 1908, diversas coordenadas com pontos cardeais que têm como ponto de partida a Igreja da Ota e um número que vai variando. No que concerne às datas põem-se a possibilidade de estas corresponderem ao dia em que foi realizado o registo no antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, pois as etiquetas mais antigas não dispõem de datas.

Após as datas, temos umas coordenadas a partir da Igreja de Ota, que possivelmente será a Igreja Divino Espírito Santo da Ota. Com intuito de identificar o sítio arqueológico de proveniência destes materiais, decidiu-se percorrer num mapa as coordenadas descritas nas etiquetas. Partindo da Igreja de Ota traçou-se um caminho reto consoante as distâncias indicadas, e o destino encontra-se numa zona atualmente florestal perto da Zona Industrial de Ota. Nessa área não foi identificado nenhum sítio arqueológico, portanto se estas coordenadas estiverem corretas até então não há registo do seu sítio arqueológico no Endovélico.

Os primeiros vestígios arqueológicos conhecidos da Ota foram descobertos entre 1864 e 1885 por Carlos Ribeiro, e posteriormente, a partir de 1919, Hipólito Cabaço realizou diversas explorações nesta região (RAPOSO, 2017, p. 11). Não foram encontradas referências sobre o achado dos materiais da reserva ou sobre a sua vinda para Coimbra. Além que existe um intervalo de tempo entre os trabalhos realizados por ambos os investigadores, que coincide, consoante as datas nas etiquetas, na possível recolha de os materiais arqueológicos e antropológicos.

Apesar deste relatório consagrar-se à coleção arqueológica, é imperativo que seja recolhida e analisada toda a informação disponível e relevante. Neste sentido, após esta primeira análise aos materiais arqueológicos da região de Ota, foi igualmente observado o material antropológico associado. Este é igualmente identificado com uma etiqueta azul e a informação que consta nela não difere muito dos materiais arqueológicos, sendo em algumas datas e coordenadas iguais ou próximas.

Infelizmente, as informações obtidas pelas etiquetas e as pesquisas realizadas não resultaram na determinação do sítio de providência destes materiais.

4.2.22. Parada de Gonta

Numa caixa de cartolina cor-de-laranja, na vitrine 16, temos presente 17 fragmentos cerâmicos (Fig. 46, p.103) e fragmentos de carvão de pequeno calibre acompanhados de duas etiquetas, uma azul escrita à máquina e a outra de cartão escrito a lápis, que dizem “Parada de Gonta” (Fig. 91, p.127).

Foram realizadas pesquisas sobre esta freguesia e os materiais que se encontram na reserva a fim de compreender a proveniência dos materiais, o que apontou para nenhum resultado. Tendo em conta que o sítio de Parada de Gonta enquadra-se no concelho de Tondela, contactou-se a

Câmara Municipal a fim de falarmos com um arqueólogo, mas infelizmente não foi possível encontrar nenhuma referência que indicasse o transporte dos materiais para o antigo Instituto de Antropologia de Coimbra.

4.2.23. *Quinta de Nossa Senhora da Luz (?)*

Na vitrine número 15, estão presentes numa caixa de cartolina cor-de-laranja materiais arqueológicos, fragmentos de crânio e um papel. Os materiais arqueológicos são compostos por 88 fragmentos cerâmicos e 1 peça metálica, cuja forma não possibilitou identificar a sua funcionalidade. Nesse conjunto, temos presente 2 fragmentos campaniformes (Fig. 47, p.104).

No que concerne ao papel conseguiu-se transcrever uma parte deste: “Ossos de craneo encontrados em uma (?) sepultura de origem m^{to} remota na Q.^{ta} de N Senhora (?) da Luz, conselho de Lagos. Offerece João R. Mascarenhas de Mello”. (Fig. 92, p.127). Em 1917, o Dr. Leite Vasconcelos fala-nos de uma quinta que visitou na Senhora da Luz, que pertence à família Mascarenhas de Melo, onde viu numa encosta uma anta em mau estado de conservação (VASCONCELOS, 1917, p.127). Leite de Vasconcelos ainda relata que, em 1886, Estácio da Veiga já tinha mencionado esta anta, onde achou alguns materiais líticos e osteológicos (VEIGA, 1886, p. 211), mas nada que possa ligar-se aos materiais presentes no antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.

Não se sabe neste momento a proveniência destes materiais, sendo que o papel que os acompanha destina-se aos fragmentos de crânio sem mencionar uma possível, ou não, correlação entre eles. No entanto, sendo que os materiais se encontram na mesma caixa que os fragmentos ósseos, realizaram-se pesquisas sobre o sítio mencionado no papel. No Endovélico (DGPC) temos presente um dólmen identificado como *Quinta da Senhora da Luz*²¹, situado na freguesia da Luz, Lagos. Não existe nenhuma informação sobre este sítio e do seu possível espólio, há exceção da descrição do monumento, do qual restam alguns esteios quebrados. A descrição aqui presente, não difere da descrição realizada por Leite Vasconcelos (VASCONCELOS, 1917, p.127): “*alguns esteios (de grés) quebrados, que faziam parte de uma anta(...)*”. Podemos supor que o dólmen georreferenciado no Endovélico (DGCP) é o mesmo descrito por Leite Vasconcelos.

²¹ Informação adquirida no Endovélico (DGPC), CNS 1961 in <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=47827>

4.2.24. *Trouxemil*

Na vitrine número 13, na mesma caixa de cartolina cor-de-laranja onde se encontravam os materiais de Maiorca e Gatões (cf. subcap. 4.2.15.), temos presente numa caixa pequena de cartão com 1 machado de pedra (Fig. 48, p.104) acompanhado de 1 etiqueta (Fig. 93, p.128). Foi-nos possível identificar este material como sendo de Trouxemil, tendo em conta que este se encontrava separado dos materiais de Maiorca e Gatões.

A etiqueta que acompanhava o machado é que nos permitiu identificar o sítio de proveniência e a pessoa que doou a peça. Este foi achado à superfície pelo Professor Doutor António Ferreira Soares em Trouxemil. Na etiqueta temos presente uma data relativamente ao machado, mas não se sabe ao que esta se refere; podia corresponder ao dia do achado ou ao dia em que este entrou no antigo Instituto de Antropologia. Além destas informações, está escrito na parte inferior desta etiqueta “Set.(embro) de 1961”, mas não se sabe ao que se refere.

4.2.25. *Várzea do Lírio*

O sítio arqueológico Várzea do Lírio situa-se na freguesia Alhadas, no concelho da Figueira da Foz. Como muitos outros trabalhos arqueológicos na região da Figueira da Foz, o sítio da Várzea do Lírio foi descoberto por António dos Santos Rocha (CALLAPEZ e CARVALHO, 2010, p. 38), que acreditava que este sítio seria um dos “logares onde estacionou o povo ou tribo que provavelmente construiu as antas das vizinhanças de Brenha” (ROCHA, 1887, p. 424). A realidade é que nunca foram encontrados vestígios de estruturas que comprovassem a permanência destas comunidades naquele sítio, mas efetivamente torna-se admissível considerar este sítio como um povoado, tendo em conta a quantidade de espólio arqueológico que se encontrou e que leva a supor que o homem que por ali ficou trabalhasse a matéria-prima importada no sítio do seu *habitat* (VILAÇA, 1988, p. 25).

O espólio recolhido na altura por Santos Rocha contava com mais de 700 exemplares (ROCHA, 1887, p. 424). Alguns dos exemplares ficaram guardados por Santos Rocha, enquanto que outros foram oferecidos ao antigo Instituto de Coimbra (ROCHA, 1949, p.60). No antigo Instituto de Antropologia estão presentes 35 fragmentos cerâmicos (Fig. 49, p.105) e 72 materiais líticos provenientes de Várzea do Lírio, sendo que de momento 1 fragmento cerâmico e as peças líticas foram emprestadas ao Museu Municipal Santos Rocha para uma exposição temporária,

como no caso de alguns materiais das “Antas das vizinhanças de Brenha” (cf. subcap. 4.2.11.1). Nesta coleção destacam-se dois fragmentos cerâmicos devido à sua decoração incisa no lábio.

A maioria dos materiais encontra-se com uma etiqueta numerada colada (Fig. 95, p.129) – etiquetas iguais às de outros casos de materiais provenientes da Figueira da Foz aqui expostos – o que permitiu dar credibilidade à etiqueta informativa que indicava que estes materiais seriam provenientes de Várzea do Lírio. Como em outros casos, comparou-se os números nas etiquetas com os números atribuídos por Santos Rocha (1949) na sua obra - *Antiguidades Pré-Históricas do Concelho da Figueira da Foz* -, a fim de que as dúvidas sobre a proveniências destes materiais fossem nulas.

4.2.26. Vila Nova de São Pedro

O sítio de Vila Nova de São Pedro localiza-se na freguesia de Manique do Intendente, na Azambuja. Este sítio foi oficialmente reconhecido em 1936, por Hipólito Cabaço, apesar de anteriormente já ter sido referido por Leite de Vasconcelos, em 1929 quando o general Victoriano José César lhe ofereceu um machado de cobre, um percutor e um fragmento cerâmico que tinha sido encontrado pelo proprietário da terra enquanto lavrava a terra (RIBEIRO, 2013, p. 13). Em 1937, após conseguidas as autorizações, iniciam-se os trabalhos arqueológicos no sítio, dirigidas por Afonso do Paço (RIBEIRO, 2013, p. 13) durante aproximadamente 30 anos (CARDOSO e RIBEIRO, 2013, p. 788).

No antigo Instituto de Antropologia, estão presentes hoje em dia 9 pontas de setas e 1 lítico (Fig. 50, p.106), vindas de Vila Nova de São Pedro. Estes materiais encontram-se expostos sobre 1 cartão azul e, sendo que estes foram numerados com uma tinta preta, encontram-se organizados por ordem numérica. Verificamos que as numerações realizadas vão até ao número 12, estando em falta os números 8 e 9, o que pode indicar que inicialmente eram 12 pontas de setas e não 10, mas além de uma nota escrita a lápis no cartão azul – “falta nº 9 10/10/97” – não há indícios do número exato de materiais que chegaram ao antigo Instituto de Antropologia.

Por uma etiqueta que acompanha estes materiais (Fig. 96, p.129), sabe-se que em março de 1958, Afonso do Paço terá oferecido as pontas de setas ao antigo instituto de Antropologia. Além desta etiqueta, não existe nenhuma fonte escrita que indique o envio destes materiais até à reserva. Contudo, no que concerne os materiais faunísticos é de que conhecimento que em 1953 e 1956

esses materiais foram enviados para a reserva sobre o cuidado do professor Xavier Cunha (CARDOSO e RIBEIRO, 2013, p. 759), mas em nenhum momento, até agora, é referido formalmente o envio das pontas de setas para Coimbra²².

²² Aguardam-se os resultados de pesquisa desenvolvidos sobre o assunto da responsabilidade da Doutora Ana Maria Silva, em trabalho que se encontra no prelo (“A colaboração do antigo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra com as escavações de Vila Nova de S. Pedro: algumas notas históricas”. Actas do Congresso: *Vila Nova de São Pedro - 1971/2021: cinquenta anos de investigação sobre o Calcolítico, no Ocidente Peninsular*) e ao qual não nos foi possível consultar.

4.3. Um conjunto de materiais do antigo Instituto de Antropologia: Caverna dos Ramalhais

O nome Caverna dos Ramalhais apareceu-nos escrito numa etiqueta que acompanhava um conjunto de materiais cerâmicos. Infelizmente, como abordado anteriormente (cf. subcap. 4.2.8.), não nos foi possível identificar a localização deste sítio. Apesar disso, entendeu-se selecionar esta coleção como caso de estudo de uma das estações representadas no acervo. O plano inicial do trabalho de estágio previa a escolha de um caso de estudo e a escolha da Caverna dos Ramalhais, pelo fato de ser uma gruta, de ser de uma região relativamente próxima, o que poderia ser vantajoso caso tivesse sido possível visitá-la, e, evidentemente, pelo interesse e coerência crono-cultural dos materiais cerâmicos presentes.

Na reserva existem 65 fragmentos cerâmicos, dos quais 21 foram selecionados para este estudo (Fig. 98, p.131), partindo das características tecnológicas, morfológicas e da colagem entre fragmentos. Dito isto, os 21 fragmentos selecionados compõem um total de 8 peças distintas, quantidade insuficiente para um estudo estatístico.

Os fragmentos cerâmicos selecionados foram transferidos temporariamente para o Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, onde se desenvolveu o estudo dos mesmos. Aparentemente, os materiais foram entregues tal como tinham sido recolhidos, apresentando-se muito sujos. Iniciou-se, por isso, o trabalho de limpeza de forma muito cuidada tendo em conta que se encontram bastante fragilizados; um dos fragmentos possui no seu interior traços de fuligem (Fig. 97/6, p.131). Normalmente o passo seguinte seria composto pela marcação individual dos fragmentos, mas tendo em conta que estes foram alvo de uma seleção objetivada para o conhecimento da cultura material, de uns dos conjuntos de materiais da reserva, e não pelo estudo pleno dos materiais da reserva, não se concretizou a marcação das peças. Contudo, atribuímos um número indicativo para cada peça, de maneira a facilitar a distinção entre estas. O passo seguinte consistiu no desenho e caracterização dos mesmos em termos morfológicos e estilísticos.

Num primeiro plano, podemos abordar algumas características que estes fragmentos têm em comum. Como já informámos, os materiais encontram-se em mau estado de conservação, sendo de salientar que as suas pastas são friáveis. Os desengordurantes são de médio calibre, identificando-se partículas de quartzo e mica. Na maioria dos casos, a superfície é rugosa ou mal alisada, com vestígios de pequenas fissuras. A modelação das peças é realizada manualmente.

A decoração plástica, em cordão e mamilo, é a predominante neste conjunto de materiais, seguindo-se a decoração incisa. Uma das peças apresenta decoração tipo boquique.

Nos 5 bordos aqui tratados, não existe um tipo predominante, sendo 2 convexos, com lábio arredondado; 2 extrovertidos, um deles de lábio arredondado e o outro plano; e o último reentrante com lábio plano. Em todos os bordos foi-nos possível identificar o diâmetro de abertura das peças, embora de forma só aproximada em alguns deles; tratando-se na maioria dos casos de formas abertas.

A título meramente exemplificativo, apontam-se para os casos mais expressivos um ou outro paralelo, assunto que tencionamos aprofundar futuramente.

4.3.1. Descrição e comentário das peças

Peça nº1 (Fig. 97/1) – Este recipiente é composto por 7 fragmentos, dos quais 5 colam e os outros 2 são adjacentes. A pasta é friável com desengordurantes de granulometria e frequência média. A superfície é alisada, com presença de algumas fissuras dado a fragilidade da peça. O núcleo tem cor negra e a superfície apresenta cor castanha/avermelhada, com manchas negras numa das partes do bordo, provavelmente devido ao contacto com momentos de combustão. As paredes são medianamente espessas e o diâmetro do bordo poderá atingir cerca de 50cm. A decoração incisa apresenta-se por baixo do bordo, definindo uma linha irregular paralela àquele. Este tipo de decoração também é observado, por exemplo, no conjunto cerâmico de Monta da Foz 1, Santarém (NEVES, 2015, p. 460).

Peça nº2 (Fig. 97/2) – Esta taça é de pasta friável com desengordurantes de granulometria e frequência média. A superfície é alisada, com fissuras semelhantes à da peça nº1. O núcleo é de cor negra com a superfície castanha escura e contém manchas negras no bordo. As paredes são medianamente espessas e o diâmetro do bordo é de 18cm. Não possui decoração.

Peça nº3 (Fig. 97/3) – Este recipiente corresponde a porção do bordo e da parede do corpo. A pasta é friável, com desengordurantes de granulometria e frequência média. A superfície é alisada, com vestígios de fissuras. A tonalidade da superfície é alaranjada com algumas manchas negras e o núcleo é de cor negra. As paredes são espessas e o diâmetro do bordo pode atingir cerca de 50cm. Mostra decoração plástica de cordões que se cruzam abaixo do bordo e aplicação de um mamilo no bordo. No sítio arqueológico de Eira Pedrinha foi achado um fragmento cerâmico com

decoreção plástica de cordões com a mesma orientação e motivo (VILAÇA, 1998, p. 22), sendo exceção no cruzamento, que origina um mamilo.

Peça nº4 (Fig. 97/4) – Este recipiente é constituído por 4 fragmentos cerâmicos. A pasta é muito friável, com desengordurantes de granulometria média e pouca frequência. A superfície é alisada, de tom castanho e manchas pretas por quase toda a peça. O núcleo é de cor negra. As paredes são finas e o diâmetro da peça é de 18cm. Esta peça tem três tipos de decoração distinta, exibindo um bordo com lábio denteado seguido por cinco linhas de decoração tipo boquique e, numa faixa inferior, mostra motivos puncionados, de formato subovóide limitados por uma canelura. No que concerne o bordo denteado existem paralelos achados no Povoado de Leceia, Oeiras (CARDOSO, 1997, p. 70); respeitando a decoração tipo boquique mostram-se paralelos no sítio Valada do Mato, Évora (DINIZ, 2011, p. 258). Este tipo de decoração boquique de cronologia neolítica foi alvo de síntese recente a que importa atender no estudo futuro deste sítio (CARVALHO, 2018).

Peça nº5 (Fig. 97/5) – Recipiente composto por 4 fragmentos, de pasta friável com desengordurantes de granulometria média e de pouca frequência. A superfície é alisada, com sinais de fissuras; tonalidade castanha/avermelhada. A fratura é de cor negra. As paredes são espessas e o diâmetro do bordo é de 18cm. Temos presente 1 asa de preensão vertical, em fita, de secção sub-ovoide nascendo diretamente do bordo, que é plano.

Peça nº6 (Fig. 97/6) – O bojo aqui presente é de pasta pouco compacta com desengordurante de grande calibre e de frequência mediana. A superfície é rugosa, de tonalidade castanho claro, com manchas castanhas escuras na zona superior da peça e o núcleo é de cor negra. A superfície interior tem presente traços de fuligem. As paredes são espessas. A peça contém decoração plástica com cordão, não ornamentado; acima deste existe um orifício. Entre inúmeros outros sítios, no sítio arqueológico de Cabranosa, em Sagres existe cerâmica com decoração plástica em cordão simples (CARDOSO *et al.*, 1998, p. 62).

Peça nº7 (Fig. 97/7) – Bojo de pasta friável, com desengordurantes de granulometria e frequência média. A superfície rugosa é de tonalidade castanha, com manchas negras, e o núcleo é de cor negra. As paredes são espessas. O fragmento contém decoração plástica de cordão (dos quais só três colam entre si), sem ornamentos e com uma concavidade circular sobre a decoração plástica.

Peça nº8 (Fig. 97/8) – Este boje é de pasta compacta, com desengordurantes de pouca granulometria e frequência. A sua superfície é alisada, de cor castanha clara, com manchas negras

em quase a totalidade da peça. O seu núcleo é de tonalidade castanha, constituindo o único caso deste conjunto. As paredes são medianamente espessas. Apresenta uma decoração incisa, com motivos triangulares.

O conjunto de peças aqui apresentadas compõem um grupo pequeno de amostras, o que impossibilita conclusões estatisticamente relevantes. No entanto, existem alguns aspetos a salientar desta análise. Este conjunto de materiais encontra-se muito fragilizado, fator possivelmente justificado pelo seu armazenamento pouco cuidado e, sobretudo, pelas suas pastas friáveis, com exceção de dois fragmentos (nº6 e 8). Na peça nº6 foi possível verificar a presença de calcite, elemento que se começou a usar no Neolítico como desengordurante (VILAÇA, 1998, p. 70).

Além das suas pastas, o tipo de decorações — incisões, puncionamentos, aplicações plásticas e boquique — é um dos aspetos também a salientar, devido à sua diversidade, atendendo ao reduzido conjunto de materiais. Mas o seu valor sobressai principalmente por constituírem bons indicadores cronológicos. Com efeito, a atribuição cronológica aqui proposta — Neolítico — parte da comparação das técnicas de decoração com outros materiais, de outras estações arqueológicas, em que o seu achado possibilitou realizar um estudo crono-cronológico seguro.

O último aspeto que queremos salientar relaciona-se com os dois recipientes de grande dimensão (nº 1 e 3), cuja capacidade poderá apontar para uma certa imobilidade das comunidades que os manipularam.

Infelizmente, os constrangimentos que foram identificados e que não foi possível ultrapassar, impedem atribuir estes materiais a um contexto de natureza definida e a um sítio. Quanto a este, cuja localização desconhecemos, a sua designação sugere tratar-se de uma gruta, ou caverna, não sendo de descartar a hipótese de os materiais comentados constituírem espólio funerário ou votivo. O seu interesse, apesar destas limitações, justifica que a eles se volte oportunamente, o que tencionamos fazer, em estudo fundamentado.

5. Notas Finais

Como referido anteriormente, os materiais arqueológicos armazenados no antigo Instituto de Antropologia da UC estão desprovidos de um registo que permita entender o seu percurso biográfico recente. O trabalho realizado no âmbito deste estágio é um contributo nesse sentido.

Num primeiro plano, a única informação que temos provem das etiquetas, informação que não pode ser tomada sem um olhar crítico. Com efeito, verificou-se que em 2 casos distintos (Casalinho e Oliveira do Conde) as etiquetas continham informação errada. O facto de muitas das etiquetas corresponderem a papéis soltos e não marcados (ou colados) diretamente nas peças torna a informação muito vulnerável. Como ficou dito antes, quando se iniciou este estágio registámos 35 sítios distintos. No entanto, das 31 coleções reconhecidas na reserva com material arqueológico, foi possível identificar com segurança a origem de 16. Acredita-se que este resultado seja causado por vários fatores, em que o principal resultará da falta de um registo íntegro, contínuo e partilhado.

Em coleções de sítios distintos não se pode ignorar que a metodologia empregue, no registo por etiquetas é idêntica no que respeita o tipo de etiqueta e as informações que continha, sendo um dos exemplos as etiquetas azuis que contêm uma data, coordenadas e nome de sítio, dos conjuntos de materiais do Cabeço do Samouco (Fig. 57, p.110) e da Ota (Fig. 90, p.126). As duas ideias que transparecem é que estas seriam a transcrição de um documento mais antigo realizada no antigo Instituto de Antropologia e que estes materiais teriam sido recolhidos pontualmente, sendo de especular que a data se refere ao dia do achado. Porém, a não existência dessa anotação e a falta de informação adicional que pudesse identificar a estação arqueológica de onde os materiais são provenientes, criam lacunas na resolução do nosso objetivo principal, deixando espaço para dúvidas.

Quando se fala aqui das coleções de arqueologia, é preciso ter em conta que várias dessas coleções são acompanhadas por materiais antropológicos, sendo de admirar a falta de registos ou estudos sobre alguns destes, tendo em conta que estes materiais se encontram num edifício dedicado ao ensino antropológico e que desde a criação da cadeira de Antropologia foram realizados trabalhos osteométricos pelos alunos²³ (AREIA e ROCHA, 1985, p. 14).

Apesar dos constrangimentos mencionados anteriormente, o trabalho constitui, em nossa opinião, um contributo científico válido para o conhecimento das coleções. Os materiais

²³ Os trabalhos realizados em 1884/85 foram posteriormente publicados em 1904 – “Aula de Anthropologia da Universidade de Coimbra – Trabalhos de alunos” – mas não existe registo das coleções aqui tratadas.

arqueológicos encontram-se armazenados na penumbra há imensos anos, o que resultou na privação do conhecimento destes e do seu paradeiro. Esta realidade permanece muito visível atualmente, sendo que existem imensos materiais recolhidos, em prospeções ou em intervenções em contexto de arqueologia de resgate, que não são estudados ou publicados, portanto sem possibilidade de darem o seu contributo histórico. Este aspeto deve-se ao fato de a gestão de espólio não conseguir acompanhar a forte expansão da atividade arqueológica, algo que também poderia ter já acontecido em parte no século passado. Neste sentido, o espólio presente na reserva resultará em primeiro lugar de uma preocupação de salvaguarda e não de um estudo imediato.

A maioria dos materiais da reserva, sendo inéditos, permitem-nos publicar novos dados sobre achados arqueológicos, alargando o conhecimento sobre a arqueologia e historiografia atual, além de dar agnição à comunidade científica da sua existência. Nos restantes materiais, recuperamos materiais já conhecidos, mas cujo paradeiro era desconhecido. Por exemplo, os materiais da Figueira da Foz encontravam-se contextualizados, analisados e desenhados (ROCHA, 1949), mas hoje em dia, a localização destes não era exatamente conhecida. Dito isto, pretende-se sensibilizar acerca da importância do estudo e das publicações de coleções antigas, dando-lhes primazia em vez do prosseguimento de novas intervenções, tendo em conta o manancial informativo que estas possam ter, que visaria no preenchimento de lacunas historiográficas e culturais.

Bibliografia

ALMEIDA, António de (1942) – “Por Terras de Penalva (Beira Alta) – Apontamentos para o estudo da arqueologia e da história da região”, in *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. IX, fasc. IV, Porto, 1942, pp. 233-282.

AMARAL, Ana Rita, MARTINS, Maria do Rosário e MIRANDA, Maria Arminda (2013) - “O contexto museológico da antropologia na Universidade de Coimbra: Uma síntese histórica (1772-1993)” in *História da Ciência na Universidade de Coimbra (1772-1933)*, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 5-34.

AREIA, Manuel L. Rodrigues de e ROCHA, Maria Augusta Tavares da (1985) – “O Ensino da Antropologia” in *Cem anos de Antropologia em Coimbra*, Museu e Laboratório Antropológico, Coimbra, pp. 13-60.

Autor Desconhecido (1956) – “Leite de Vasconcelos”, in *O Archeologo Português*, volume XXX, Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, Imprensa Nacionais, Lisboa, 1956, pp. 4-7.

BASTOS, António João (1758) – “Memórias Paroquiais”, tomo 25, p. 38.

BETTENCOURT, Ana M. S. (1988) – “A freguesia de Turquel (Alcobaça). Alguns dados arqueológicos” in *Conimbriga*, vol. 27, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 155-196.

BREUIL, Henri & ZBYSZEWSKI, Georges (1943) - “Le paléolithique de la collection de M. Hipolito da Costa Cabaço, a Alenquer”, *Damianus a Goes*, Lisboa, 4, pp. 97-133.

CALLAPEZ, Pedro Miguel, e CARVALHO, Miguel de (2010) – “As “areias de Várzea do Lírio” e o neolítico da Serra da Boa Viagem (Figueira da Foz, Portugal): Influência da envolvente geológica do meio natural na neolitização do território” in *Estudos do Quaternário*, 6, APEQ, Braga, pp. 37-47.

CAMPOS, João Correia Aires de (1876) – “Catalogo dos objectos existentes na collecção de archeologia do Instituto de Coimbra” in *“O Instituto”*, vol. 22, Imprensa da Universidade, Coimbra, pp. 42-49.

CANEIRA, Roberto (2019) – “Glória do Ribatejo: Caracterização histórica e cultural” *Caderno do Território*, nº1, Série Salvaterra de Magos, Cátedra UNESCO de Património Imaterial, Universidade de Évora, p. 1-34.

CARDOSO, Guilherme (2018) – “As necrópoles romanas/visigóticas de Miroiço e Alcoitão (Cascais)”, in *Conimbriga*, vol. LVII, 2018, pp. 169-216.

CARDOSO, J. L. e RIBEIRO, Maria (2013) – “Afonso do Paço e as escavações de Vila Nova de São Pedro (1937-1967): os contributos científicos possíveis e sua projecção internacional” in *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras. 20, pp. 755-770.

CARDOSO, João Luís (1997) – “O Povoado de Leceia. Sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo”, Instituto Português de Museus e CM Oeiras, 1ª edição, p. 70

CARDOSO, João Luís (2015) – “Na estremadura do neolítico antigo ao neolítico final: os contributos de um percurso pessoal” in *Monografias APP 2*, Associação dos Arqueólogos Portugueses Lisboa, pp. 25-49.

CARDOSO, João Luís, CARVALHO, António Faustino e NORTON, José (1998) – “A estação do Neolítico Antigo de Cabranosa (Sagres, Vila do Bispo): estudo dos materiais e integração cronológico-cultural” in *O Arqueólogo Português*, volume XVI, p. 55-96.

CARVALHO, António Faustino (2018) – “Produção cerâmica no início do Neolítico em Portugal: dados recentes sobre os VI e V milénios a.C.” in *SAGVNTUM. Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*, vol. 51, pp. 9-22

CORREIA, A. A. Mendes Correia (1940) - “Novas estações líticas em Muge”, in *Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-História de Portugal (I Congresso)*, Actas do Congresso do Mundo Português, Lisboa, pp. 111-127.

CRUZ, Carlos, BETTENCOURT, Ana M. S., CALLAPEZ, Pedro M., SILVA, Luis M. C. e RODRIGUES, Sérgio Monteiro (2014) – “Materiais de construção e materiais líticos nas práticas funerárias neolíticas da serra da Boa Viagem (Centro-Oeste de Portugal). O caso do monumento megalítico do Cabeço dos Moinhos, Figueira da Foz”, in *Corpos e metais na fachada atlântica da Ibéria: do Neolítico à Idade do Bronze*, APEQ e CITCEM, Braga, 2014, p. 10-32.

DINIZ, Mariana (2011) – “O povoado da Valada do Mato (Évora, Portugal)” in *SAGVNTVM Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*, Extra-12, Las primeras producciones

cerâmicas: el VI milénio cal a.C. en la Península Ibérica, Universitat de Valencia, 2011, p. 255-259

DIOGO, A. Manuel Dias (1986) – “Terra Sigillata Hispânica do castro de Nandufe, Tondela” in *Beira Alta*, vol. 55, pp. 393-394.

ENCARNAÇÃO, José de (1981) – “Noticiário Arqueológico” in *Conimbriga*, vol. 22, Faculdade de Letras Instituto de Arqueologia, Universidade de Coimbra, 1983, pp. 217-247.

FERREIRA, Ana Margarida, VILAÇA, Raquel (2021) – “Apresentação de um colóquio e um livro por Santos Rocha” in *Santos Rocha, Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz*, Livro de Colóquio, 2021, pp.10-15.

FERREIRA, Licínia Rodrigues (2015) – “Sócios do Instituto de Coimbra (1852-1978)”. UC Bibliotecas, Coimbra, 2012, pp. 3-226.

FIGUEIRAS, Isilda (1985) – “Biblioteca” in *Cem anos de antropologia em Coimbra 1885-1985*, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 61-78.

GONÇALVES, Joana Sofia Quaresma Figueiredo (2013) – “Conservação e restauro de uma Trompa em marfim: metodologia de tratamento de um material de origem animal e participação no tratamento de conservação e restauro de um Presépio com Maquineta e Trempe” Instituto Politécnico de Tomar, Escola Superior de Tecnologia de Tomar, pp. 6-11.

LEISNER, Vera (1998) - Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen, "Madriider Forschungen ", Band 1, Berlim, Walter de Gruyter (org. de Philine Kalb).

LEONARDO, António José, MARTINS, Décio Martins e FIOLEAIS, Carlos (2013) – “O Instituto de Coimbra e a Ciência na Universidade de Coimbra” in *História da Ciência na Universidade de Coimbra (1772-1933)*, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 209-246.

LOUREIRO, Adolpho (1910) – “Dr. António dos Santos Rocha” in *Boletim da Associação dos Archeologos Portuguezes*, Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, tomo XII – Nº2, 5ª série, 1910, pp. 73-86.

MARTINS, Maria do Rosário (1985) – “As colecções Etnográficas” in *Cem anos de Antropologia em Coimbra*, Museu e Laboratório Antropológico, Coimbra, pp. 117-148.

MEIRA, Catarina Barradas (2015) “As Necrópoles alto-medievais do Concelho de Cascais (Séculos VI e VII)”, dissertação de Mestrado em Arqueologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, p. 1-139.

NEVES, César (2015) – “A cerâmica decorada com sulco abaixo do bordo do sítio Neolítico do Monte da Foz 1 (Benavente, Portugal)” in *Revista Arkeogazte*, VII Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica: Arqueologías sociales. Arqueología en Sociedad, 2015, pp. 458-465.

PAÇO, Afonso do (1929-1968) – “Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço”, vol. 1, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 85-108.

PAÇO, Afonso do (1955) – “Necrópole de Alapraia” in *Anais*, II serie, vol. 6, pp. 27–140.

PEREIRA, M. A. Horta (1970) – “Hipólito Cabaço – pela sócia efectiva” in *Arqueologia e História*, série 9, vol. 2, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1970, pp. 185-204.

PERPÉTUO, João Miguel (2021) – “Anta do Penedo do Com (Penalva do Castelo, Viseu). Reflexões sobre os dólmenes do Douro interior frente aos resultados da escavação” dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, setembro de 2021.

RAPOSO, Raquel (2015) – “Hipólito Cabaço e a arqueologia no concelho de Salvaterra de Magos: um contributo à luz do seu acervo epistolar” in *Magos – Revista Cultural do concelho de Salvaterra de Magos*, vol. 2, 2015, pp. 51-69.

RAPOSO, Raquel (2017) – “Castelo de Alenquer: ensaio sobre a Colecção Hipólito Cabaço”, dissertação de mestrado em Arqueologia, FCSH.

RIBEIRO, José Diogo (1908) – “Memórias de Turquel”, Porto.

RIBEIRO, Maria (2013) – “O povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) – Historiografia das escavações realizadas Contributo para a sua salvaguarda”, dissertação para obtenção de grau de Mestre em Estudos do Património, Universidade Aberta, pp. 1-123.

ROCHA, António dos Santos (1887) – “Carta dirigida à Secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra em 1886”, in *“Instituto”*, Coimbra, Vol. XXXIV, 1887, p. 424.

ROCHA, A. dos Santos (1949) – “Antiguidades Pré-Históricas do Concelho da Figueira da Foz” *in Memórias e explorações arqueológicas*, vol. 1, Acta Universitatis Conimbricensis, 1949, pp. 8-39.

ROCHA, M. A. da (1970) – “Características de uma população romana (?) de Cascais” *Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa*, Vol. VIII: Fasc. 4. Coimbra: Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, pp. 157-167.

ROCHA, M.A. Tavares (1985) – “Antropologia criminal” *in Cem anos de antropologia em Coimbra 1885-1985*. Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 83-108.

SANTOS, Ana Luísa (2018) – “Bernardino Machado: homem da ciência, também professor de Antropologia.” Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, Museu Bernardino Machado, pp. 54-58.

SANTOS, Filipe, SOBRAL, Pedro, PERPÉTUO, João e CHENEY, António (2002) – “O Dólmen II das Carniçosas – Figueira da Foz. Memórias de um Passado Longínquo” *Arqueohoje*, Câmara Municipal da Figueira da Foz, 2002, pp. 6-27.

SANTOS, M. Farinha dos (1968) – “Concheiro mesolítico da Fonte da Mina, Grândola” *in O Arqueólogo Português*, Lisboa. S3, vol. 2, p. 183.

SANTOS, M. Farinha dos (1972) – “Pré-história de Portugal”. Lisboa: Editorial Verbo. 2ª ed. Biblioteca das Civilizações Primitivas, pp. 28-33.

SILVA, Ana Maria (2012) – “Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do neolítico final/calcolítico.”, dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra. Fundação Calouste Gulbenkian, setembro de 2012.

SILVA, Ana Maria (2019) – “A Necrópole de Alapraia: o local do sono eterno de uma população humana. O que os restos ósseos humanos nos revelam sobre ela...” *in Antropologia Portuguesa*, 2019, vol. 36, pp. 111-139.

SIMÕES, A. F. (1878) – “Introdução à Archeologia da Península Ibérica”. Lisboa: Livraria Ferreira, pp. 48-52.

UMBELINO, C.; PÉREZ-PÉREZ, A.; CUNHA, E.; HIPÓLITO, C.; FREITAS, M. C.; CABRAL, J. P. (2007) – “Outros sabores do passado: um novo olhar sobre as comunidades humanas

mesolíticas de Muge e do Sado através de análises químicas dos ossos” in *Promontoria*, Faro: Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve. 5, pp. 45-90.

VASCONCELOS, José Leite de (1897) – “Acquisições do Museu Ethnographico Português”, in *O Archeologo Português*, volume III, Museu Ethnológico Português, Imprensa Nacionais, Lisboa, 1897, pp. 107-111.

VASCONCELOS, José Leite de (1916) – “Miscelânea arqueológica”, in *O Archeologo Português*, volume XXI, Museu Etnológico Português, Imprensa Nacionais, Lisboa, 1916, pp. 343-366.

VASCONCELOS, José Leite de (1917) - “Coisas Velhas” in *O Archeologo Português*, vol. 22, Museu Etnológico Português, Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 107-169.

VEIGA, S. P. M. Estácio da (1886) – “Antiguidades Monumentaes do Algarve” in *Tempos prehistoricos*, vol. 1, Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 210-211.

VILAÇA, Raquel (1988) – “Subsídios para o estudo da pré-história recente do baixo Mondego”, Instituto Português do Património Cultural, Lisboa, 1988, pp. 22-70.

VILAÇA, Raquel e CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (2008) “Território da Pré-História em Portugal”, in *Arkeos* n°23, vol. 4, Beira Litoral.

VILAÇA, Raquel e FERREIRA, Ana Margarida (2021) – “Santos Rocha, arqueólogo de corpo inteiro e, portanto, também protector dos monumentos megalíticos da Figueira da Foz” in *Santos Rocha, Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz*, Livro de Colóquio, 2021, pp.76-95

VILAÇA, Raquel, CARDOSO, João Luís, SILVA, Ana Maria e ALMEIDA, Sara (2022) – “A Gruta do Medronhal (Condeixa-a-Nova) e o povoamento do Baixo Mondego de inícios do I milénio a.C.”. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Município de Condeixa-a-Nova, 2022.

ZEISS, Hans (1934) – “Die Grabfunde aus dem Spanischen Westgotenreich”. *Germanische Denkmäler der Völkerwanderungszeit*, vol. 2, Berlin, pp. 185-193.

Webgrafia

Daniel Filipe dos Santos, colecionador de um tipo de flor, registada pelo Herberium da UC - https://coicatalogue.uc.pt/index.php?t=results_specimen&q=COI00075888&orderby=relevance&orderdirection=ASC&size=10&page=0, última visualização a 14/09/2022.

Endovélico (DGPC) – Castro de Nandufe CNS 2653 - <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=50506>, última visualização a 14/09/2022.

Endovélico (DGPC) – Quinta da Nossa Senhora da Luz CNS 1961 - <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=47827>, última visualização a 14/09/2022.

João Gualberto de Barros Cunha, sócio efetivo do Instituto de Coimbra - https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/autores/CUNHAjoaogualbertodebarrose, última visualização a 14/09/2022.

ANEXOS

Anexos

I.	Cronograma.....	p.57
II.	Percentagem do tipo de materiais arqueológicos presentes no antigo Instituto de Antropologia	p.58
III.	Inventário.....	p.59
	1. Modelo.....	p.59
	2. Introdução.....	p.60
	3. Inventário dos sítios identificados na reserva.....	p.61
	4. Inventário dos sítios identificados com material arqueológico.....	p.64
IV.	Mapa.....	p.65
V.	Tabelas complementares.....	p.66
VI.	Fotografias.....	p.69
	1. O antigo Instituto de Antropologia: espaço e armazenamento de materiais.....	p.69
	2. Materiais arqueológicos da reserva do antigo Instituto de Antropologia.....	p.74
	3. Etiquetas.....	p.107
VII.	Caverna dos Ramalhais: desenhos e fotografias.....	p.130

I. Cronograma

O presente estágio teve início a 7 de outubro de 2020. Este trabalho não foi realizado de forma contínua (nomeadamente pelas restrições da pandemia), contudo foram registadas todas as horas dedicadas a cada tarefa, resultando num total de 528 horas. As horas disponibilizadas para este projeto são apresentadas no gráfico que se segue.

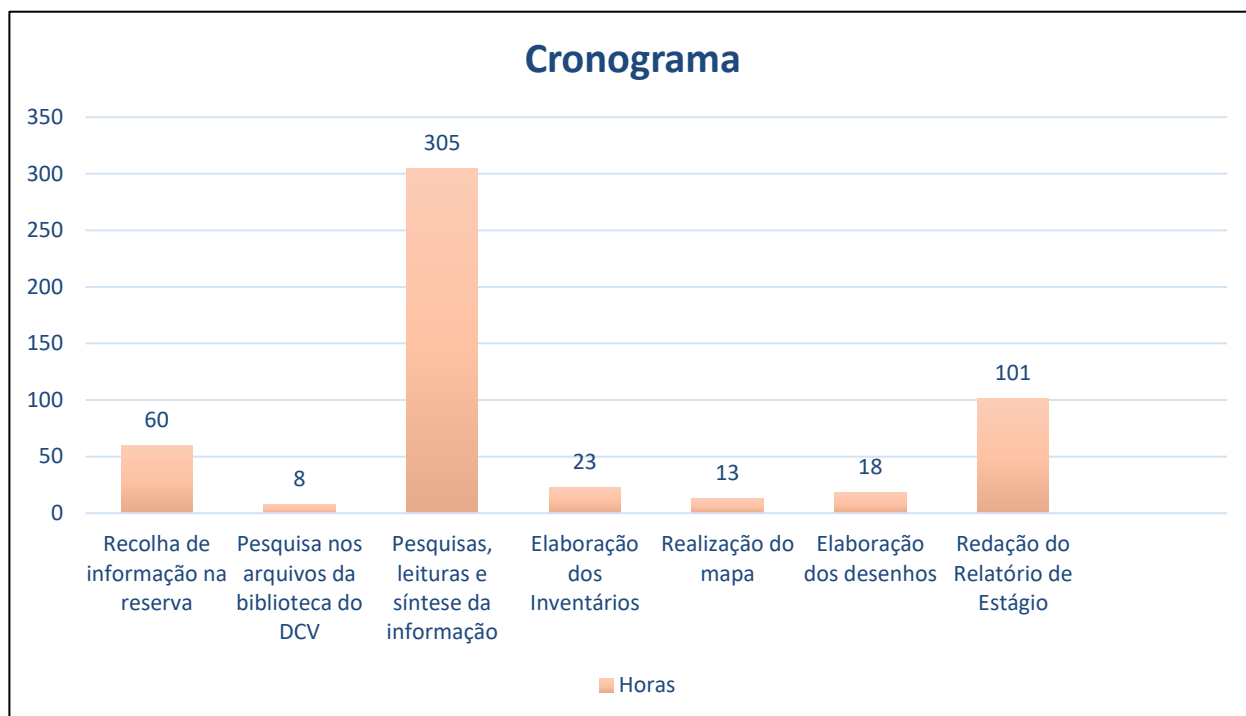


Figura 1 – Gráfico das horas dedicadas a este projeto de estágio.

II. Percentagem do tipo de materiais arqueológicos presentes no antigo Instituto de Antropologia

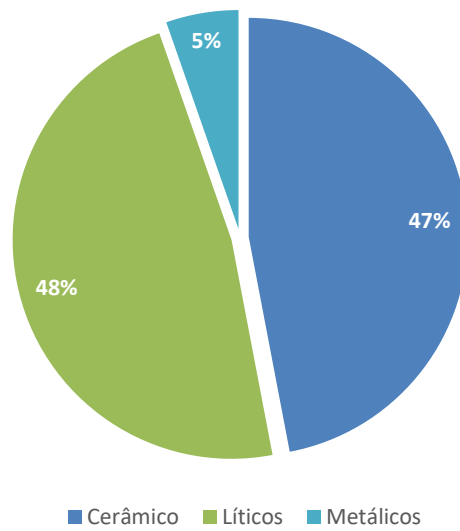


Figura 2 – Gráfico ilustrativo da percentagem dos materiais arqueológicos, por tipo de material, presentes no antigo Instituto de Antropologia.

III. Inventário

- Os modelos empregues para a inventariação, foram realizados no programa Word da Microsoft Office Professional Plus 2016.

Nº de Inventário	Nome identificado na reserva (etiquetas)	Nome do sítio arqueológico	Enq. Administrativo			Nº de Vitrine	Materiais Arqueológicos			Material Antropo.	Cronologia
			Freguesia	Concelho	Distrito		Cerâmico	Lítico	Metálico		
1	Alapraia	Gruta II de Alapraia	Cascais e Estoril	Cascais	Lisboa	18	Sim	Não	Não	Sim	Neolítico Final

Figura 3 – Modelo realizado para sistematizar os sítios identificados na reserva.

Nº de Inventário	Nome identificado na reserva (etiquetas)	Nome do sítio arqueológico	Enq. Administrativo			Nº de Vitrine	Material Cerâmico		Material Lítico		Material Metálico		Etiquetas		Aquisição/ Doação (A/D)	Datas alusivas
			Freguesia	Concelho	Distrito		Contém	Qtt.	Contém	Qtt.	Contém	Qtt.	Contém	Qtt.		
1	Alapraia	Gruta II de Alapraia	Cascais e Estoril	Cascais	Lisboa	18	Sim	18	Sim	3	Não	-	Sim	1	A: Dr.º Xavier Cunha e equipa da antropologia da UC	Meados dos anos 50

Figura 4 – Modelo realizado para sistematizar os sítios identificados na reserva com materiais arqueológicos.

2. Introdução

No antigo Instituto de Antropologia encontramos uma diversidade de espólio arqueológico e antropológico, que foi depositado ao longo dos anos no acervo, tendo em conta que estes não se encontram inventariados criou-se uma base de dados a fim de sistematizar toda a informação recolhida na reserva e das pesquisas realizadas. Por falta de registo prévios do acervo, optou-se por apresentar este inventário por ordem alfabética dos nomes identificados pelas etiquetas na reserva, seguido da denominação das estações arqueológicas pela qual é conhecida nos dias de hoje, como do seu enquadramento administrativo.

Segue-se a última parte deste catálogo consagrado às materialidades, iniciando com a identificação da vitrine onde se encontram os materiais armazenados. Continuadamente, estão dedicadas duas colunas consoante a presença ou não de materiais antropológicos e arqueológicos, sendo este último dividido em secções por tipo – cerâmico, lítico e metálico-, acompanhado de seguida pela atribuição cronológica de cada sítio, permitindo verificar se existe uma oscilação temporal ou não nos materiais presentes no acervo. Esta atribuição foi realizada pela análise dos materiais e pesquisas bibliográfica, contudo, há que ter em atenção que este relatório se dedica aos materiais datados da Pré e Proto-história.

A partir deste, foi realizado outro inventário consagrado às 26 coleções que possuem materiais arqueológicos, a fim de podermos analisar de forma individual e facilitada cada caso. Preservou-se neste, o primeiro ponto consagrado à toponímia e ao enquadramento administrativo, realizando alterações somente na parte das materialidades. No que concerne a apresentação do espólio arqueológico, acrescentou-se uma parte dedicada à quantidade de materiais por tipo, incluindo posteriormente se estes são acompanhados ou não por etiquetas, como a quantidade destas. Sendo imprescindível, apresentamos os dois últimos pontos com informação considerável que vai ao encontro do objetivo primordial deste relatório: o nome da pessoa ou instituição que realizou a aquisição ou a doação dos materiais, como datas alusivas a esse momento. É importante destacar que relativamente a estes últimos dois pontos, algumas das informações introduzidas foram obtidas pelas etiquetas sendo impossível até então confirmar do que se trata – pessoa doadora, quem adquiriu, data da recolha dos materiais, entrada dos materiais no antigo instituto, data referente a algum registo que nos seja desconhecido, etc. – sendo então impreterível identificar estes no nosso catálogo, aplicando neste casos uma cor vermelha a fim de distingui-los e não ludibriar com informações incertas.

3. Inventário dos sítios identificados na reserva

Nº de Inventário	Nome identificado na reserva (etiquetas)	Nome do sítio arqueológico	Enq. Administrativo		Nº de Vitrine	Materiais Arqueológicos			Material Antropo.	Cronologia
			Freguesia	Concelho		Cerâmico	Lítico	Metálico		
1	Alapraia	Gruta II de Alapraia	Cascais e Estoril	Cascais	18	Sim	Não	Não	Sim	Neolítico Final
2	Algar da Moita do Poço	-	Turquel	Alcobaça	7	Não	Não	Não	Sim	-
3	Amiais	-	Pernes	Santarém (Pernes)	13	Não	Não	Não	Sim	-
4	Antigos Cemitérios de Cascais	Alcoitão	Alcabideche	Cascais	2, 3, 5, 6, 9 e V.A. 2	Sim	Sim	Não	Sim	Romano
5	Cabeço da Mina (Muge)	Cabeço da Mina	Glória do Ribatejo e Granho	Salvaterra de Magos	16	Não	Sim	Não	Não	Mesolítico
6	Cabeço do Samouco	-	Turquel	Alcobaça	7	Sim	Sim	Não	Sim	Calcolítico/Idade do Bronze
7	Campo Maior	-	-	-	V. A. 1	Não	Sim	Não	Não	Neolítico/Calcolítico
8	Casalinho	-	-	-	V.A. 3	Não	Sim	Não	Não	Indeterminado
9	Castro de Nandufe	Castro de Nandufe	Nandufe	Tondela	13	Sim	Sim	Não	Não	Idade do Ferro/Romano
10	Caverna do Ceudo	-	-	-	15	Não	Não	Não	Sim	-
11	Caverna dos Ramalhais	-	-	Alvaiázere	7	Sim	Não	Não	Não	Neolítico
12	Covão das Chamarras	-	-	Torres Novas	V.A. 3	Não	Sim	Não	Não	Neolítico/Calcolítico
13	Dólmen de Arroiteia	Anta da Carrasqueira	Pombal	Pombal	13	Não	Não	Não	Sim	-

14	Esmolfe	Anda do Penedo do Com	Esmolfe	Penalva do Castelo	16	Não	Sim	Não	Sim	Neolítico Final/Calcolítico
15	Figueira da Foz	VV	VV	Figueira da Foz	V.A. 1	Não	Sim	Não	Não	Neolítico/Calcolítico
16	Fonte Santa	Fonte Santa	Ansião	Ansião	V.A. 1	Não	Sim	Não	Não	Neolítico Final
17	Gruta Eira Pedrinha	Eira Pedrinha	Condeixa-a-Nova	Condeixa-a-Nova	16 e V.A. 3	Não	Não	Não	Sim	-
18	Gruta da Fontainha	-	-	Cadaval	5 e 15	Não	Não	Não	Sim	-
19	Gruta da Furninha	Gruta da Furninha	Peniche	Peniche	V.A. 1	Não	Não	Não	Sim	-
20	Gruta da Povoia St. Clara (Gruta dos Alqueves)	Gruta dos Alqueves	S. Martinho do Bispo	Coimbra	13	Não	Não	Não	Sim	-
21	Gruta do Medronhal	Gruta do Medronhal	Condeixa-a-Nova	Condeixa-a-Nova	11 e V.A. 2	Sim	Sim	Sim	Sim	Bronze Final
22	Gruta do Moniz	Gruta do Moniz, Buraca do Moniz ou Casal Moniz	Turquel	Alcobaça	4, 7, 16 e V.A. 3	Sim	Sim	Sim	Sim	Neolítico/Calcolítico/Indeterminado
23	Maiorca e Gatões	-	-	Figueira da Foz	13	Não	Sim	Não	Não	Paleolítico/Indeterminado
24	Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra	-	-	-	16	Não	Sim	Não	Não	Indeterminado
25	Oliveira do Conde	-	Oliveira do Conde	Carregal do Sal	V.A. 2	Não	Sim	Não	Não	Neolítico/Calcolítico
26	Origem desconhecida, contas	-	-	-	V.A.3	Não	Sim	Não	Sim	Neolítico/Calcolítico
27	Origem desconhecida, machado de bronze	-	-	-	V.A.1	Não	Não	Sim	Não	Bronze Final

28	Origem desconhecida, oferta Sr. Armando Reis Moura	-	-	-	16	Não	Sim	Não	Não	Indeterminado
29	Ota	-	Ota	Alenquer	7 e 8	Sim	Não	Não	Sim	Neolítico/Calcolítico/ Indeterminado
30	Parada de Gonta	-	Parada da Gonta	Tondela	16	Sim	Sim	Não	Sim	Indeterminado
31	Pombal	-	-	-	13	Não	Não	Não	Sim	Indeterminado
32	Q. ^{ta} de N. Senhora da Luz (?)	-	Luz	Lagos	15	Sim	Não	Sim	Sim	Indeterminado
33	Trouxemil	-	Trouxemil	Coimbra	13	Não	Sim	Não	Não	Neolítico
34	Várzea do Lúrio	Várzea do Lúrio	Alhadas	Figueira da Foz	V.A. 1	Sim	Não	Não	Não	Neolítico Antigo
35	Vila Nova de São Pedro	Castro de Vila Nova de São Pedro	Manique do Intendente	Azambuja	10, 12 e V.A. 1	Não	Sim	Não	Sim	Calcolítico

Tabela 1 – Inventário de todas as coleções existentes no antigo Instituto de Antropologia da UC.

Legenda: O “-” é alusivo à falta de informação; “VV”: corresponde a *vários*, tendo em conta que na Figueira da Foz existem 6 sítios distintos (Antas nas vizinhanças de Brenha; Arredores da Cumieira; Cabeço dos Moinhos; Fontela; Megalíticos das Carniçosas; e Vizinhanças de Alhadas); “V.A.” refere-se às Vitruvianas Altas.

4. Inventário dos sítios identificados com material arqueológico

Nº de Inventário	Nome identificado na reserva (etiquetas)	Nome do sítio arqueológico	Enq. Administrativo		Nº de Vitrine	Material Arqueológico						Etiquetas		Aquisição/ Doação (A/D)	Datas alusivas
			Freguesia	Concelho		Cerâmico		Lítico		Metálico		Contém	Qtt.		
						Contém	Qtt.	Contém	Qtt.	Contém	Qtt.				
1	Alapraia	Gruta II de Alapraia	Cascais e Estoril	Cascais	18	Sim	18	Sim	3	Não	-	Sim	1	Dr.º Xavier Cunha e equipa da antropologia da UC	Meados dos anos 50
4	Antigos Cemitérios de Cascais	Alcoitão	Alcabideche	Cascais	2, 3, 4, 5, 6, 9 e V.A. 2	Sim	9	Sim	-	Não	-	Sim	2	Equipa de antropologia da UC	1937
5	Cabeço da Mina (Muge)	Cabeço da Mina	Muge	Salvaterra de Magos	16	Não	-	Sim	9	Não	-	Sim	3	-	-
6	Cabeço do Samouco	-	Turquel	Alcobaça (Turquel)	7	Sim	16	Sim	1	Não	-	Sim	5	-	31-10-909
7	Campo Maior	-	-	-	V.A. 1	Não	-	Sim	42	Não	-	Sim	2	Sr. Daniel Fillipe dos Santos	-
8	Casalinho	-	-	-	V.A. 3	Não	-	Sim	45	Não	-	Sim	1	-	-
9	Castro de Nandufe	Castro de Nandufe	Nandufe	Tondela	13	Sim	14	Sim	2	Não	-	Sim	2	-	-
11	Caverna dos Ramalhais	-	-	Alvaiázere	7	Sim	65	Não	-	Não	-	Sim	3	-	-
12	Covão das Chamarras	-	-	Torres Novas	V.A. 3	Não	-	Sim	10	Não	-	Sim	1	Sr. José A. Simões Favas	1-03-1910
14	Esmolfe	Anta do Penedo do Com	Esmolfe	Penalva do Castelo	16	Não	-	Sim	12	Não	-	Sim	2	Sr. António Domingos dos Santos	1916
15	Figueira da Foz	VV	VV	Figueira da Foz	V.A. 1	Não	-	Sim	46	Não	-	Sim	1	Santos Rocha	-
16	Fonte Santa	Fonte Santa	Ansião	Ansião	V.A. 3	Não	-	Sim	10	Não	-	Sim	3	Dr. António Augusto Simões	1875
21	Gruta do Medronhal	Gruta do Medronhal	Condeixa-a-Nova	Condeixa-a-Nova	11 e V.A. 2	Sim	5	Sim	2	Sim	37	Sim	7	-	1944 e 1945
22	Gruta do Moniz	Gruta do Moniz, Buraca do Moniz ou Casal Moniz	Turquel	Alcobaça (Turquel)	4, 7, 16 e V.A. 3	Sim	85	Sim	36	Sim	2	Sim	4	-	25-11-909
23	Maiorca e Gatões	-	Maiorca	Figueira da Foz	13	Não	-	Sim	6	Não	-	Sim	2	Dr. António Ferreira Soares	1961
24	Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra	-	-	-	16	Não	-	Sim	4	Não	-	Sim	3	Museu de Antiguidades do Instituto	10-03-1923
25	Oliveira do Conde	-	Oliveira do Conde	Carregal do Sal	V.A. 2	Não	-	Sim	4	Não	-	Sim	3	Macedo Ferraz	-
26	Origem desconhecida, contas	-	-	-	V.A.3	Não	-	Sim	45	Não	-	Não	-	-	-
27	Origem desconhecida, machado de bronze	-	-	-	V.A.1	Não	-	Não	-	Sim	1	Não	-	-	-
28	Origem desconhecida, oferta Sr. Armando Reis Moura	-	-	-	16	Não	-	Sim	2	Não	-	Sim	1	Sr. Armando Reis Moura	1955
29	Ota	-	Ota	Alenquer	7 e 8	Sim	10	Sim	2	Não	-	Sim	VV	-	1908
30	Parada de Gonta	-	Parada de Gonta	Tondela	16	Sim	17	Não	-	Não	-	Sim	2	-	-
32	Q.º de N. Senhora da Luz (?)	-	Luz	Lagos	15	Sim	88	Não	-	Sim	1	Sim	1	-	-
33	Trouxemil	-	Trouxemil	Coimbra	13	Não	-	Sim	1	Não	-	Sim	1	Dr. António Ferreira Soares	1961
34	Várzea do Lúrio	Várzea do Lúrio	Alhadas	Figueira da Foz	V.A. 1	Sim	35	Sim	73	Não	-	Sim	1	Santos Rocha	1887
35	VNSP	VNSP	Manique do Intendente	Azambuja	10, 12 e V.A. 1	Não	-	Sim	10	Não	-	Sim	1	Afonso do Paço	1958
Total	26						360		365		41	-			

Tabela 2 – Inventário das coleções que contém material arqueológico.

Legenda: O “-“é alusivo à falta de informação; “VV”: corresponde a *vários*, tendo em conta que na Figueira da Foz existem 6 sítios distintos (Antas nas vizinhanças de Brenha; Arredores da Cumieira; Cabeço dos Moinhos; Fontela; Megalíticos das Carniçosas; e Vizinhanças de Alhadas); “V.A.” refere-se às Vitrines Altas; o que se encontra a **vermelho**, corresponde à informação obtida por etiquetas mas não se sabe a que se refere, requer confirmação.

Mapa

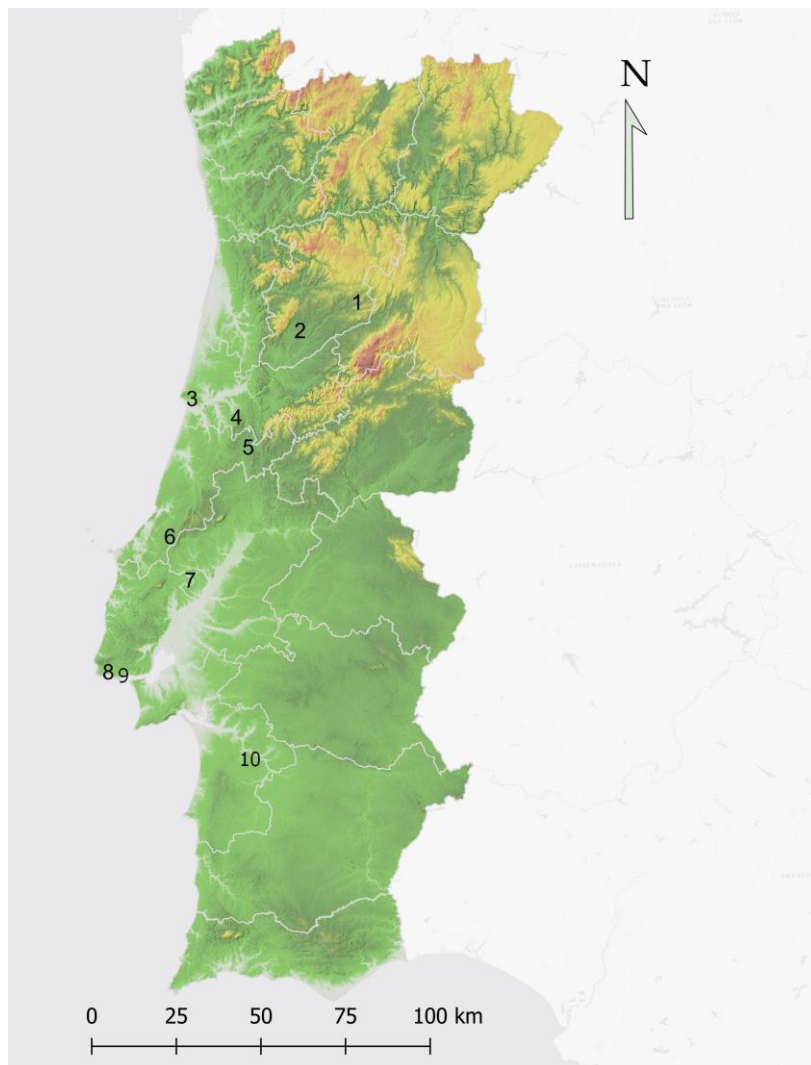


Figura 5 – Mapa da distribuição dos sítios identificados: 1- Anta do Penedo Com; 2- Castro de Nandufe; 3- Conjunto do concelho da Figueira da Foz; 4- Gruta do Medronhal; 5- Fonte Santa; 6- Gruta do Moniz; 7- Vila Nova de São Pedro; 8- Alcoitão; 9- Alapraia; 10- Cabeço da Mina.

IV. Tabelas complementares

Figura	Nº de etiqueta	Proveniência	Comprimento	Comprimento na obra	Largura	Largura na obra	Espessura	Espessura na obra	Página na obra	Nº da fig. na obra
31/1	1	Arredores da Cumieira	23,8 cm	23,5 cm	Máxima 4,9 cm	Máxima 5 cm	Máxima 4,4 cm	Máxima 4 cm	34 e 35	12
34/1	6	Megalíticos das Carniçosas	14,1 cm	14,5 cm	Gume 3,5 cm	Gume 3,8 cm	Meio 4,6 cm	Meio 4,5 cm	26 e 27	11
31/2	4	Arredores da Cumieira	15,2 cm	16 cm	Máxima 5,3 cm	Máxima 6 cm	Máxima 4,1 cm	Máxima 3,6 cm	34	13
31/6	11	Arredores da Cumieira	11,6 cm	11,5 cm	Gume 5,8 cm	Gume 6 cm	-	-	35	21
35/1	3	Vizinhanças de Alhadas	17 cm	17,3 cm	Gume 4,2 cm	Gume 4,5 cm	-	-	38	41
35/2	12	Vizinhanças de Alhadas	11,9 cm	12 cm	Gume 4,8 cm	Gume 4,6 cm	-	-	38	39
31/5	9	Arredores da Cumieira	12,7 cm	13 cm	Máxima 4,6 cm	Máxima 4,5 cm	-	-	34	16
31/3	14	Arredores da Cumieira	10	-	-	-	-	-	34 e 35	19

Tabela 3 – Comparação métrica entre os materiais da Figueira da Foz, identificados como sendo “Oliveira do Conde”, e os que são descritos por Santos Rocha (ROCHA, 1949).

Figura	Nº de etiqueta	Fig. na obra	Pág. na obra	Pág. do desenho na obra	Sítio de achado
31/4	31	54	33	438	Arredores da Cumieira
32	39	58	16	439	Cabeço dos Moinhos
33/1	30	53	39	438	Fontela
33/2	29	52	39	438	Fontela
34/2	38	55	27	438	Megalíticos das Carniçosas
34/3	33	50	25	438	Megalíticos das Carniçosas
34/4	32	49	25	438	Megalíticos das Carniçosas
34/5	35	48	24	438	Megalíticos das Carniçosas
34/6	36	57	27	438	Megalíticos das Carniçosas
34/7	34	51	25 e 26	438	Megalíticos das Carniçosas
34/8	37	56	26	438	Megalíticos das Carniçosas
34/9	53	77	27	439	Megalíticos das Carniçosas
34/10	40	59	25	439	Megalíticos das Carniçosas
34/11	43	63	28	439	Megalíticos das Carniçosas
34/12	49	68	28	439	Megalíticos das Carniçosas
34/13	45	65	28	439	Megalíticos das Carniçosas
34/14	42	62	28	439	Megalíticos das Carniçosas
34/15	41	60	26	439	Megalíticos das Carniçosas
34/16	46	61	27	439	Megalíticos das Carniçosas

Tabela 4 – Informação utilizada para realizar a comparação gráfica e descritiva entre os materiais da Figueira da Foz, identificados como sendo do “Casalinho”, e os que são descritos por Santos Rocha (ROCHA, 1949).

Figura	Marcação a lápis na peça	Catálogo João Campos (1876)		Livro de Vera Leisner (1998)	
		Número atribuído	Pág. correspondentes	Número atribuído	Estampa
36/1	-	7	43	-	-
36/2	1	1	42	3	Tabela 119 – VI-4- 1
36/3	2	2	42	6(?)	Tabela 119 – VI-4- 1
36/4	3	3	42	7	Tabela 119 – VI-4- 1
36/5	4	4	42	4 e 5	Tabela 119 – VI-4- 1
36/6	5	5	42	-	-
36/7	6	6	43	1	Tabela 119 – VI-4- 1
36/8	-	8 (?)	44 (?)	-	-
36/9	-	-	-	-	-
36/10	-	-	-	10	Tabela 119 – VI-4- 1

Tabela 5 – Representação sistemática da informação comparativa entre os materiais de Ansião, presentes na reserva, as descrições de João Campos (CAMPOS, 1876) e os desenhos de Vera Leisner (LEISNER, 1998).

V. Fotografias

1. O antigo Instituto de Antropologia: espaço e armazenamento de materiais

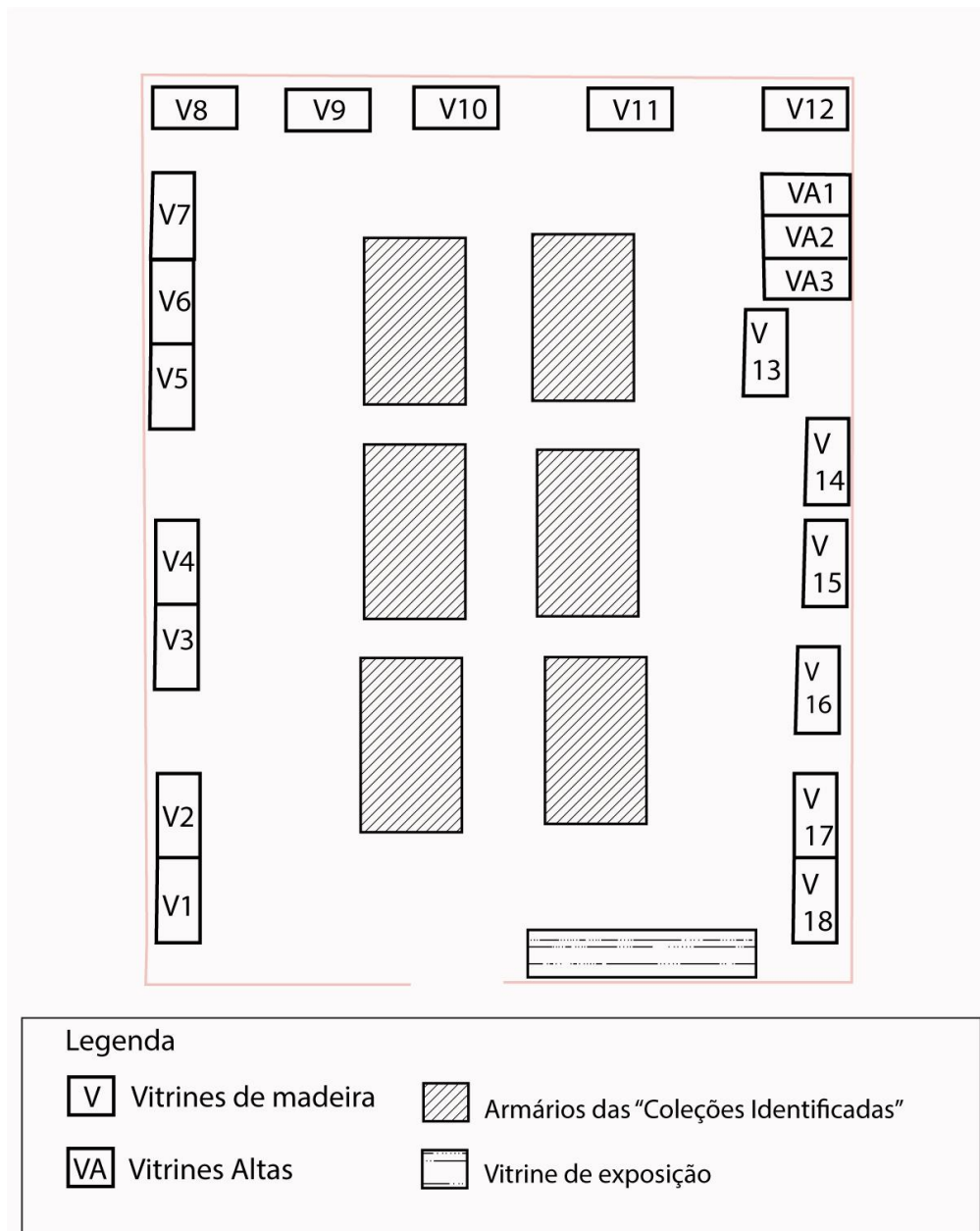


Figura 6 – Planta ilustrativa da sala onde se encontram os materiais.



Figura 7 –Uma das fachadas do Departamento de Ciências da Vida, onde vemos a inscrição indicativa do antigo Instituto de Antropologia. (Fotografia realizada a 9 de junho de 2022)



Figura 8 –A parede à esquerda ao entrar no sótão, onde no fundo temos presente uma das vitrines em madeira. (Fotografia realizada a 9 de junho de 2022)



Figura 9 – A vitrine alta 1. (Fotografia realizada a 12 de janeiro de 2021)



Figura 10 – As vitrines altas 2 e 3. (Fotografia realizada a 9 de junho de 2022)



Figura 11 – Exemplo das etiquetas colocadas nas vitrines em madeira. (Fotografia realizada a 17 de novembro de 2020)



Figura 12 – Uma das vitrines de madeira, com o espólio organizado em caixas de cartolina. (Fotografia realizada a 17 de novembro de 2020)



Figura 13 – Caixa de cartolina de uma das vitrines, com material arqueológico. (Fotografia realizada a 24 de maio de 2022)



Figura 14 – Espaço de trabalho no sótão. (Fotografia realizada a 9 de junho de 2022)

2. Materiais arqueológicos da reserva do antigo Instituto de Antropologia

Alapraia

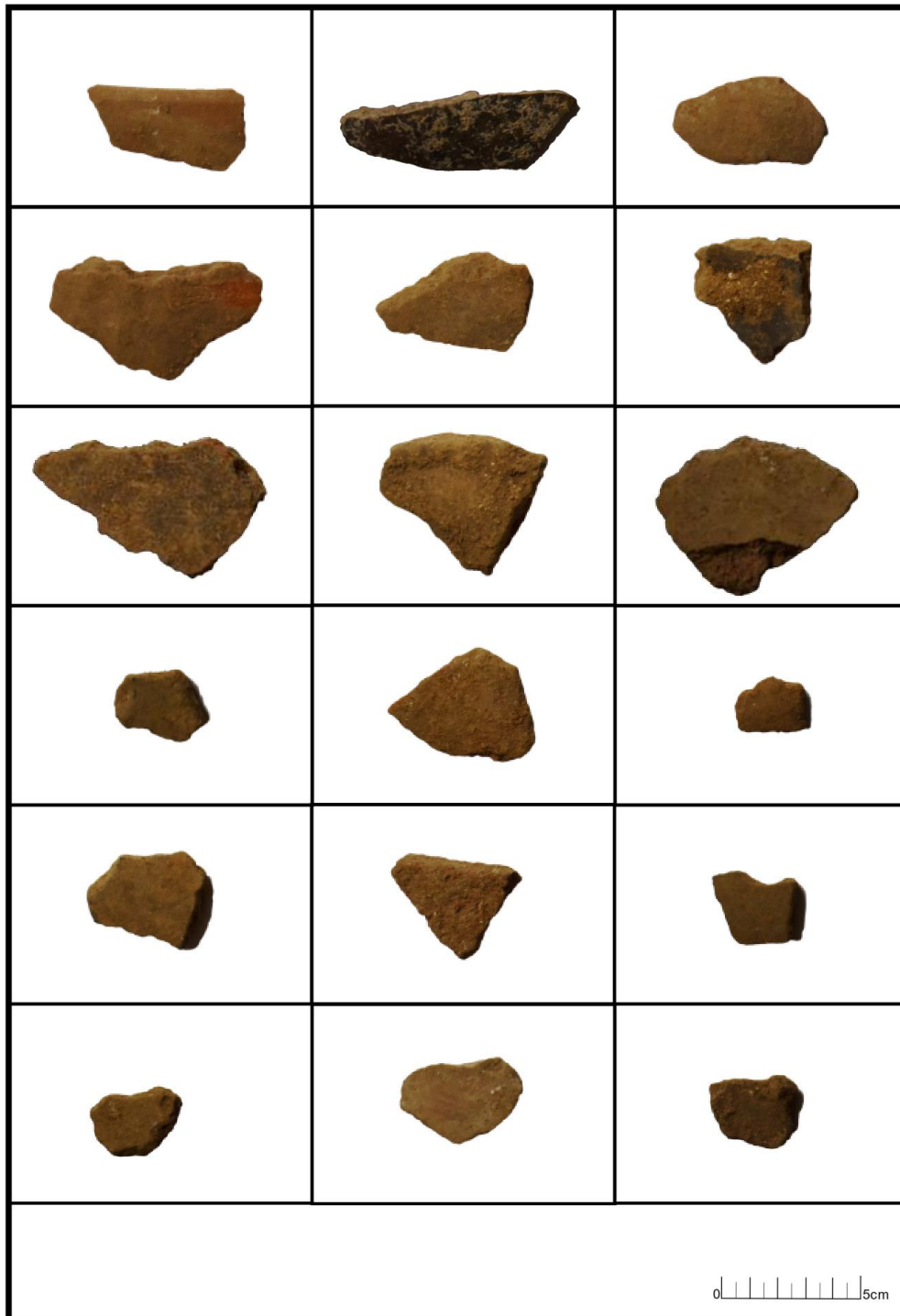


Figura 15 – Materiais provenientes de Alapraia.

Antigos Cemitérios de Cascais



Figura 16 – Materiais provenientes do Antigos Cemitérios de Cascais.

Cabeço da Mina

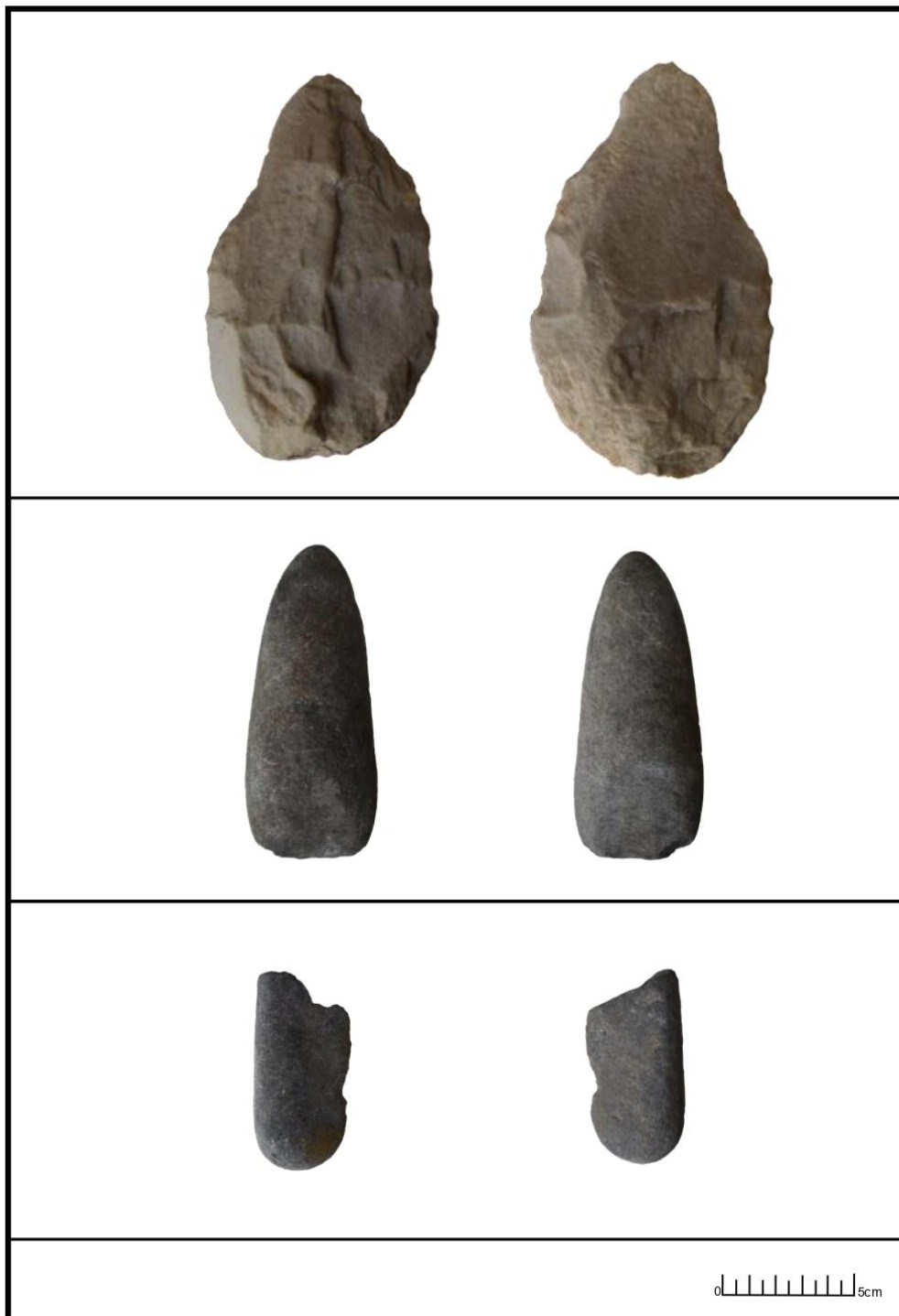


Figura 17 – Materiais provenientes do Cabeço da Mina.

Cabeço do Samouco

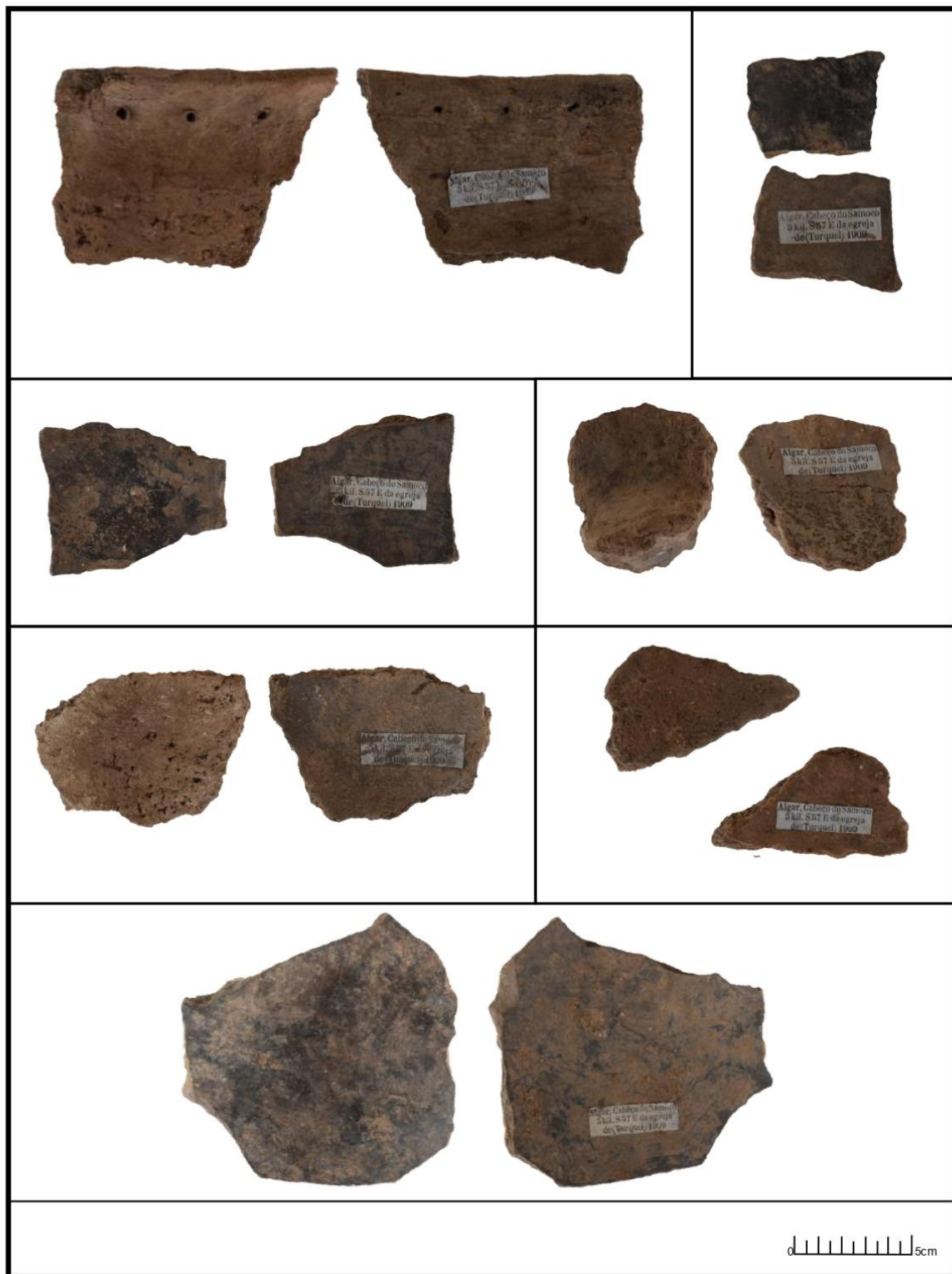


Figura 18 – Materiais provenientes do Cabeço do Samouco.

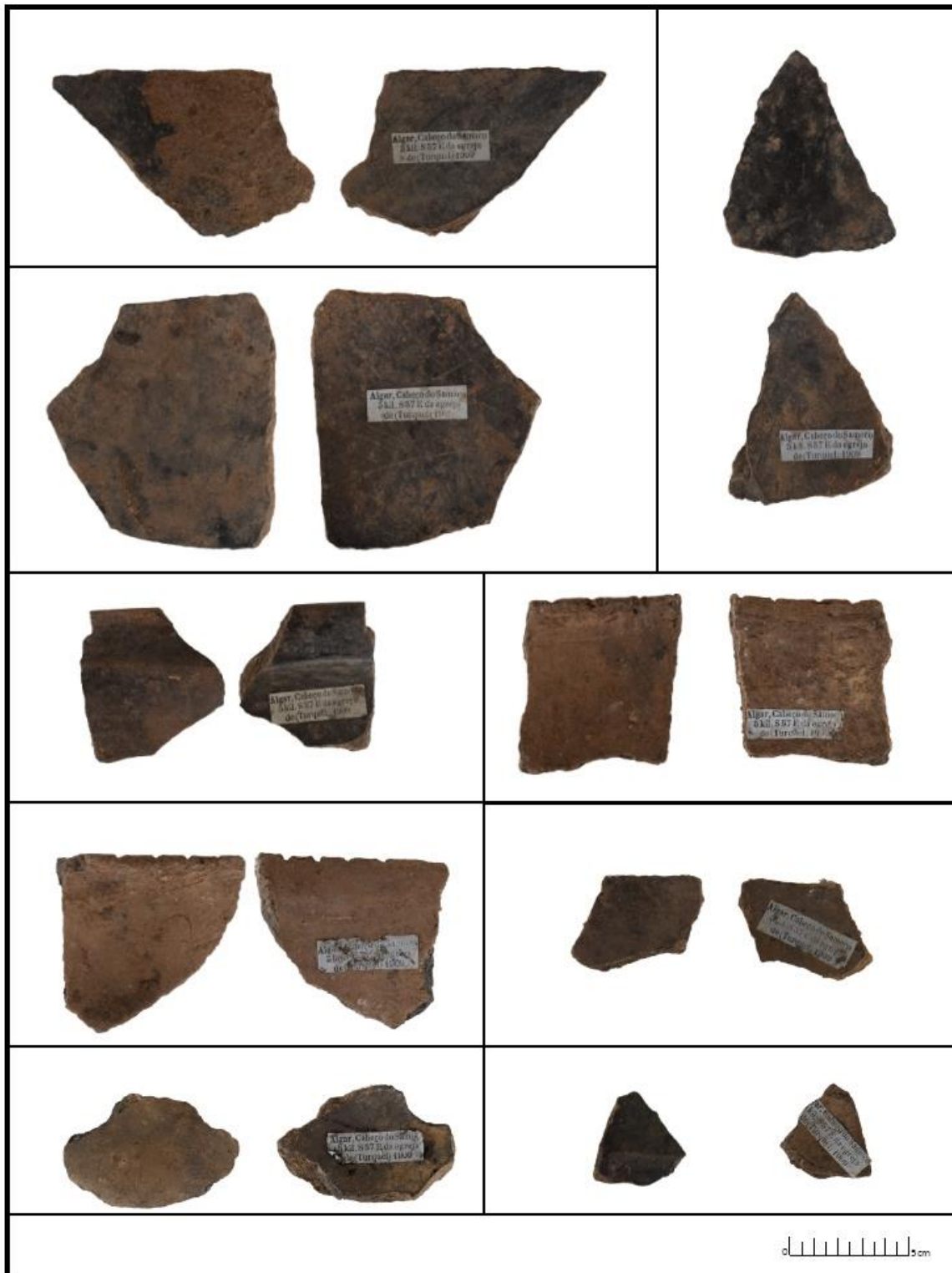


Figura 19 – Materiais provenientes do Cabeço do Samouco.

Campo Maior



Figura 20 – Materiais provenientes do Campo Maior.



Figura 21 – Materiais provenientes do Campo Maior.



Figura 22 – Materiais provenientes do Campo Maior.

Casalinho

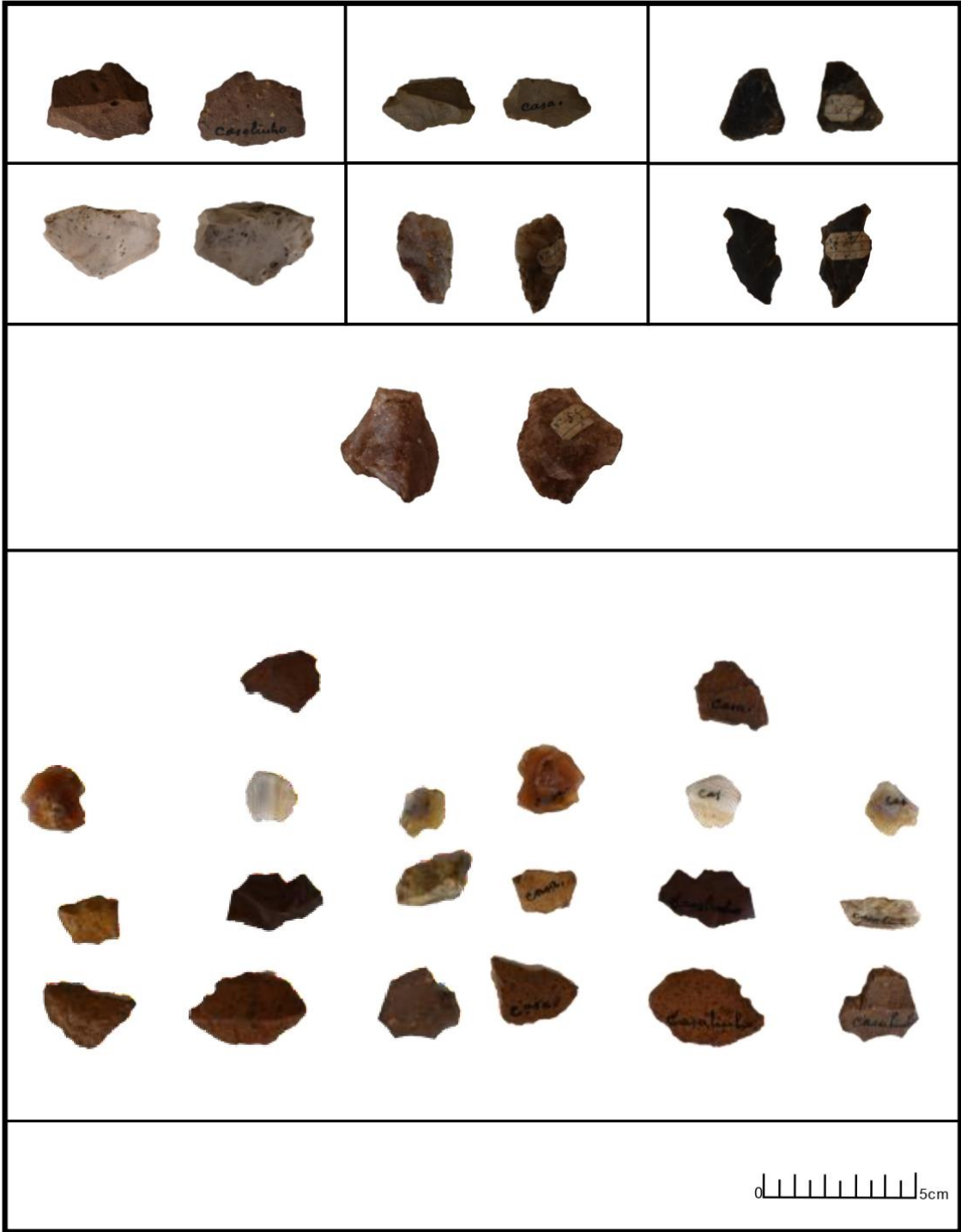


Figura 23 – Materiais provenientes do Casalinho.



Figura 24 – Materiais provenientes do Casalinho.

Castro de Nandufe

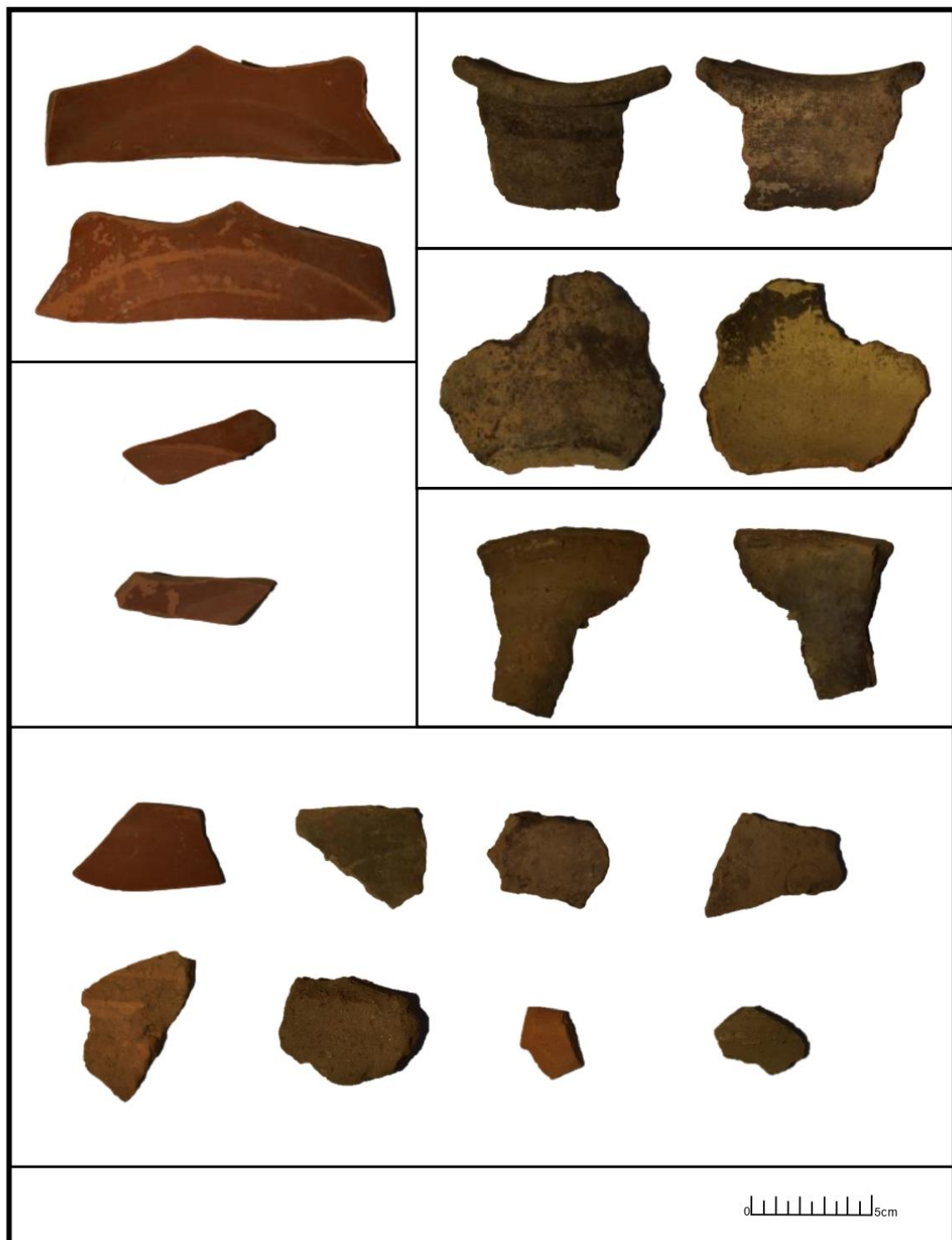


Figura 25 – Materiais provenientes do Castro de Nandufe.

Covão das Chamarras



Figura 26 – Materiais provenientes do Covão das Chamarras.

Esmolfe

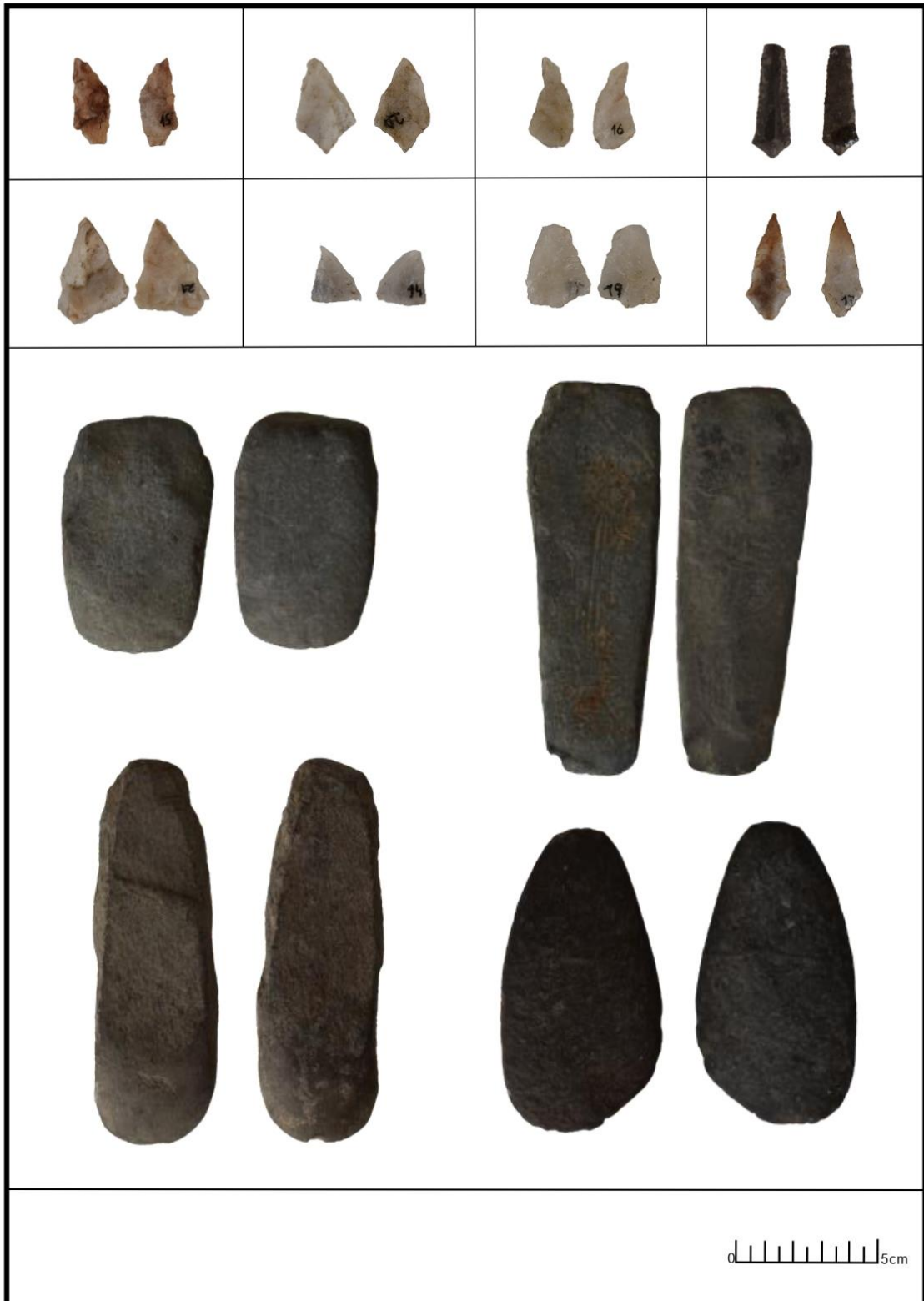


Figura 27 – Materiais provenientes de Esmolfe.

Figueira da Foz

Arredores de Brenha



Figura 28 – Materiais provenientes dos Arredores de Brenha.



Figura 29 – Materiais provenientes dos Arredores de Brenha.



Figura 30 – Materiais provenientes dos Arredores de Brenha.

Arredores da Cumieira



Figura 31 – Materiais provenientes dos Arredores da Cumieira.

Cabeço dos Moinhos



Figura 32 – Materiais provenientes do Cabeço dos Moinhos.

Fontela



Figura 33 – Materiais provenientes de Fontela.

Megalíticos das Carniçosas

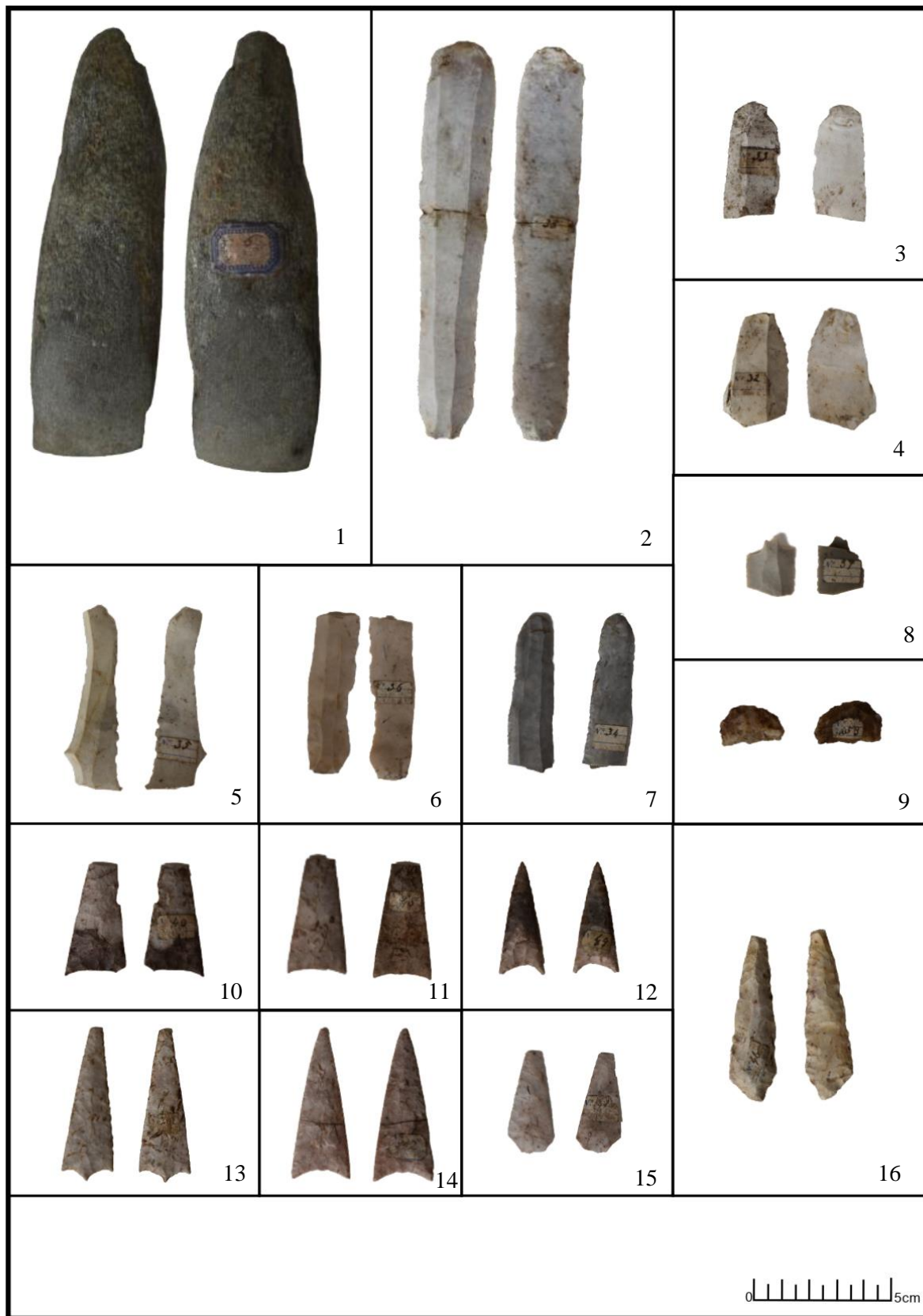


Figura 34 – Materiais provenientes dos Megalíticos das Carniçosas.

Vizinhanças de Alhadas



Figura 35 – Materiais provenientes das Vizinhanças de Alhadas.

Fonte Santa

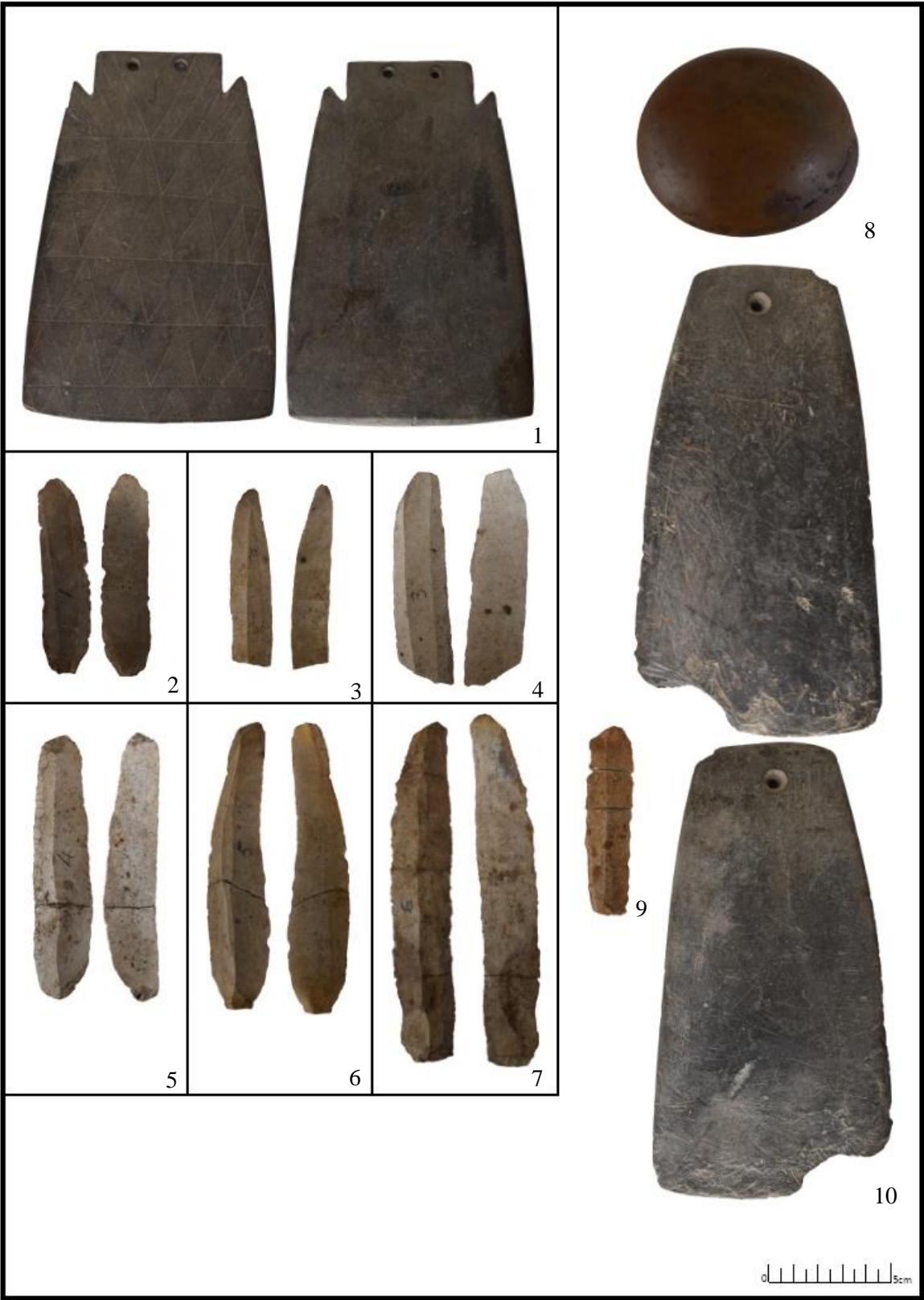


Figura 36 – Materiais provenientes de Fonte Santa.

Gruta do Medronhal

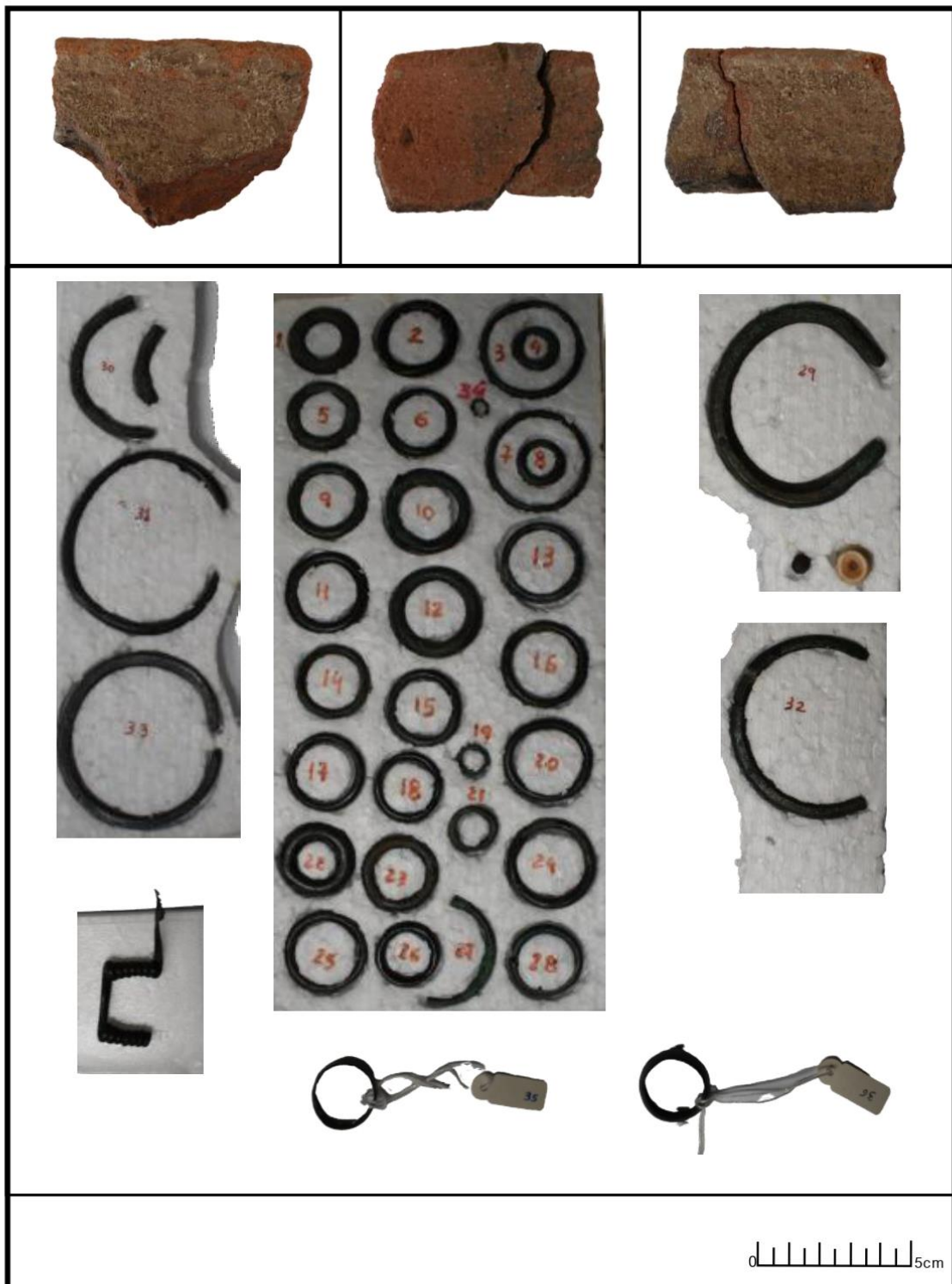


Figura 37 – Materiais provenientes da Gruta do Medronhal.

Gruta do Moniz



Figura 38 – Materiais provenientes da Gruta do Moniz.

Maiorca e Gatões

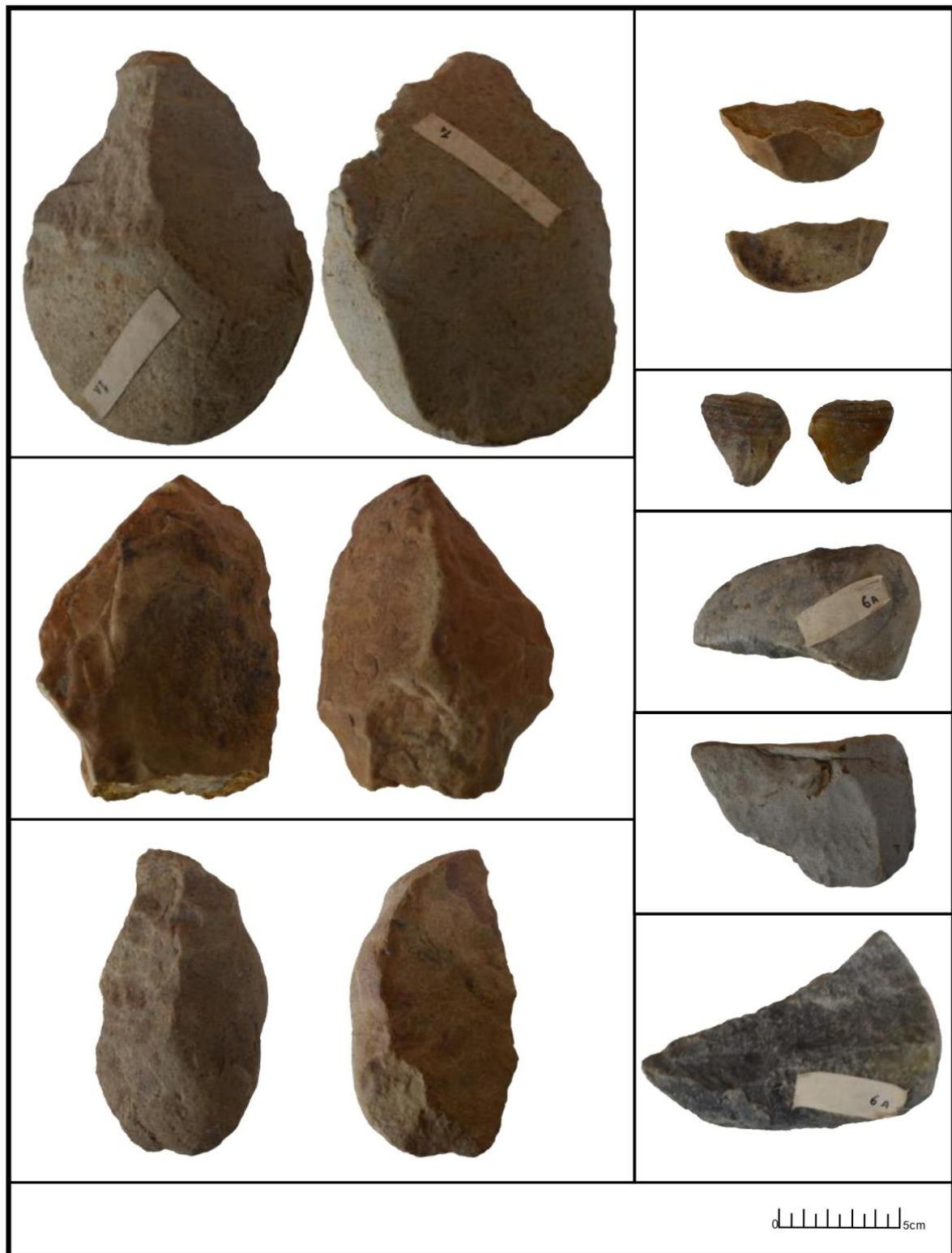


Figura 39 – Materiais provenientes de Maiorca e Gatões.

Museu de Antiquidades do Instituto de Coimbra

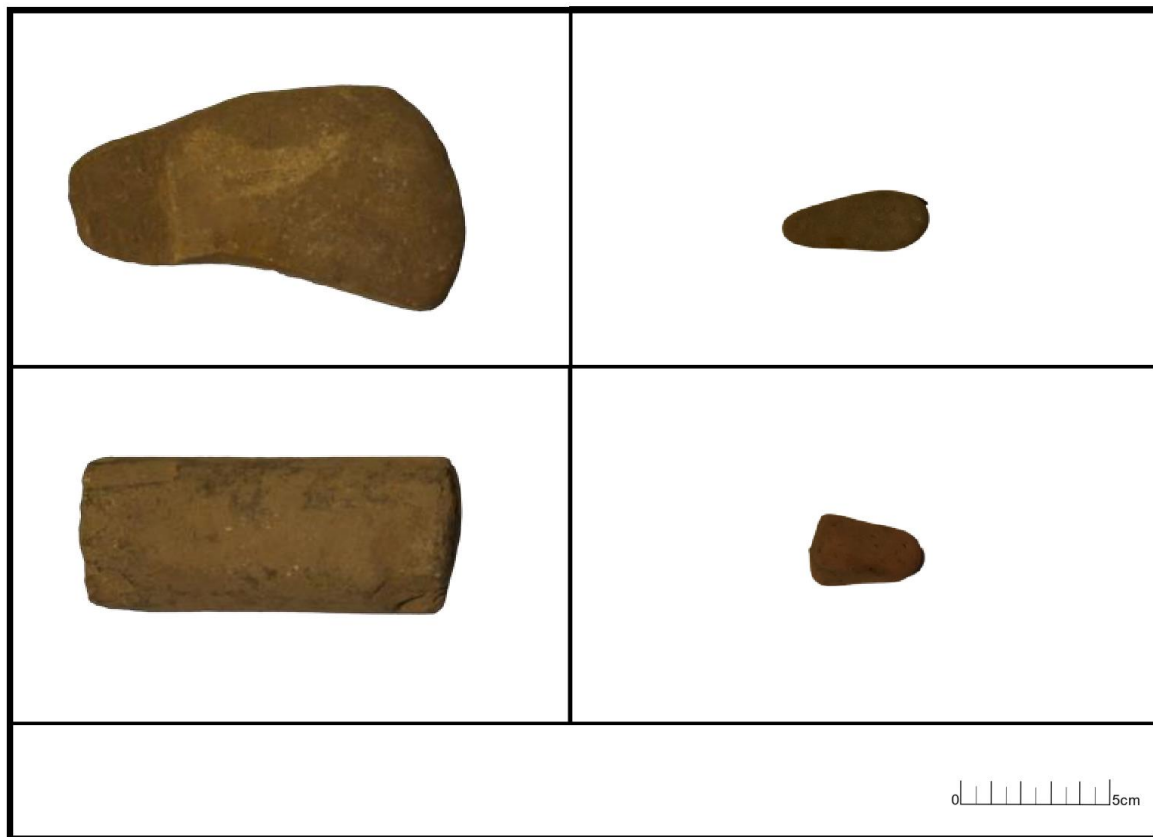


Figura 40 – Materiais provenientes do Museu de Antiquidades do Instituto de Coimbra.

Oliveira do Conde



Figura 41 – Materiais provenientes de Oliveira do Conde.

Origem desconhecida, contas

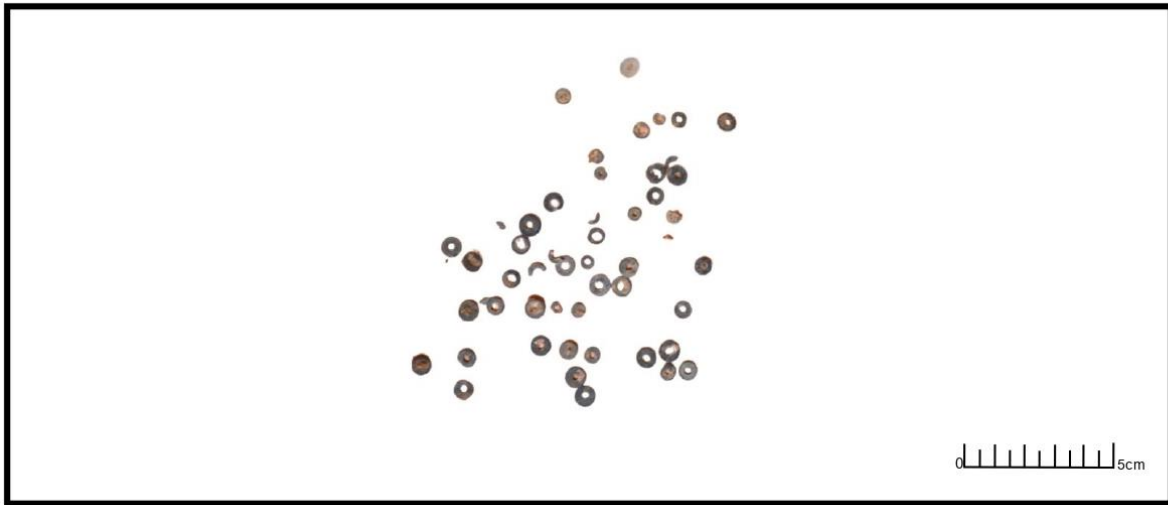


Figura 42 – Materiais de Origem desconhecida, contas.

Origem desconhecida, machado de bronze



Figura 43 – Materiais de Origem desconhecida, machado de bronze.

Origem desconhecida, oferta de Armando Reis Moura



Figura 44 – Materiais de Origem desconhecida, oferta de Armando Reis Moura.

Ota



Figura 45 – Materiais provenientes da Ota.

Parada de Gonta



Figura 46 – Materiais provenientes de Parada de Gonta.

Quinta de Nossa Senhora da Luz (?)

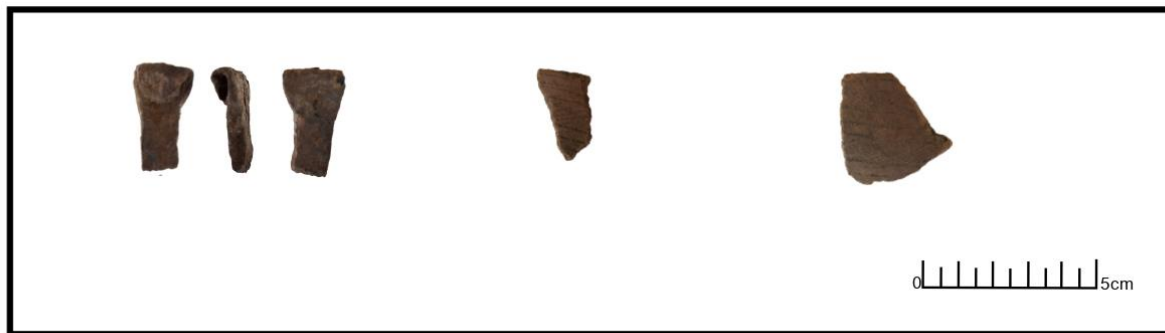


Figura 47 – Materiais provenientes da Quinta de Nossa Senhora da Luz.

Trouxemil



Figura 48 – Materiais provenientes de Trouxemil.

Várzea do Lório

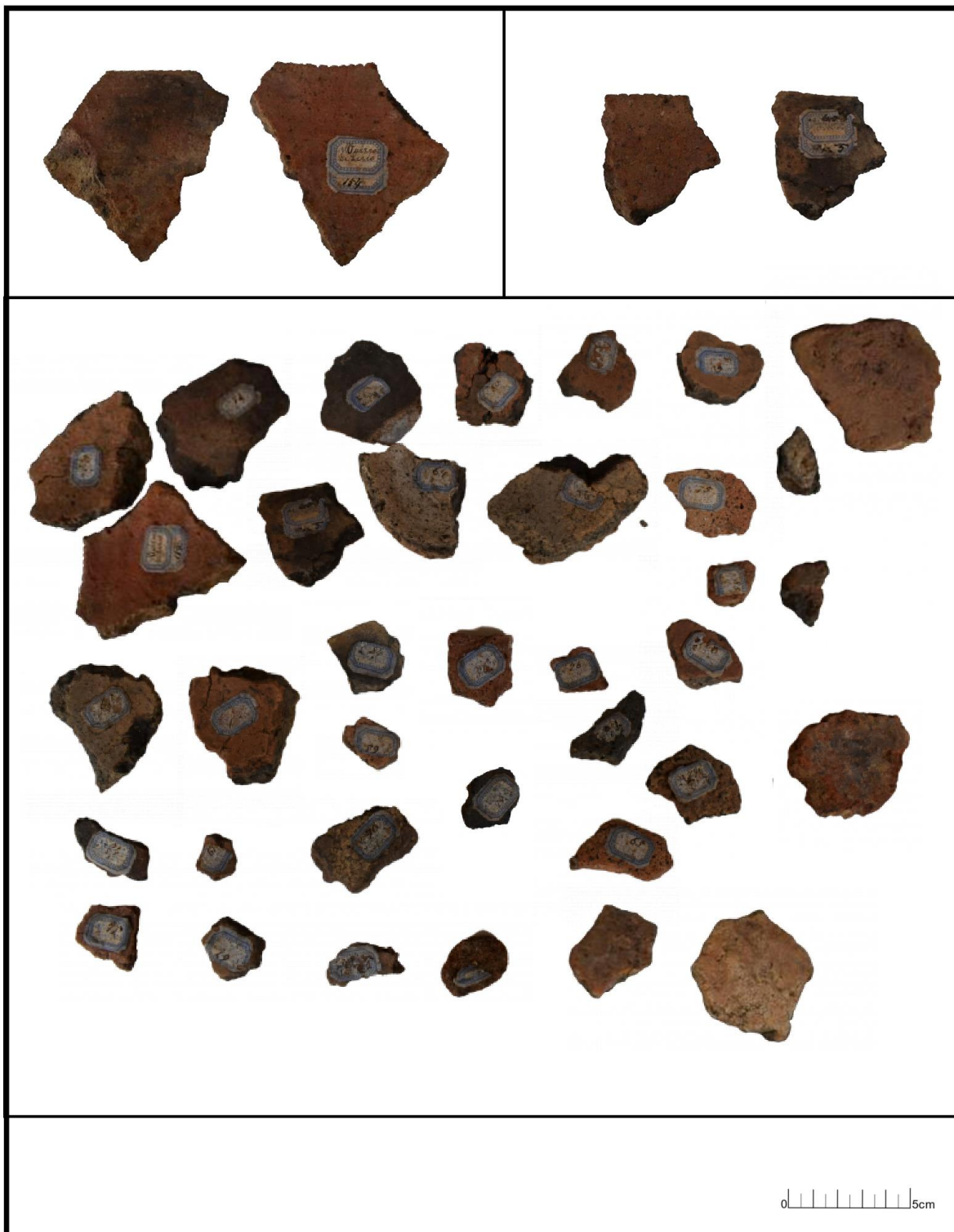


Figura 49 – Materiais provenientes da Várzea do Lório.

Vila Nova de São Pedro

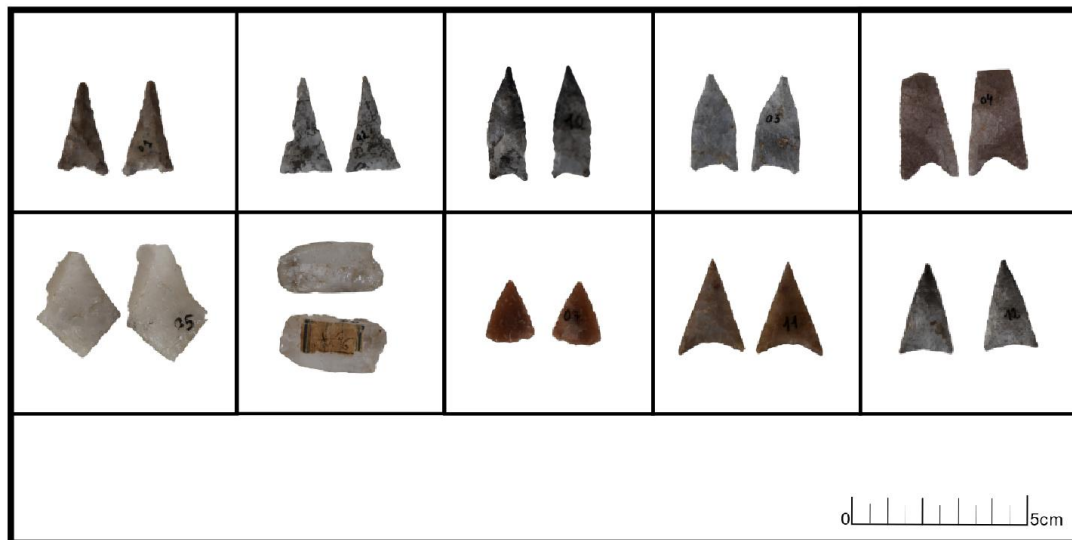


Figura 50 – Materiais provenientes de Vila Nova de São Pedro.

3. Etiquetas



Figura 51 – Etiqueta que acompanha os materiais de Alapraia: “Alapraia”.



Figura 52 – Etiquetas que acompanham os materiais do Cabeço da Mina: “Cabeço da Mina”.

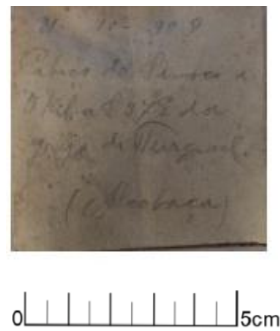


Figura 53 – Etiqueta acompanha os materiais do Cabeço do Samouco: “31-10-909/ Cabeço do Samouco a 5 kil. A S 57 E da Igreja de Turquel (Alcobaça)”.



Figura 54 –Envelope que acompanha os materiais do Cabeço do Samouco: Frente - “Real Companhia central vinícola de Portugal/ D. João Gualberto de Barros e Cunha/Runa” – Verso - “23 SET 09 Coimbra/ Real Companhia central vinícola de Portugal 23 SET 1909 Coimbra.” – Selo - “Correios Portugal Continental 25 Reis” com a face de D. Carlos I”.

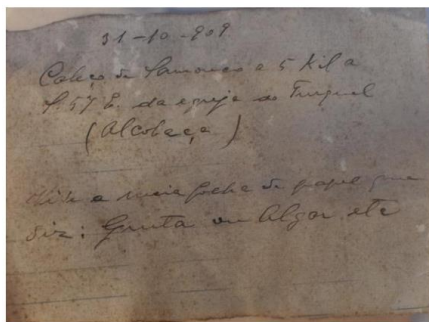


Figura 55 – Etiqueta acompanha os materiais do Cabeço do Samouco: “31-10-909 Cabeço do Samouco a 5 kil a S 57 E da Igreja de Turquel (Alcobaça) Vinha a _____ da _____ que diz: Gruta ou algar ect”.



Figura 56 – Etiquetas que acompanha os materiais do Cabeço do Samouco: “Algar. Cabeço do Samoco 5 kil. S 57 E da igreja de (Turquel) 1909”.



Figura 57 – Um dos materiais cerâmicos, provenientes do Cabeço do Samouco, com uma das etiquetas azuis: “Algar. Cabeço do Samoco 5 kil. S 57 E da igreja de (Turquel) 1909”.

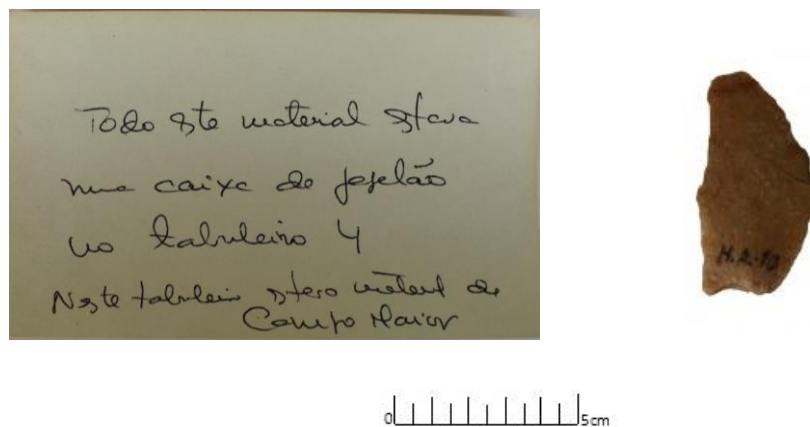


Figura 58 – Etiqueta e marcação colocada nos materiais de Campo Maior.

Etiqueta – “Todo este material estava numa caixa de papelão no tabuleiro 4 / Neste tabuleiro ??? material de Campo Maior”.

Marcação – “H.A.10”.



Figura 59 – Material lítico, proveniente de Campo Maior, com colagem de etiqueta: “Campo Maior/ Sr. Daniel Filipe dos Santos”.

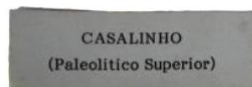


Figura 60 – Etiqueta que acompanha os materiais do Casalinho: “Casalinho (Paleolítico Superior)”.

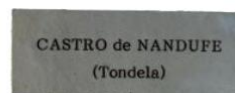
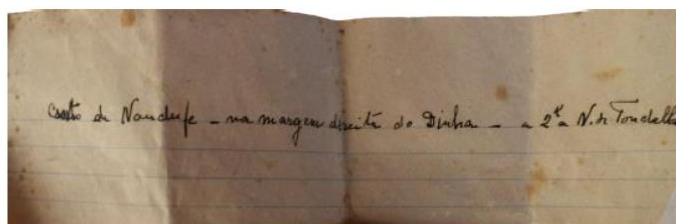


Figura 61 – Etiquetas que acompanha os materiais do Castro de Nandufe.
Etiqueta esq. – “Castro de Nandufe – na margem direita do Dinho – a 2K a N. de Tondela”
Etiqueta dir. – “Castro de Nandufe (Tondela)”.

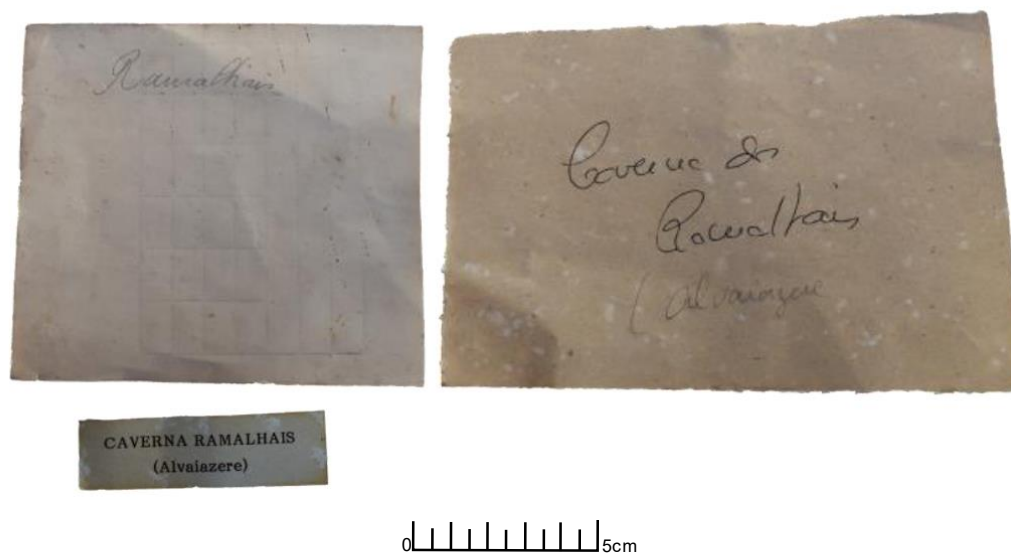


Figura 62 – Etiquetas que acompanha os materiais da Caverna dos Ramalhais.

Etiqueta esq. cima – “Ramalhais”

Etiqueta dir. – “Caverna dos Ramalhais (Alvaiazere)”.

Etiqueta esq. baixo – “CAVERNA RAMALHAIS (Alvaiazere)”.

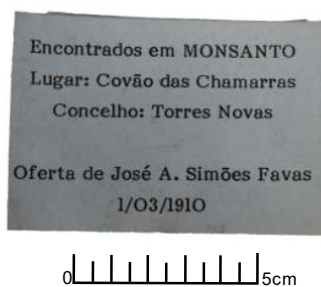


Figura 63 – Etiqueta que acompanha os materiais do Covão das Chamarras: “Encontrados em MONSANTO / Lugar: Covão das Chamarras / Concelho: Torres Novas / Oferta de José A. Simões Fava 1/03/1910”.

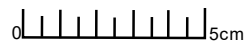
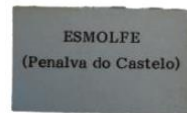


Figura 64 – Etiqueta que acompanha os materiais de Esmolfe: “Esmolfe (Penalva do Castelo)”.

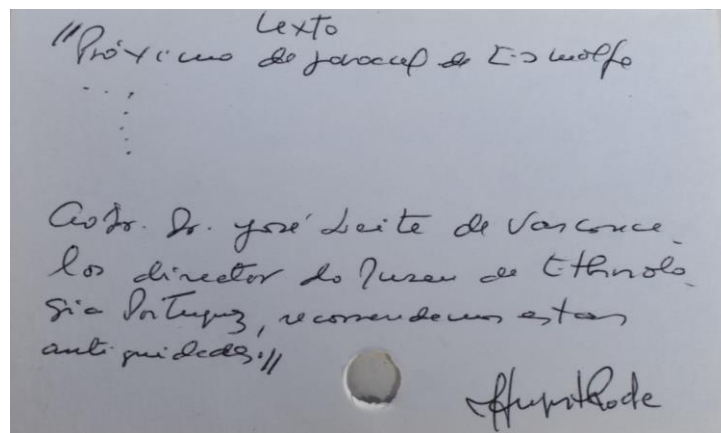


Figura 65 – Etiqueta que acompanha os materiais de Esmolfe: “Texto “Próximo da povoação de Esmolfe / ?? Dr. José Leite de Vasconcelos diretor do Museu de Ethnologia Portuguez, recomendamos estas antiguidades.” Maria Augusta Rocha (assinatura)”.

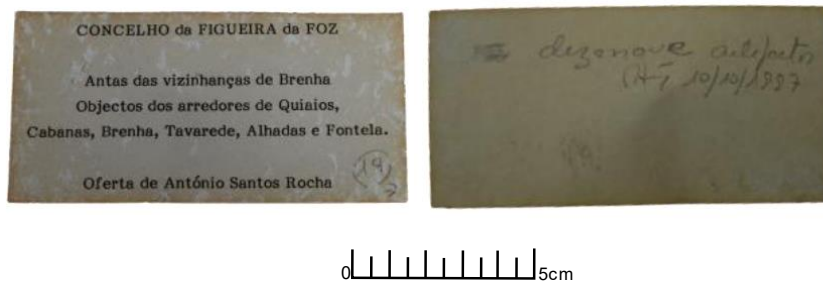


Figura 66 – Etiquetas que acompanha os materiais da Figueira da Foz: Frente – “CONCELHO da FIGUEIRA da FOZ / Antas das vizinhanças de Brenha / Objectos dos arredores de Quiaios, Cabanas, Brenha, Tavarede, Alhadas e Fontela. Oferta de António Santos Rocha /19 ->” - Verso– “dezanove artefactos (?? 10/10/1997)”.



Figura 67 – Exemplo de uma das etiquetas azuis que se encontra colada nos materiais provenientes da Figueira da Foz: “2”.



Figura 68 – Exemplo de uma das etiquetas que se encontra colada nos materiais provenientes da Figueira da Foz: “????/ Serra das Alhadas/ N°18^a”.



Figura 69 – Exemplo de uma das etiquetas que se encontra colada nos materiais provenientes da Figueira da Foz: “Epoca prehistorica/ N°39/ machado de pedra”.



Figura 70 – Etiqueta que acompanha os materiais de Fonte Santa: “Fonte Santa (Ansião)”.

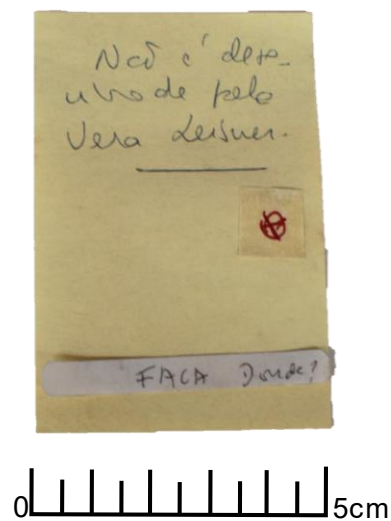


Figura 71 – Etiquetas que acompanham os materiais de Fonte Santa: Amarela – “Não é desenhada pelo Vera Leisner” Branca – “FACA DONDE?”.

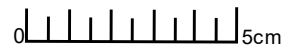
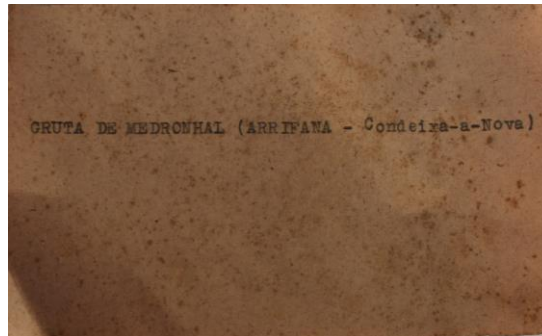


Figura 72 – Etiqueta que acompanha os materiais da Gruta do Medronhal: “GRUTA DO MEDRONHAL (Arrifana – Condeixa-a-Nova)”.

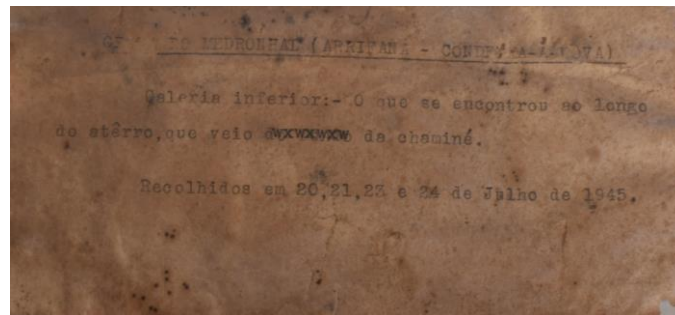


Figura 73 – Etiqueta que acompanha os materiais da Gruta do Medronhal: “GRUTA DO MEDRONHAL (Arrifana – Condeixa-a-Nova) / Galeria inferior:- O que se encontrou ao longo do atêrro que veio da chaminé. Recolhidos em 20,21,23 e 24 de Julho de 1945.”.

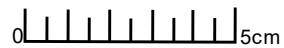
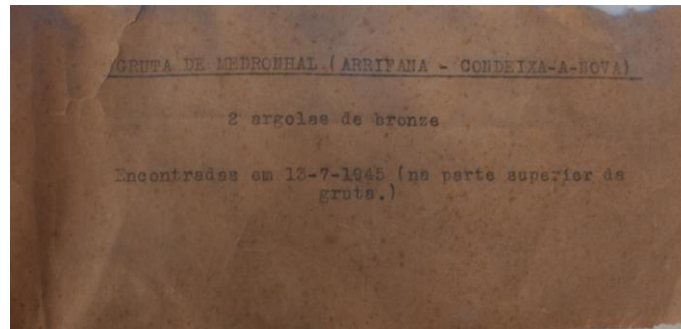


Figura 74 – Etiqueta que acompanha os materiais da Gruta do Medronhal: “GRUTA DO MEDRONHAL (Arrifana – Condeixa-a-Nova) / 2 argolas de bronze / Encontradas em 13-7-1945 (na parte superior da gruta.)”.

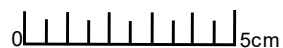
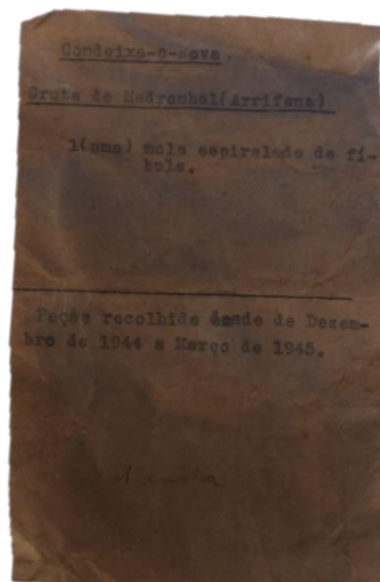


Figura 75 – Etiqueta que acompanha os materiais da Gruta do Medronhal: “Condeixa-a-Nova Gruta de Medronhal (Arrifana) / 1 (uma) mola espiralada de fíbula./ Peças recolhidas desde de Dezembro de 1944 a Março de 1945.”.

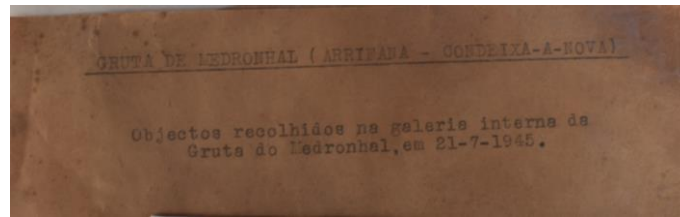


Figura 76 – Etiqueta que acompanha os materiais da Gruta do Medronhal: “GRUTA DO MEDRONHAL (Arrifana – Condeixa-a-Nova) Objectos recolhidos na galeria interna da Gruta do Medronhal, em 21-7-1945”.

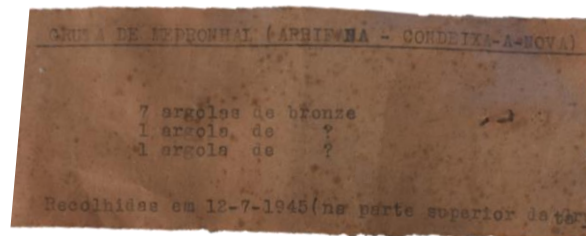


Figura 77 – Etiqueta que acompanha os materiais da Gruta do Medronhal: “GRUTA DO MEDRONHAL (Arrifana – Condeixa-a-Nova) / 7 argolas de bronze / 1 argola de ? / 1 argola de ? / Recolhidas em 12-7-1945 (na parte superior da ta)”.

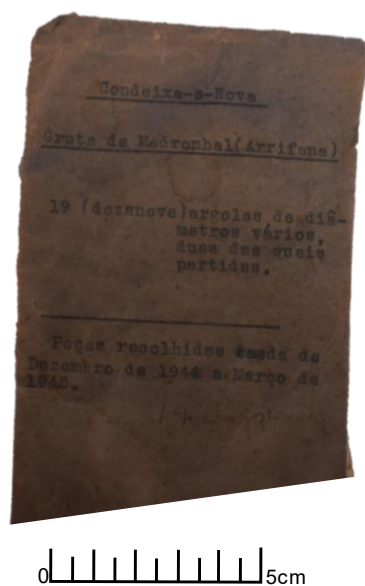


Figura 78 – Etiqueta que acompanha os materiais da Gruta do Medronhal: “Condeixa-a-Nova Gruta de Medronhal (Arrifana) / 19 (dezanove) argolas de diâmetros vários, duas das quais partidas. / Peças recolhidas de Dezembro de 1944 a Março de 1945”.

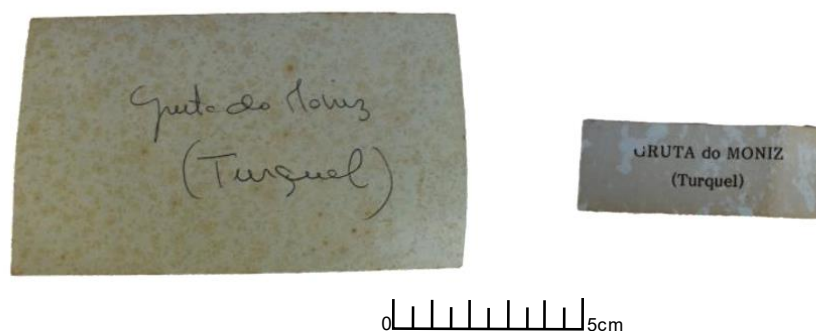


Figura 79 – Etiquetas que acompanham os materiais da Gruta do Moniz: “Gruta do Moniz (Turquel)”.

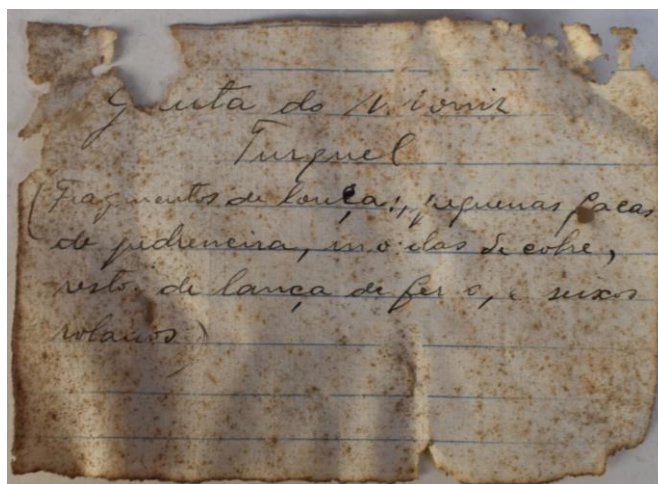


Figura 80 – Etiqueta que acompanha os materiais da Gruta do Moniz: “Gruta do Moniz / Turquel / (Fragmentos de louças, pequenas facas de pedreira, moedas de cobre, restos de lança de ferro, e seixos rolados)”.

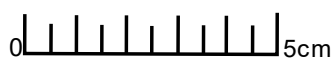
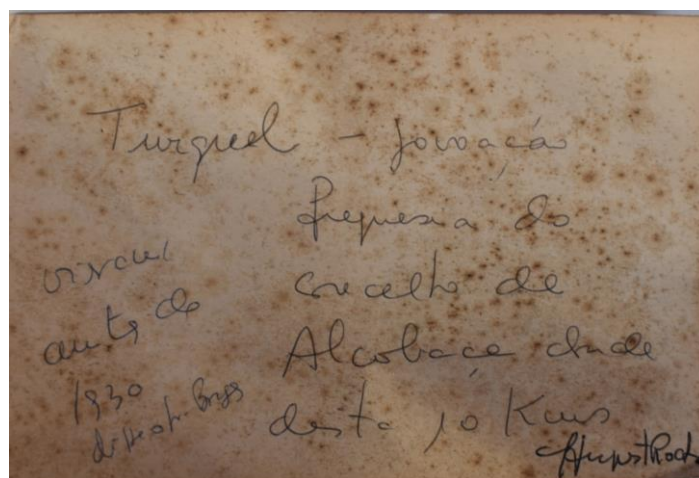


Figura 81 – Etiqueta que acompanha os materiais da Gruta do Moniz: “Turquel – povoação / freguesia do concelho de Alcobaca, desde desta 10 kms. ??? antes de 1930 ???”.



Figura 82 – Etiquetas coladas em materiais, provenientes da Gruta do Moniz: “25-11-909 Gruta do Moniz (Turquel)”.

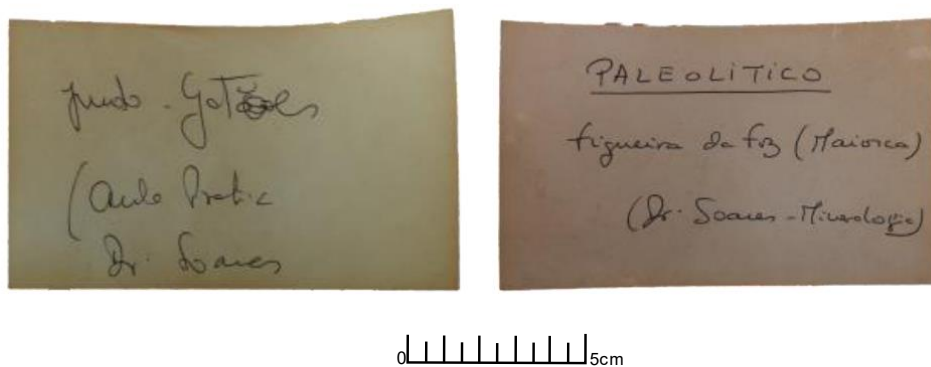


Figura 83 – Etiquetas que acompanha os materiais de Maiorca e Gatões.

Etiqueta esq. – “junto – Gatões (aula pratica Dr. Soares)”

Etiqueta dir. – “Paleolítico Figueira da Foz (Maiorca) (Dr. Soares – Mineralogia)”.

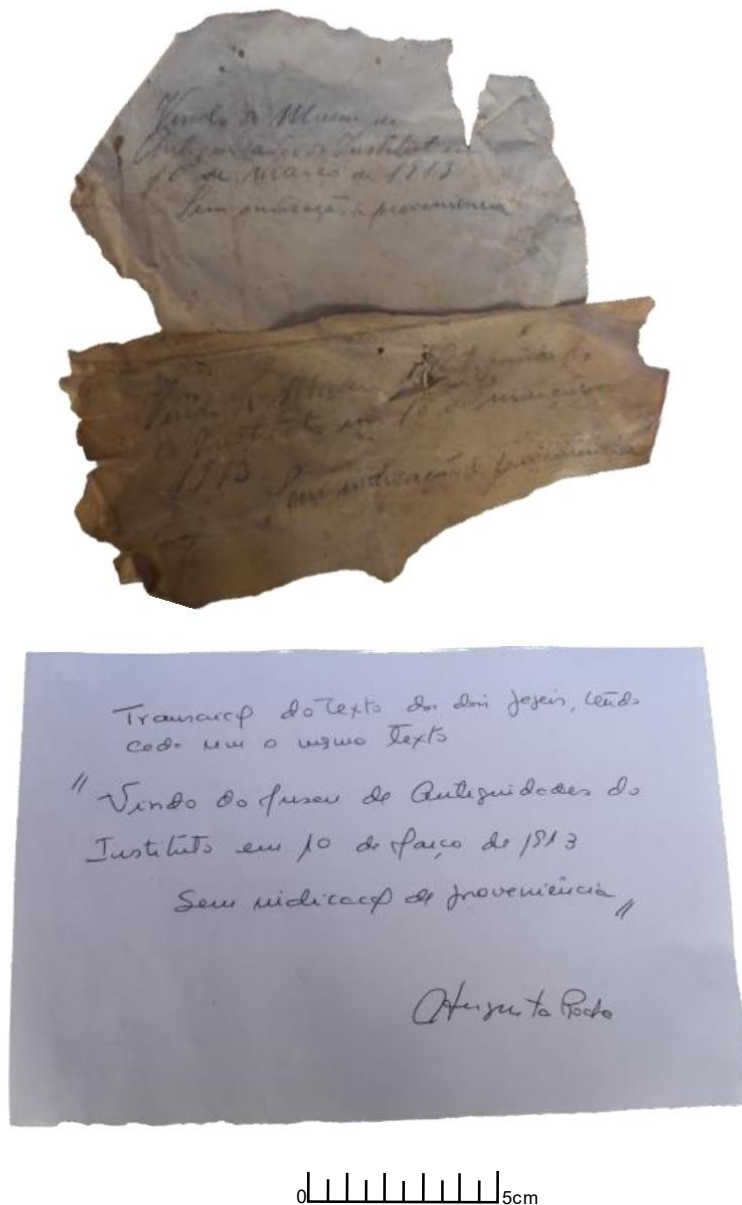


Figura 84 – Etiquetas que acompanha os materiais do Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra.

O papel transcreve os dois papéis mais antigos: “Transcrevi do texto dos dois papéis, tendo cada um o mesmo texto/ “Vindo do Museu de antiguidades do Instituto em 10 de Março de 1913/ Sem indicação de proveniência” Maria Augusta Rocha”.

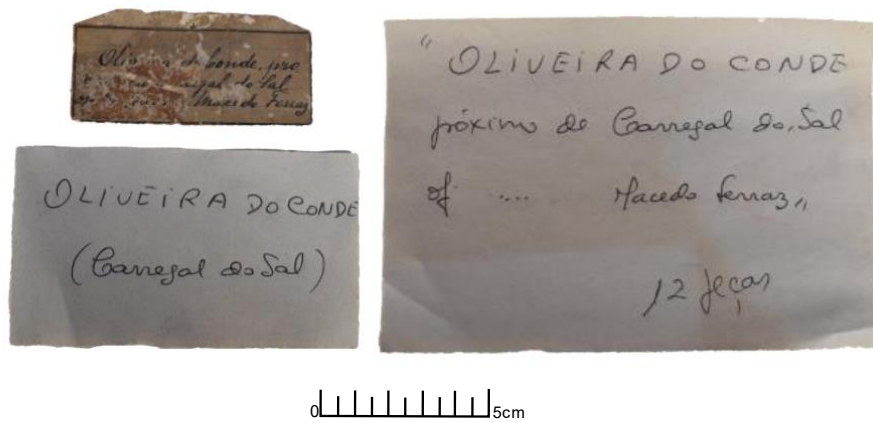


Figura 85 – Etiquetas que acompanha os materiais de Oliveira do Conde.

Etiqueta esq. cima – “Oliveira do Conde, próximo do Carregal do Sal, ofer???Macedo Ferraz”.

Etiqueta dir. - “Oliveira do Conde, próximo do Carregal do Sal, ofer???Macedo Ferraz/ 12 peças”.

Etiqueta esq. baixo – “OLIVEIRA DO CONDE (Carregal do Sal)”.

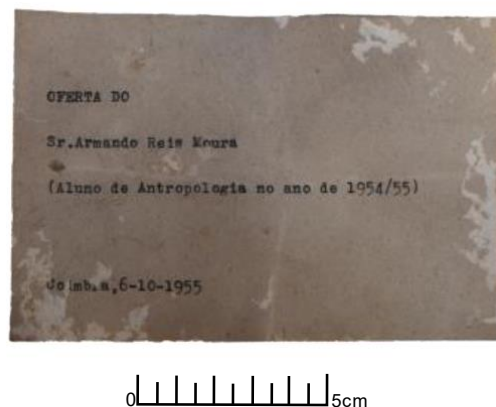


Figura 86 – Etiqueta que acompanha os materiais de Origem desconhecida, oferta de Armando Reis Moura: “OFERTA DO Sr. Armando Reis Moura (Aluno de Antropologia no ano de 1945/55) / Coimbra, 6-10-1955”.

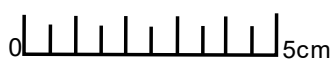
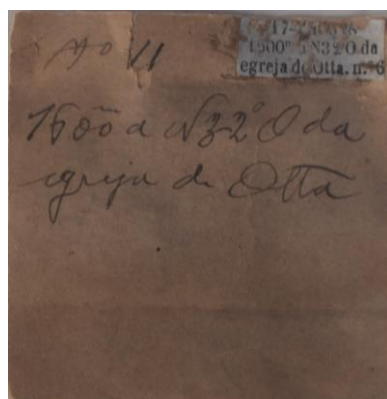


Figura 87 – Etiqueta que acompanha os materiais da Otta: “n° VI/ 1600^m a N 32° O da igreja de Otta. 17-11-908 1600^m a N 32° O da igreja da Otta n°6”.

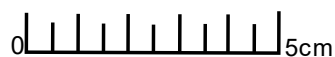
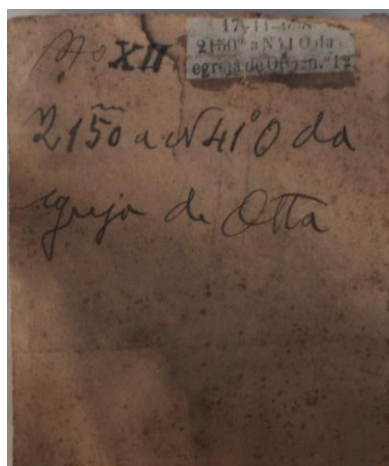


Figura 88 – Etiqueta que acompanha os materiais da Otta: “n° XII/ 2150^m a N 41° O da igreja de Otta. 14-11-908 2150^m a N 41° O da igreja de Otta n.°12”.

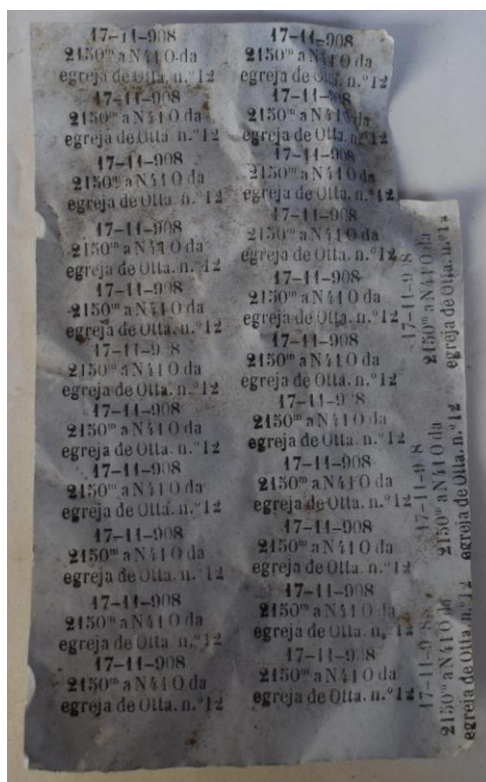


Figura 89 – Etiquetas que acompanham os materiais da Ota: “17-11-908 2150^m N 41 O da igreja da Otta n.º12”.



Figura 90 – Exemplo de uma das etiquetas azuis colada num material cerâmico, proveniente da Ota: “17-11-908 1600^m a N 32O da igreja de Otta. n.º6”.



Figura 91 – Etiquetas que acompanham os materiais de Parada de Gonta: “PARADA DE GONTA”.

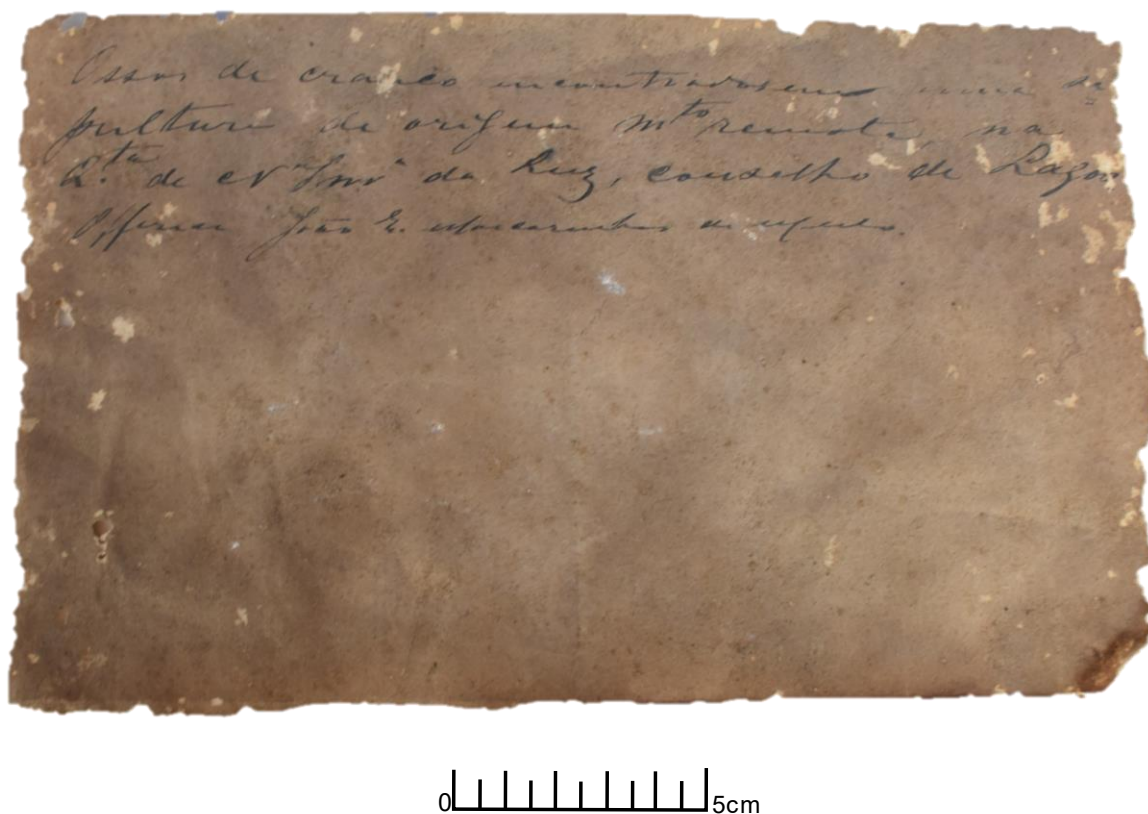


Figura 92 – Etiqueta que acompanha os materiais de Origem Desconhecida: “Ossos do crânio encontrados em uma sepultura de origem m^{to} remota na Q.^{ta} de N. Senhora da Luz, concelho de Lagos (?). Offerece (?) João R. Mascarenhas (?) da/de Monte (?)”.

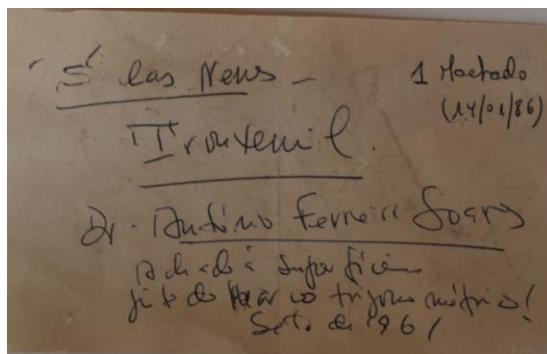


Figura 93 – Etiqueta que acompanha o lítico de Trouxemil: “S. das Neves – Trouxemil / Dr. António Ferreira Soares / Achado à superfície / sitio de ??? do ??? ??? / Set.(embro) de 1961. 1 machado (14/01/86)”.

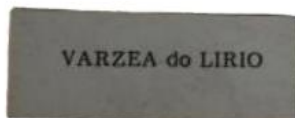


Figura 94 – Etiqueta que acompanha os materiais arqueológicos de Várzea do Lirio: “Várzea do Lirio”.



Figura 95– Exemplo de uma das etiquetas que se encontra colada nos materiais cerâmicos de Várzea do Lirio: “Várzea do Lirio/ 154”.

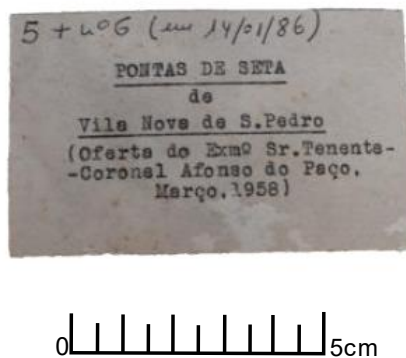


Figura 96 – Etiqueta que acompanha os materiais de Vila Nova de São Pedro: “5 + n° 6 (em 14/01/86) / PONTAS DE SETA de Vila Nova de S. Pedro (Oferta do Exm.º Sr. Tenente-Coronel Afonso do Paço, Março, 1958)”.

VI. Caverna dos Ramalhais: desenhos e fotografias

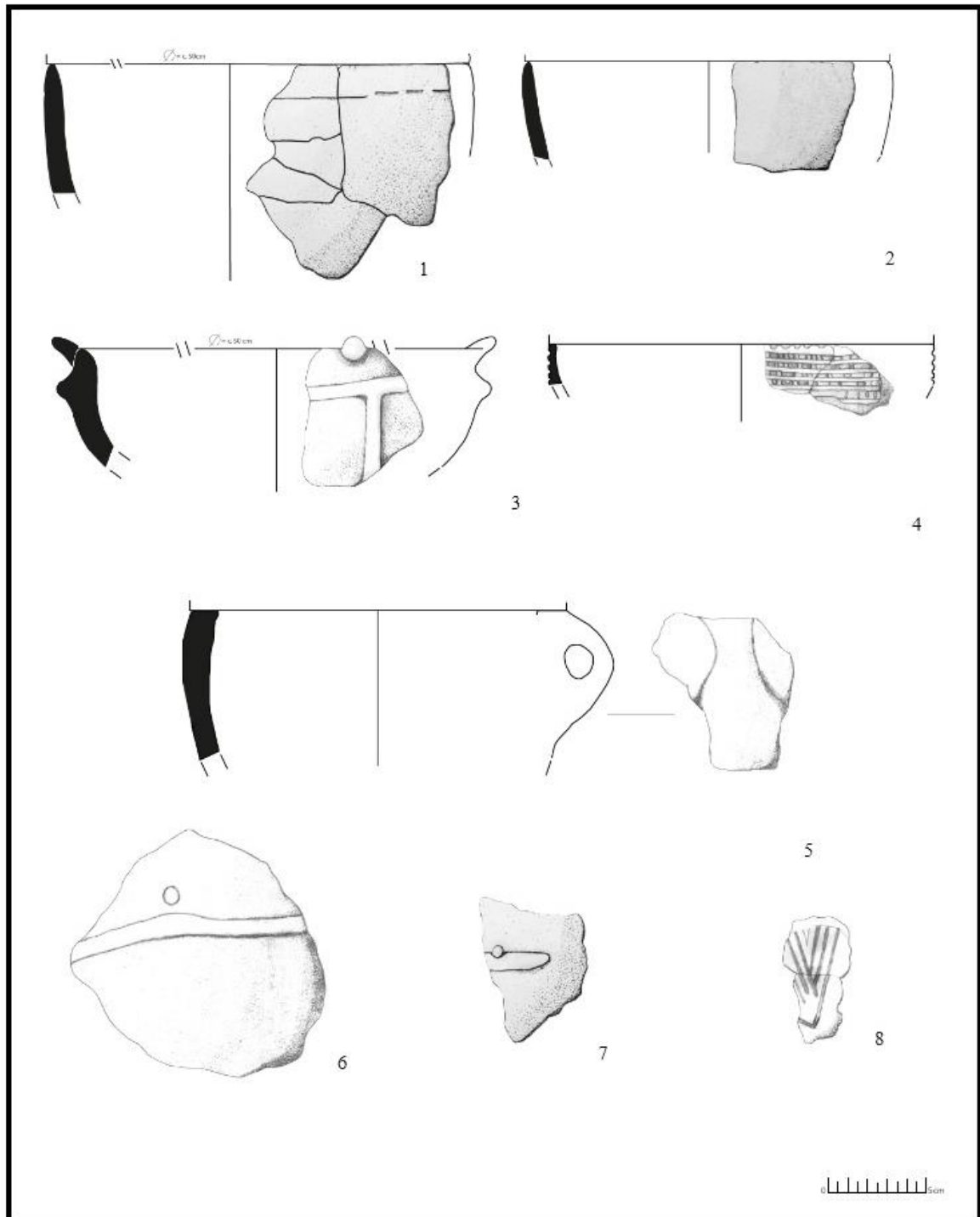


Figura 97 – Desenhos dos materiais seleccionados da Caverna dos Ramalhais. Os números são relativamente aos que atribuímos a cada peça.



Figura 98 –Fotografia dos materiais seleccionados da Caverna dos Ramalhais. Os números são relativamente aos que atribuímos a cada peça.